



100 anos da Revolução Russa

Como fizemos
a revolução

Leon Trotsky



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS**
MASSAS

Índice

Apresentação	3
Prólogo	5
1 - A pequena burguesia intelectual e a revolução	7
2 - A Questão da Guerra	11
3 - A campanha contra os bolcheviques	13
4 - A ofensiva de 1º de julho	16
5 - As jornadas de julho	20
6 - Depois das jornadas de julho	24
7 - O levante de Kornilov	25
8 - A luta no interior dos soviets	27
9 - A Conferência Democrática	30
10 - Complicações no front e na situação interna	32
11 - A inevitável luta pelo poder	34
12 - A luta pelo Congresso dos Sovietes	36
13 - O conflito na guarnição de Petrogrado	37
14 - O Conselho Democrático e o Parlamento Provisório	40
15. Os socialistas revolucionários e os mencheviques	42
16 - A voz dos combatentes	45
17 - O Comitê Militar Revolucionário	47
18 - Maré montante	49
19 - O Soviete de Petrogrado	51
20 - A conquista dos vacilantes	53
21 - O começo da insurreição	55
22 - A jornada decisiva	59
23 - A formação do Conselho dos Comissários do Povo	62
24 - Os primeiros dias do novo regime	64
25 - O levante das escolas militares	66
26 - A marcha de Kerensky a Petrogrado	68
27 - O fracasso de Kerensky	71
28 - Divergências interiores	75
29 - A sorte da Assembleia Constituinte	78
30 - Os princípios democráticos e a ditadura proletária	80
31 - As negociações de paz	83
32 - A segunda guerra e assinatura do tratado de paz	92
33 - Conclusão	95

Apresentação

Com esta segunda publicação, damos sequência à nossa campanha de comemoração dos 100 anos da Revolução Russa de 1917. Oferecemos ao leitor o texto de Leon Trotsky, escrito durante as tensas negociações de paz, em Brest-Litovsky, entre a Rússia soviética e a Alemanha imperial. As negociações de paz ocorreram apenas alguns meses após a tomada do poder pelos bolcheviques. A burguesia imperialista da Europa e dos EUA esforçava-se ao máximo para difundir a imagem do novo poder soviético como o reino do caos e da selvageria. O seu livro, por isso, está voltado a explicar aos operários de todo o mundo o que foi e como se passou a revolução, conforme explica o próprio autor no seu prólogo. O texto de Trotsky é uma narrativa de estilo popular que conserva toda a energia e dramaticidade dos acontecimentos daquele glorioso ano de 1917. Escrito originalmente em russo, recebeu o nome de *A Revolução de Outubro* (Oktiabrskaya Revolutsia) e foi uma das primeiras obras historiográficas da revolução, por isso mesmo bastante difundida pelo governo revolucionário de Lênin. Obra popular na Rússia soviética dos primeiros anos, tornou-se, posteriormente, proibida e retirada de circulação com a degeneração burocrática da URSS, tal como os demais escritos do autor. Foi traduzida para vários idiomas com diferentes títulos; nos países latinoamericanos, ficou conhecida com o título de “Como fizemos a revolução”, que acabamos por preservar neste folheto.

O texto aqui publicado tomou por base a edição produzida pela global, que veio à luz em 1978 a partir da tradução francesa de Roberto Goldkorn. A edição francesa, na qual foi baseada a tradução de Goldkorn intitulava-se, aliás, “*Les bolcheviques dans la Revolution d’Octobre*”. As modificações em nossa edição foram feitas tomando por base a tradução para língua espanhola editada pelo argentino CEIP e, em menor grau, a tradução para o francês, disponível no

site do marxists internet archive, chamada “*A ascensão do bolchevismo*” (*L’avènement du bolchévisme*). Dessa forma, os 13 capítulos iniciais da edição da global foram reorganizados e desdobrados em 33, sendo renomeados conforme a edição argentina e francesa, por considerarmos mais adequado. O cotejamento com as versões espanhola do CEIP e francesa no MIA, nos permitiu preencher incontáveis lacunas e corrigir diversos erros presentes na antiga edição brasileira da global. Em razão disso, foram acrescentadas as inúmeras passagens suprimidas na edição brasileira de 1978. Também inserimos as notas de rodapé da edição em espanhol, ausentes no texto da global e fundamentais para o leitor pouco familiarizado com a história política russa e europeia do período. Por fim, substituímos a antiga introdução da já citada edição brasileira de 1978, que continha alguns erros históricos e políticos, pelo prólogo de Leon Trotsky, que abre a edição do CEIP.

Desejamos aos leitores em geral, e à vanguarda dos explorados em particular, um estudo consciencioso desta obra, que permite compreender os métodos, a tática e a estratégia bolcheviques. A desintegração mundial do regime burguês de produção, se arrasta pelo século XXI. Entre o socialismo e a hecatombe não há outras alternativas possíveis à humanidade. Os trabalhadores conscientes, que tem seu lugar nas primeiras filas do combate, encontrarão as melhores armas no manancial inesgotável das revoluções proletárias e em sua ciência, o marxismo.

Fortaleza, julho de 2017
Rafael Souza

Prólogo

Este livro foi escrito em circunstâncias pouco propícias para um esforço concentrado. Tinha já feito os capítulos de que consta e, para reuni-los em um conjunto harmônico, aproveitei os momentos de folga entre uma sessão e outra da Conferência de Paz de Brest-Litovsk.¹

Meu trabalho tem como objetivo explicar aos operários de todos os países o sentido da Revolução Russa ocorrida em novembro².

³Quis a história que os delegados do regime mais revolucionário da terra, tomassem assento na mesa de conferências a que se juntavam, do outro lado, os enviados da casta mais reacionária entre todas as que formam as classes dominantes. Em nossas reuniões, não perdemos de vista um só momento o fato de que estávamos ali por obra de uma classe revolucionária. Nossos discursos se dirigiam a todos os operários cansados da guerra. E nossa energia se manteve incólume graças à profunda convicção de que a última palavra neste assunto da

1 **Brest-Litovsk:** povoado na fronteira russo-polonesa (hoje cidade bielorrussa de 300 mil habitantes na fronteira com a Polônia, chamada apenas de Brest), onde foi assinado o tratado de Paz, em 3 de março de 1918, entre a Rússia revolucionária e a Alemanha imperialista. As negociações duraram de 22 de dezembro de 1917 a 10 de fevereiro de 1918. Os termos do tratado eram pesadamente desfavoráveis ao governo soviético, que teve de ceder inúmeros territórios. Trotsky prolongou as negociações ao máximo para fazer propaganda revolucionária e permitir que o proletariado alemão saísse do clima criado pela guerra. A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e a eclosão da revolução de novembro de 1918, permitiram à URSS anular o tratado e recuperar os territórios cedidos.

2 **Revolução Russa de novembro:** Até a Revolução, o velho calendário russo (juliano) era diferente do usado no Ocidente (o calendário gregoriano). Isto produzia uma discrepância de 12 dias no século XIX e de 13 dias no século XX. O 7 de novembro é, no calendário ocidental, a data correspondente ao 25 de outubro do calendário russo em que triunfa a insurreição que se conhece internacionalmente como a Revolução de Outubro ou o “Outubro Russo”.

guerra, como em todas as questões atuais, não poderia ser pronunciada senão pelos operários da Europa. Enquanto dialogávamos com Kühlmann e Czernin⁴, víamos ao longe as figuras de Karl Liebknecht e de Friedrich Adler⁵. Nos momentos livres, eu preparava este livro para circular entre os operários da Alemanha, da Áustria-Hungria e dos outros países.

A imprensa que serve de órgão da burguesia da Europa insulta com voz unânime o regime do proletariado russo, para cuja condenação não crê serem suficientes as mais ignominiosas injúrias. Por sua vez, a imprensa do socialismo patriótico, carente de calor e de fé na sua própria obra, revelou uma incapacidade completa para compreender e interpretar o verdadeiro caráter da Revolução Russa.

Creio que os operários revolucionários da Europa e de todas as partes do mundo nos entenderão, e creio que logo logo iniciarão a mesma obra a que nos dedicamos agora. Aproveitando sua experiência, que é maior, e os meios técnicos e intelectuais de que dispõem, mais perfeitos que os nossos, sua ação terá toda a eficácia necessária e poderão nos dar o auxílio de que necessitamos para superar todas as nossas dificuldades.

Leon Trotsky
Brest-Litovsk, 12 de fevereiro de 1918

4 **Kühlmann, Richard von** (1873-1948): Plenipotenciário alemão nas negociações de paz de Brest-Litovsk junto ao general Hoffmann. Czernin, O. G. (1872-1932): Nomeado ministro de Negócios Exteriores pelo Imperador Carlos VIII, interveio nas discussões de Brest-Litovsk, à frente da delegação austríaca.

5 **Karl Liebknecht** (1871-1919): Deputado socialdemocrata no Reichstag quando teve início a Primeira Guerra Mundial. Ainda junto a seu partido (o SPD), votou os empréstimos de guerra a 4 de agosto de 1914. Logo em seguida, repudiou esta política. Esteve encarcerado de 1916 a 1918 por sua atividade antibelicista. Fundou, junto a Rosa Luxemburgo, a Liga Espártaco. Ambos foram assassinados por ordem do governo socialdemocrata, por dirigir a prematura insurreição de janeiro de 1919. Friedrich Adler (1879-1960): Secretário do Partido Socialdemocrata Austríaco de 1911 a 1916, quando assassinou o premier austríaco e foi preso. Liberado pela Revolução de 1918, conclamou a Internacional dois e meio a unificar-se com a Segunda Internacional em 1923, convertendo-se no seu secretário.

1 - A pequena burguesia intelectual e a revolução

Na nossa época, os acontecimentos sucedem-se com tamanha rapidez que se torna difícil reproduzi-los por ordem cronológica. Não disponho de quaisquer fontes documentais para organizar um esboço da Revolução de Outubro, mas faço-o confiando nas minhas recordações e reservando para mais tarde um relato mais completo e perfeito, apoiado em testemunhos verídicos.

Desde os primeiros dias da Revolução de Fevereiro⁶, o nosso partido⁷ teve a firme convicção de que a lógica dos acontecimentos o levaria ao poder. Não quero falar dos teóricos do nosso partido que, muitos anos antes desta Revolução anteriormente ainda à de 1905⁸,

6 **Revolução de Fevereiro:** Refere-se à revolução ocorrida entre 23 e 27 de fevereiro (8 a 12 de março, no atual calendário) que derrubou o regime monarquista e autocrático do czarismo. A onda grevista e as manifestações de massas começaram em Petrogrado. O movimento se alastrou por várias cidades. O Czar caiu. Formaram-se os sovietes de deputados operários, soldados e camponeses. Assumiu o poder um Governo Provisório encabeçado pelos liberais kadetes, sob a chefia do príncipe Georgy Lvov.

7 **Nosso partido:** Chegando à Rússia em 03 de abril (16, segundo o calendário atual), vindo do exílio suíço, Lênin travou um duro combate no interior do Partido Bolchevique pela mudança de sua linha política. Kamenev e Stálin, à frente do Pravda (principal jornal bolchevique) e seguidos por toda uma ala do partido, defendiam o apoio crítico ao governo provisório de Lvov. Lênin atacou furiosamente essa linha e defendeu seus pontos de vista nas “teses de abril”. Para ele, era preciso preparar a segunda etapa da revolução, que levaria à ditadura proletária. A intervenção bolchevique nos sovietes deveria ser a de ‘explicar pacientemente’ às massas o caráter burguês-latifundiário do governo e combater a diretriz conciliadora de mencheviques e socialistas revolucionários. Ao cabo de um mês de polêmicas, Lênin ganhou a maioria e o partido reorientou sua política, graças a qual pode tomar o poder em outubro.

8 Revolução de 1905: Após o “Domingo Sangrento”, quando uma manifestação pacífica de operários de São Petersburgo foi reprimida, produzindo centenas de mortos e milhares de feridos, o proletariado revelou-se uma força social fundamental. A agitação econômica e, mais tarde, as greves políticas,

analisando as relações entre as classes sociais russas, tinham afirmado que um movimento social revolucionário colocaria inevitavelmente o poder do Estado nas mãos dos proletários, apoiados pela grande massa dos camponeses pobres.

Esta afirmação apoiava-se na insignificância da burguesia democrática e na concentração da indústria em poucas mãos, o que determinava a importância enorme da classe operária. A insignificância da classe média não é mais do que o reverso do poder do proletariado. A guerra originou aparências enganadoras a este respeito, porque atribuiu um papel decisivo ao exército, que na realidade era formado por camponeses. Se a revolução tivesse acontecido em época mais normal; se tivesse começado em tempo de paz, como em 1912, o proletariado teria assumido uma atitude dirigente desde o primeiro momento e teria arrastado gradualmente os camponeses. A guerra, porém, modificou a lógica dos acontecimentos. Os camponeses estavam organizados militarmente no exército; antes que as aspirações e ideias os unissem, já estavam organizados em regimentos. Os pequenos burgueses espalhados nesse exército, experimentavam quase todos os sentimentos revolucionários próprios de sua classe. O descontentamento social da massa aumentava e adensava-se com o desastre militar. Apenas começou o movimento revolucionário, a guarda avançada do proletariado restaurou as tradições de 1905 e incitou as massas para se organizarem em corpos representativos, isto é, em soviets.⁹

O exército viu-se na necessidade de enviar representantes aos conselhos revolucionários antes que sua consciência política alcançasse a grandeza revolucionária que os acontecimentos adquiriam. A quem os soldados poderiam enviar como representantes? Evidentemente que apenas os intelectuais e semi-intelectuais que haviam entre eles, que possuindo um mínimo de conhecimentos políticos conseguiam exprimir suas ideias.

Deste modo os intelectuais da classe média adquiriram rapidamente uma influência enorme. Médicos, engenheiros, advogados, jornalistas, que antes da guerra levavam uma vida absolutamente

arrastaram centenas de milhares de operários. Após os motins no Exército e na Marinha - entre os quais destacou-se a célebre odisséia do Potemkin -, a agitação culmina no mês de outubro, com uma greve geral. O Czar publicou um manifesto que satisfaz, em parte, as reivindicações políticas da burguesia, que passou imediatamente ao seu lado. Os operários de Moscou lutaram sozinhos de 7 a 17 de dezembro, mas foram fortemente reprimidos. A derrota, todavia, deixou profundas lições.

9 **Soviets:** Os soviets surgiram pela primeira vez em outubro de 1905 na cidade de São Petersburgo. Sua representação se constituía com base nas unidades de produção. Elegia-se um delegado para cada quinhentos operários e seu mandato era revogável. Pôs em prática a liberdade de imprensa, organizou patrulhas para a proteção dos cidadãos; apoderou-se em certa medida dos correios, telégrafos, ferrovias; e tentou estabelecer, de fato, a jornada de oito horas. Foi a organização mais adequada para a classe operária em sua luta independente e mostrou sua potencialidade como organismo de poder operário, como base para um novo tipo de Estado.

burguesa, depressa tornaram-se representantes de associações e exércitos e sentiam-se chefes da revolução. A vacuidade das suas ideias políticas correspondia exatamente ao estado amorfo da consciência revolucionária das massas. Para estes elementos nós éramos sectários; nós que tínhamos formulado as reclamações a favor dos trabalhadores e camponeses com uma clareza e precisão irreconciliáveis.

Notava-se, porém, que os representantes da democracia, ainda que orgulhosos do seu ímpeto revolucionário, desconfiavam das apatidões e do valor das massas que os haviam escolhido. Intitulando-se 'socialistas' e acreditando-se como tais, na realidade conservavam a sua atitude respeitosa ante a autoridade política dos liberais burgueses, cuja sabedoria e métodos acatavam. Por isso tentaram obter, a toda força, o concurso dos liberais para formar com eles uma aliança ou coligação.

O programa do Partido Socialista Revolucionário¹⁰, cheio de fórmulas e de expressões sentimentalistas e prédicas morais, substitutivos dos métodos da luta de classes, era o maior atrativo espiritual para os improvisados diretores do movimento.

Os seus esforços para suprir a sua impotência intelectual e política, socorrendo-se da ciência da burguesia, encontraram uma sanção teórica nos ensinamentos dos mencheviques.¹¹ Estes acreditavam que a revolução devia ter um caráter burguês e não podia realizar-se sem a participação dos indivíduos desta classe no governo. Formou-se um bloco entre os socialistas revolucionários e os mencheviques, como expressão do tímido e vacilante espírito político dos intelectuais da classe média, convertidos em vassalos do liberalismo imperialista.

Nós compreendíamos claramente que a lógica da luta de classe destruiria, por fim, aquela combinação transitória e acabaria com os chefes do período de transição. O predomínio dos intelectuais pequeno-burgueses, fundamentalmente, não significava senão que os camponeses, chamados subitamente a tomar parte na vida pública, como membros do exército que se tinha convertido em ação política, impunham, com a força do número, uma eliminação momentânea do proletariado. Os chefes da classe média tinham subido àquela altura devido à força formidável dos soldados, enquanto os membros da classe operária, exceto os mais evoluídos, estavam obrigados a acatar os chefes dirigentes do movimento e manter-se em contato com eles, sob pena de ficarem separados das massas camponesas.

10 **Partido Socialista Revolucionário:** Também chamado *Eserista*, fundado em 1900, chegou a ser a expressão política de todas as correntes populistas que existiam na Rússia e foi o que mais influência teve no campesinato antes da revolução.

11 **Mencheviques:** Fração do Partido Operário Socialdemocrata Russo (POSDR), surgida em 1903. Corrente oportunista e pequeno-burguesa inimiga do bolchevismo. Opuseram-se à Revolução de Outubro em 1917. Nos anos da guerra civil (1918-1920), com exceção da sua ala esquerda, aliaram-se à contrarrevolução burguesa e imperialista contra o poder soviético.

Tal situação apresentava um problema difícil. As gerações mais antigas tinham viva a recordação de 1905, da derrota, então, sofrida pelo proletariado porque não vieram em seu socorro as imensas massas de camponeses. Esta foi a razão para que, na primeira fase da nova revolução, os proletários tenham se mostrado propícios à aceitação da ideologia dos socialistas revolucionários e mencheviques. Todavia, a revolução parecia ter abalado os operários politicamente mais atrasados e o vago radicalismo dos intelectuais era uma escola rudimentar para estes operários.

Deste modo, o conselho (soviete) dos operários, soldados e camponeses refletia o predomínio do elemento amorfo destes últimos sobre o proletariado socialista, e o do radicalismo intelectual sobre aquele mesmo elemento amorfo.

O edifício do soviétismo ganhou rapidamente uma altura gigantesca graças a participação dos intelectuais naquele trabalho, utilizando nele os seus conhecimentos técnicos e as suas relações com a classe média. Para nós, porém, era evidente que faltava ao edifício uma base sólida e que desmoronaria logo que iniciasse a fase seguinte da Revolução.

2 - A Questão da Guerra

A revolução surgiu diretamente da guerra¹². A guerra foi também o teste de fogo para todos os partidos e todas as forças revolucionárias.

Os chefes intelectuais tinham sido inimigos da guerra. Muitos deles, ainda que sob o czarismo, acreditavam-se solidários com a esquerda Internacional e figuravam entre os zimerwaldianos¹³. Donos do poder, porém, mudaram completamente. Defender a revolução socialista, naquela época, teria significado a ruptura com a burguesia russa e com as potências da Entente. Mas, como já disse, a incapacidade dos intelectuais pequeno burgueses e dos semi-intelectuais, seus amigos, obrigou-os a procurar a proteção dos liberais burgueses. Daqui o lamentável papel verdadeiramente abafado, desempenhado pelos chefes da pequena burguesia na questão da guerra, porque se limitou a queixar-se retoricamente e a fazer súplicas secretas aos governos aliados, mas sem se afastar da política do liberalismo burguês. Nas trincheiras, os soldados não conseguiam compreender como iriam acabar com a guerra que sustentavam há três anos, uma vez que para eles nada havia mudado, desde a queda do Czar (Nicolau Romanov NDE), além de certos indivíduos, chamados socialistas revolucionários e mencheviques, no governo de Petrogrado.

12 **Guerra:** A I Guerra Mundial teve início oficial em 28 de julho de 1914 vindo a encerrar-se a 11 de novembro de 1918 com a derrota da Alemanha e seus aliados. Teve como palco principal a Europa e opôs a Triplice Aliança ou impérios centrais (Alemanha, Império Austro-húngaro e Itália) à Triplice Entente ou Aliados (Inglaterra, França e Império Russo). Inúmeros outros países se envolverão mais tarde no conflito como os Estados Unidos, que apoiarão a Entente e o Império Turco-Otomano, que se alinhará com a Alemanha. Os laços econômicos do Império Russo com a França e a Inglaterra determinaram sua participação na guerra mesmo sem as condições econômicas e industriais para tal. (Nota do Editor)

13 **Zimerwaldianos:** Em setembro de 1915, realizou-se em Zimmerwald, na Suíça, uma conferência que tinha o objetivo de reagrupar as correntes internacionalistas que haviam sobrevivido à catástrofe provocada pelo desmoronamento da II Internacional, na Primeira Guerra Mundial. A maioria das correntes e delegados que participaram eram pacifistas. Uma minoria constituída por Lênin, Trotsky e outros formou uma ala revolucionária que seria chamada, desde então, de “esquerda de Zimmerwald”.

Miliukov sucedeu a Pokrovsky; Terestchenko¹⁴ a Miliukov. A perfídia burocrática, substituída pelo imperialismo dos Kadetes¹⁵. Nos postos de comando do Estado reinava um servilismo político nebuloso e desprovido de princípios. Nada disto implicava qualquer mudança objetiva e todos continuavam no círculo vicioso da guerra. Esta foi a primeira causa da dissolução do exército. Os agitadores revolucionários tinham dito que o governo dos czares enviava as massas ao matadouro, sem objetivo nem sentido claro das causas da luta, e os sucessores do Czar não sabiam mudar o caráter da guerra, nem fazer a paz.

Nos primeiros meses da revolução, tudo continuou imutável. Os soldados impacientavam-se e os governos aliados davam sinais de irritação. Por isso, aconteceu a ofensiva do 1º de julho.¹⁶ Os aliados exigiram-na e insistiam para o novo governo cumprisse os compromissos contraídos pelo Czar. Tementes da sua própria incapacidade e do crescente descontentamento das massas, os chefes pequeno-burgueses aceitaram sem vacilações os pedidos dos aliados, porque acreditavam que bastaria um ataque do exército russo para se realizar a paz. Pensavam que a ofensiva fosse a saída do labirinto, a resolução do problema, a esperança salvadora. Não se pode imaginar uma ilusão mais falsa e mais criminoso. Naquele momento, falava-se da ofensiva tal como tinham falado os socialistas patriotas dos outros países quando começou a guerra, invocando a defesa nacional, os sagrados vínculos da nação, etc. O internacionalismo zimerwaldiano desvanecia-se como por encanto.

Para nós, que constituíamos um partido de oposição, era evidente que a ofensiva significava um passo terrivelmente perigoso e que podia estar na origem do fracasso da revolução. Pedíamos com insistência ao governo que não cometesse o erro de enviar para a luta um exército que acabava de despertar e que ainda não percebia claramente a causa da tempestade revolucionária, pois para a luta era indispensável sugerir-lhe ideias novas e conseguir que as assimilasse. Das exortações passamos às admoestações e destas às ameaças. Os governantes, porém, subjogados pela burguesia, não tinham outro caminho senão o que esta lhes indicava e responderam declarando-se nossos inimigos e jurando-nos um ódio implacável.

14 **Pokrovsky, N.N:** Funcionário no Governo Provisório russo. Ministro de Assuntos Estrangeiros, logo vice-presidente do Comitê Central das Indústrias de Guerra e membro do diretório do Banco Russo para o Comércio Exterior. **Terechenko, Mikhail** (1888-1959): Kadete, Ministro de Relações Exteriores depois da renúncia de Miliukov

15 Kadetes: membros do Partido Constitucional Democrata que se formou nas vésperas da Revolução de 1905. Composto quase exclusivamente de latifundiários, liberais e intelectuais burgueses. Seu líder era o professor Miliukov (1859-1943). Advogavam por uma monarquia democrática. O primeiro governo provisório depois da queda do czarismo foi composto em sua maioria de kadetes sob a presidência do príncipe Lvov, que logo foi substituído pela coalizão de Kerensky, formado por representantes dos kadetes, dos socialistas revolucionários e dos mencheviques.

16 **Ofensiva de 1º de julho:** Os governos aliados (França e Inglaterra) utilizavam a pressão econômica e política sobre o governo provisório de Kerensky para forçar uma ofensiva que debilitasse os exércitos alemães na frente ocidental. Esta foi preparada pelo governo provisório, acompanhada de uma campanha “patriótica” contra os bolcheviques que terminaria fracassando e evidenciando o avançado estado de decomposição do antigo Exército Czarista.

3 - A campanha contra os bolcheviques

Não será sem profunda emoção que os historiadores contemporâneos haverão de ler os jornais russos de maio e junho de 1917. Eram os momentos em que se preparava o espírito do povo para a ofensiva. Quase todos os artigos da imprensa, sem excetuar nenhum jornal, quer oficial ou semioficial, atacavam os bolchevistas. Não lhes regateavam ultrajes e calúnias. A campanha era dirigida principalmente pelos kadetes, cujo instinto de classe lhes revelava que a questão delineada não era somente a ofensiva, mas também a sorte do movimento revolucionário e sobretudo, a forma de governo. As regulamentações oficiais, os discursos, as aulas, obedeciam ao mesmo interesse: procurar a inutilização do partido bolchevique. Nesta conjuração contra os bolchevistas encontram-se os primeiros germes da guerra civil¹⁷ que marcou a fase seguinte da revolução. O objetivo das excitações e diatribes era criar uma profunda separação e inimizade entre as classes trabalhadoras por um lado e a sociedade culta por outro.

A burguesia liberal dava-se conta, perfeitamente, de que não podia conseguir o apoio das massas sem o concurso dos representantes da pequena burguesia e que, como já disse, haviam conquistado

17 **Guerra Civil:** A guerra civil a que alude Trotsky ainda não havia se desenvolvido, vindo a explodir somente após a tomada do poder pelos bolcheviques. As potências imperialistas intervieram na Rússia sustentando a contrarrevolução e o Exército Branco dos generais czaristas. Chegaram a intervir diretamente, enviando tropas e conselheiros militares para derrotar o poder soviético. Durante o ano de 1919, encontravam-se no território da Rússia ao menos 14 exércitos estrangeiros, além das tropas czaristas. Em alguns momentos, o Poder Soviético ficou confinado aos arredores de Moscou e Petrogrado. O Exército Vermelho, organizado e dirigido por Trotsky, conseguiu recuperar o terreno perdido e finalmente derrotar os exércitos imperialistas e czaristas em 1920. Em fins deste ano, a guerra civil estava praticamente encerrada.

temporariamente a direção das organizações revolucionárias. As excitações contra os bolcheviques e a profunda campanha de ataques cavou um fosso profundo entre o nosso partido e a grande maioria dos intelectuais socialistas. Estes se submetiam visivelmente à burguesia liberal rompendo as relações com o proletariado da capital.

No I Congresso dos Sovietes de toda a Rússia¹⁸ começou a tempestade. O nosso partido tinha projetado uma manifestação armada em Petrogrado para o dia 23 de junho, cujo objetivo imediato era fazer pressão sobre o Congresso.

“*Apoderaí-vos do poder público*” era o que o proletariado de Petrogrado queria dizer aos socialistas revolucionários e aos mencheviques de todo o país que chegavam à capital. “*Rompei com a burguesia. Abandonai toda a ideia de coligação e tomai nas vossas mãos as rédeas do Estado*”. Estávamos seguros de que se os socialistas revolucionários e os mencheviques cortassem relações com a burguesia liberal, teriam que refugiar-se no campo dos elementos mais enérgicos e avançados da classe operária, que assumiriam o comando da revolução. Era isso o que, precisamente, assustava os chefes da classe média. Em aliança com o governo, do qual faziam parte, e conjuntamente com os burgueses liberais e contrarrevolucionários, abriram uma campanha realmente selvagem contra a mencionada manifestação, nem bem tiveram notícia de que ela iria ocorrer. Tudo foi posto em movimento para contrapor-se à nossa ação. Éramos uma pequena minoria no Congresso e tivemos que retroceder. A manifestação foi suspensa.

Os dois partidos adversários (mencheviques e socialistas revolucionários) ficaram profundamente impressionados pelo incidente. A divisão cavou-se mais profunda e o antagonismo adquiriu proporções maiores. Numa sessão secreta da mesa diretora do Congresso, composta por representantes de todos os partidos, Tseretelli¹⁹, na ocasião membro do Governo de Coligação, falando com a altivez própria da estreiteza mental de um doutrinário da pequena burguesia, declarou que o único perigo para a revolução era a ameaça bolchevista e os trabalhadores armados de Petrogrado. Pediu que se retirassem as armas dos indivíduos que não sabiam fazer bom uso delas. Falando dos que não sabiam fazer bom uso das armas, referia-se não só aos operários da capital, mas também à parte da guarnição sob nossa influência. O desarmamento, porém, não se realizou porque as condições políticas e o estado psicológico das populações não permitiam uma medida tão extrema.

Para dar às massas uma compensação pela manifestação frustrada, o Congresso dos Sovietes organizou outra demonstração que devia efetuar-se a 1º de julho, sem armas. Esse foi o dia do nosso

18 **I Congresso dos Sovietes:** Foi celebrado em junho de 1917, sendo convocado pelo Soviete de Petrogrado. Neste Congresso, os bolcheviques ainda eram uma minoria inferior a 13% dos delegados.

19 **Tseretelli, Iraklii** (1882-1959): menchevique georgiano. Depois da Revolução de Fevereiro de 1917, foi um dos dirigentes dos “defensistas revolucionários”. Ministro dos Correios e Telégrafos no governo provisório.

triunfo. O povo compareceu em massas compactas, ainda que o tivesse feito por uma convocação oficial do Soviete que desejava compensá-lo da frustrada demonstração de 23 de junho; os operários e soldados inscreveram nas suas bandeiras e cartazes os nossos pedidos e declarações:

Abaixo os tratados secretos!
Abaixo a política de ofensivas estratégicas!
Viva uma paz honrosa!
Abaixo os dez ministros capitalistas!
Todo o poder para os Sovietes!

Havia apenas três cartazes favoráveis ao governo de coalizão. Um deles pertencia a um regimento de cossacos²⁰. O outro era de um grupo de Plekhanov²¹. O terceiro tinha saído da Liga, associação formada na sua maioria por elementos não proletários. A manifestação demonstrou não só aos nossos adversários, mas também a nós mesmos, que tínhamos em Petrogrado mais força do que supúnhamos.

20 **Cossacos:** antigo povo nômade ou seminômade eslavo da zona do Dnieper, do Don e do Volga. Pertenciam ao Exército Czarista pelo qual eram eximidos de pagar impostos. Em sua maioria participavam dos pogroms contra os judeus e a repressão aos operários.

21 **Plekhanov, Georgii** (1856-1918): Fundador da primeira organização marxista russa, o grupo Emancipação do Trabalho, em 1883. Depois de colaborar com Lênin no exílio, na redação da Iskra, aderiu ao menchevismo. Apoiou o governo russo na Primeira Guerra Mundial e foi adversário da Revolução de Outubro.

4 - A ofensiva de 1º de julho

Pareceu que a manifestação provocaria uma crise governamental. Mas esta impressão ficou prejudicada pelas notícias que chegavam da frente sobre a ofensiva do exército russo. Ao mesmo tempo que os operários e a guarnição de Petrogrado pediam a publicação dos tratados secretos e uma proposta de paz, Kerensky²² lançava as tropas do exército contra o inimigo. Não era uma coincidência fortuita. Tudo fora preparado previamente e o momento da ofensiva foi escolhido por razões políticas. No dia 2 de julho, realizou-se em Petrogrado uma série de manifestações patrióticas fingidas. A avenida Nevsky, centro do bairro burguês, encheu-se de grupos animadíssimos, nos quais predominavam oficiais, jornalistas e senhoras elegantes, que faziam uma propaganda colérica contra os bolchevistas.

Os jornais mais importantes da burguesia liberal aproveitavam as primeiras notícias favoráveis da ofensiva para declarar que o objetivo principal havia sido atingido, pois o golpe do dia 1º, quaisquer que fossem as suas consequências militares, era decisivo para impedir os progressos da revolução. Restabelecer-se-ia a disciplina no exército, fortalecendo-se o poderio da burguesia liberal no país. As nossas previsões eram diferentes. No I Congresso dos Sovietes, poucos dias antes da ofensiva, tínhamos lido uma declaração em que dissemos que esta destruiria a coesão interna do exército, que apareceriam dentro dele dois grupos divididos por uma profunda hostilidade e que tomariam enorme preponderância os elementos contrarrevolucionários, dado que, para restaurar a disciplina num exército desorganizado, não era possível apelar senão para um dos meios: novos ideais ou processos de repressão brutal. Quer dizer que anunciamos, nesta de-

22 **Kerensky, Alexander** (1881-1970): Socialista revolucionário russo, deputado na Duma e notável orador. Era o Primeiro-Ministro do governo provisório quando este foi derrubado pelos bolcheviques. Em 1918, emigrou para a Europa Ocidental e em seguida para os EUA, onde começou uma campanha virulenta de propaganda antissoviética.

claração, o que mais tarde chamaram Kornilovismo²³. Afirmamos que a revolução corria perigo, tanto no caso de bom êxito da ofensiva, na qual não acreditávamos, quanto no de um fracasso, que nos parecia quase inevitável. O triunfo teria determinado a união da pequena burguesia com a superior, através de um programa político reacionário e teria produzido, como consequência, o isolamento do proletariado revolucionário, enquanto que a derrota podia provocar a dissolução completa do exército, a retirada caótica, a perda do maior número de províncias, o desengano e desespero do povo.

Os acontecimentos encaminharam-se para a segunda parte da alternativa. O avanço vitorioso não durou muito tempo. As primeiras notícias foram seguidas de sinistras comunicações nas quais se revelava a negação por parte de seções inteiras do exército a resistir ao ataque inimigo, as terríveis perdas de oficiais, agrupados às vezes em batalhões de resistência e coisas semelhantes.

Via-se claramente as dificuldades crescentes do país através destes acontecimentos militares. O governo de coalizão não tinha podido resolver os problemas agrários, econômicos e nacionais. Os serviços de transportes e provisão de alimentos, cada vez se faziam com maior desordem. Os conflitos sociais produziam-se com extraordinária frequência. Os ministros socialistas procuravam acalmar a inquietação aconselhando o povo a esperar. Tudo seria resolvido, diziam, com a instalação futura da Assembleia Constituinte²⁴. Era manifesta a falta de capacidade e de segurança do regime.

Numa situação como esta, só eram possíveis dois caminhos: derrubar a burguesia e abrir passagem à revolução, ou empregar a repressão brutal para dominar as massas. Kerensky e Tseretelli preferiam temporizações, mas só conseguiam aumentar a confusão. Os kadetes, membros mais astutos da coligação, deram-se conta de que o fracasso da ofensiva de julho podia significar um golpe de morte, não somente para a revolução, mas também para os usufruidores da situação dominante. Imediatamente, demitiram-se do governo lançando toda a carga das responsabilidades sobre seus colegas de esquerda.

A 15 de julho, rebentou a crise ministerial devido a questão da Ucrânia.²⁵ Foram momentos de grande tensão. Chegavam continu-

23 **Kornilovismo:** Referência a **Kornilov, Lavr** (1870-1918): oficial de carreira, foi nomeado Comandante-em-chefe por Kerensky em julho de 1917. Tentou um golpe contrarrevolucionário em setembro para depor o próprio Kerensky. Fugiu logo após o fracasso de sua tentativa ao se deparar com a resistência dos soviets e dos operários armados de Petrogrado. Morreu na guerra civil.

24 **Assembleia Constituinte:** Prevista para ser instalada no início de 1917, sua convocação foi sendo sucessivamente adiada pelo governo provisório. Seria finalmente convocada, em 1918, pelos bolcheviques logo após a tomada do poder pelos soviets. Ao chocar-se com o poder soviético, foi dissolvida pouco depois de suas primeiras sessões.

25 **Crise ministerial devido à questão da Ucrânia de 15/7/17:** Diante da intenção do governo da Ucrânia de se separar da Rússia, o governo de Kerensky, enviou os ministros Tseretelli e Tereschenko a fim de entabular negociações. As concessões ao governo ucraniano impulsionaram a renúncia dos ministros do Partido Kadete.

amente deputados e delegados de todas as frentes que relatavam o caos reinante no exército, em consequência da ofensiva. A imprensa oficial pedia uma repressão enérgica e a socialista repetia, cada vez com mais frequência, os mesmos pedidos.

Kerensky inclinava-se rapidamente para os cadetes e seus generais, aumentando sempre o seu ódio a todos os elementos revolucionários.

As embaixadas aliadas faziam pressão sobre o governo para que restabelesse a disciplina e renovasse a ofensiva. Era enorme a confusão nos círculos oficiais, enquanto que a indignação do povo operário aumentava todos os dias. *“Aproveitai a ocasião que vos é apresentada pela renúncia dos ministros cadetes e assumi a direção completa dos negócios públicos”*. Era esta a exigência que os operários de Petrogrado dirigiam à maioria do soviete, isto é, aos socialistas revolucionários e aos mencheviques.

Lembro-me da reunião do Comitê Executivo Central dos Sovietes, celebrada a 15 de julho. Os ministros socialistas informavam aos membros do Comitê sobre a nova crise. Nós esperamos com o maior interesse a atitude que adotariam aqueles partidos uma vez dissolvido, vergonhosamente, um governo que caía aos golpes da própria coligação. Tseretelli foi o encarregado de informar. Explicou-nos detalhadamente que as concessões feitas por ele e por Terestchenko à Rada de Kiev²⁶ não, constituíam de modo nenhum um desmembramento do país, nem justificavam a demissão dos ministros Kadetes. Tseretelli os acusava de doutrinários centralistas e de não se darem conta da necessidade de aceitar compromissos. Esta informação produziu uma impressão verdadeiramente lamentável. O Congresso, doutrinador da coligação, acusando os cadetes de doutrinadores! Doutrinadores os Kadetes, campeões políticos do capitalismo, sem nenhuma contaminação com as ideias teóricas! Doutrinadores, aqueles homens que aproveitavam a primeira oportunidade para descarregar sobre os seus testas de ferro as responsabilidades e carregá-las ainda com o custo da situação criada pela ofensiva de julho.

Naquela altura, depois do acontecido, parecia não ficar outro recurso senão romper com os Kadetes e formar um governo exclusivamente sovieta. Um governo sovieta teria significado, sob o ponto de vista dos partidos, pela força dos partidos no soviete, a entrega do poder aos socialistas revolucionários e aos mencheviques. A nossa política era continuar essa linha até o fim, pois as reeleições constantes nos sovietes permitiriam que o radicalismo, cada dia maior entre os operários e soldados, se expressasse nestes organismos. Dávamos conta de que a ruptura da coligação com a burguesia faria preponderar as tendências radicais nos sovietes. A luta do proletariado pelo poder seria naturalmente canalizada pela via da organização soviética e se desenrolaria sem sacudidas dolorosas.

Rompido o vínculo que os unia à classe burguesa, os democratas

26 **Rada:** Conselho de Ministros (Rada) da Ucrânia. Mais tarde parlamento ucraniano.

da pequena burguesia sofreriam todos os ataques e não teriam outro remédio senão aliar-se aos operários revolucionários. Cedo ou tarde o grupo amorfo e vacilante seria dominado pelas massas, influenciadas pela nossa propaganda. Por isso, estimulávamos os dois principais partidos do soviete para que se apoderassem do governo, mesmo não tendo confiança neles, e o dizíamos francamente.

Porém, apesar da crise ministerial de 15 de julho, Tseretelli e os seus amigos continuaram fiéis à ideia de coligação. Sustentavam, no seio da Comitê Executivo, que os Kadetes estavam desmoralizados pelo doutrinário e pelas simpatias contrarrevolucionárias, mas que nas províncias havia muitos elementos burgueses dispostos a concordar com a democracia revolucionária e que a cooperação desses elementos podia assegurar-se, na constituição do novo ministério, se incluíssem alguns representantes da pequena burguesia. Havia muitas esperanças na formação do partido radical-democrático que alguns políticos de antecedentes duvidosos organizavam. Ao saber-se, em Petrogrado, que dos restos da antiga coligação surgia outra, uma onda de descontentamento e indignação inundou a cidade, vinda especialmente dos centros operários e de soldados. Foi esta a origem dos acontecimentos de 16 a 18 de julho²⁷.

27 **Acontecimentos de 16 a 18 de julho:** Jornadas revolucionárias nas que a classe operária e as massas populares de Petrogrado se manifestaram contra o governo provisório. Segundo Trotsky, “A semi-insurreição de julho, que surge precisamente na metade do período compreendido entre a Revolução de Fevereiro e a de Outubro, fecha a primeira etapa e vem a ser um ensaio geral da segunda”. *História da Revolução Russa*, Sarpe, Madrid, 1985, pág. 319. As massas foram fortemente reprimidas e intensificou-se a perseguição aos bolcheviques.

5 – As jornadas de julho

O Comitê Executivo Central estava em reunião quando fomos avisados por telefone que o regimento de metralhadoras organizava uma manifestação. Tomamos imediatamente as medidas conveniente e, pelo telefone também, demos as ordens mais oportunas. Entretanto, ocultamente, preparavam-se outros acontecimentos. Os representantes dos movimentos dissolvidos por insubordinação, vinham da frente com notícias das repressões e semearam o descontentamento e a inquietude na guarnição de Petrogrado.

Ao mesmo tempo, os operários da capital estavam profundamente desgostosos dos seus chefes. A desconfiança chegou ao máximo quando se soube que Tseretelli, Dan e Cheidze²⁸ não vacilavam em desfigurar os sentimentos do proletariado para impedir que o soviete da capital fizesse eco das novas opiniões das classes trabalhadoras. O Comitê Executivo Central, eleito pelo Congresso de junho e apoiado nos votos das províncias mais atrasadas, fazia os maiores esforços para conseguir que o Soviete de Petrogrado lhe desse liberdade. Chegou a tratar de assuntos exclusivamente locais. O conflito parecia inevitável. Os operários e soldados faziam pressão com mais energia e chegaram a exprimir com violência o seu descontentamento contra a política do soviete. Exigiam que o nosso partido tomasse medidas enérgicas. Nós compreendíamos que não havia chegado a hora de tomá-las, porquanto as províncias ainda se inclinavam em sentido contrário. Temíamos que os acontecimentos da frente produzissem uma imensa confusão nas fileiras dos trabalhadores revolucionários e os exasperassem.

Dentro do nosso partido, a atitude a assumir face aos acontecimentos de 3 a 5 de julho estava perfeitamente definida. Por um lado,

28 **Dan, Fiodor** (1871-1947): líder socialdemocrata, dirigente menchevique do Presidium do Soviete de Petrogrado em 1917. Foi um adversário da Revolução de Outubro. **Cheidze, N. S.** (1864-1926): líder da fração menchevique na Duma de 1908; primeiro presidente do Soviete de Petrogrado em 1917; opositor encarniçado da Revolução de Outubro.

temíamos que se cortassem as comunicações de Petrogrado com as províncias longínquas e, por outro, tínhamos esperança que a nossa intervenção enérgica e ativa, fizesse mudar a nosso favor a situação. A nossa propaganda agitou intensamente as massas.

Esperávamos que uma exibição de forças das massas revolucionárias romperia as resistências obstinadas dos coligacionistas e lhes demonstraria que o único meio para conservar o poder seria cortar todos os laços com a burguesia. A pesar do que foi dito pela imprensa adversária, o nosso partido não tinha a intenção de recorrer a um movimento armado para se assenhorar do poder. Só queríamos fazer uma manifestação revolucionária, aproveitando as tendências que se delineavam espontaneamente e dando-lhes um sentido político. O Comitê Executivo Central, fazia uma reunião no Palácio de Táurida²⁹ quando a multidão dos soldados e dos operários rodeou o edifício. Os soldados estavam armados, mas penas uma insignificante minoria de anarquistas queria fazer uso da força contra o centro soviético. Também havia alguns indivíduos, pagos, sem dúvida, e pertencentes aos “cem negros”³⁰ que pretendiam aproveitar a ocasião para desencadear o motim e fazer pogroms. Estas pessoas é que pediam a detenção de Chernov. Vim a saber de tudo isso depois, na prisão de Kresty, por um marinheiro que tinha tomado parte na tentativa e que era apenas um delinquente comum, preso por furto numa residência. Todavia, a imprensa burguesa e coligacionista tinha descrito o movimento como um putsch pogromista e contrarrevolucionário, e ao mesmo tempo bolchevista, cujo objetivo direto era tomar o poder violentamente das mãos do Comitê Executivo Central.

O movimento de 3, 4 e 5 de julho demonstrou, com perfeita claridade, que os principais partidos dos soviets estavam completamente isolados das massas. Mas a guarnição não era toda nossa. Havia unidades vacilantes, indecisas, passivas. Todavia, excetuando-se os aspirantes a oficiais, nenhuma só destas unidades que compunha a guarnição estivera disposta a pegar em armas contra nós em defesa do governo ou dos partidos que formavam a maioria do soviete. Era preciso levar tropas da frente. A estratégia de Tseretelli, Chernov³¹ e companheiros, consistia em ganhar tempo para que Kerensky pudesse levar tropas de confiança a Petrogrado.

29 **Palácio de Táurida:** sede do Comitê Executivo Central, organismo diretivo máximo dos soviets.

30 **Cem Negros ou Centúrias Negras:** sociedade criada pelos reacionários russos, com apoio do governo czarista, imediatamente depois da Revolução de 1905, para infundir o terror nas massas. Ela pertenciam a maior parte dos altos dignatários, os ministros e o próprio Czar. Estavam fartamente subvencionados pelo tesouro público. Espalhavam o pânico na população recorrendo a pogroms, isto é, a linchamentos ou matanças de judeus, a quem acusavam de fomentar a revolução. Eram odiadas por todo o povo.

31 **Chernov, Víctor** (1876-1952): Um dos fundadores e dirigentes do Partido Socialista Revolucionário (SR), foi Ministro da Agricultura do governo provisório que seguiu à Revolução de Fevereiro. Esteve contra a Revolução de Outubro.

Um atrás de outras, chegavam as delegações ao Palácio de Táurida, rodeado por uma multidão armada, solicitando a ruptura completa com a burguesia, enérgicas reformas sociais e negociações de paz. Nós, bolchevistas, recebíamos os manifestantes agora nas ruas, depois nos palácios, convidando-os à serenidade e assegurando-lhes que, dada a excitação dos ânimos, era impossível que os transacionistas pudessem formar um gabinete de coligação. Os delegados da cidade de Kronstadt eram os mais resolutos e só com muito trabalho conseguimos que se contivessem dentro dos limites de uma simples manifestação.

No dia 4, a manifestação assumiu um caráter importante e já se fez sob a direção de nosso partido. Os chefes do Soviete tinham perdido a cabeça; os seus discursos eram simples evasivas; as respostas que Cheidze, o Ulisses da coligação, deu aos delegados, careciam absolutamente de sentido. Nós sentíamos que os chefes da descontrolada coligação apenas se propunham a ganhar tempo.

Na noite do dia 4, começaram a chegar tropas de confiança. Durante a reunião do Comitê Executivo, no Palácio de Táurida, ouviram-se as notas da Marselhesa, executada por uma banda militar. Mudou imediatamente a expressão dos membros da junta. Adquiriram uma confiança que não tinha demonstrado nos dias anteriores. Esta mudança foi produzida pela vinda do regimento de Volínia, que poucas semanas após marcharia à cabeça da Revolução de Outubro.

Os dirigentes da situação já não julgavam necessárias as audiências com as delegações dos operários e soldados nem com os representantes da armada do Báltico. Da tribuna do Comitê Executivo, pronunciaram-se discursos em que se falou da rebelião dominada pelas tropas leais e do caráter contrarrevolucionário do bolchevismo.

O medo da burguesia durante as trinta e seis horas de manifestações armadas, transformou-se num ódio colérico, manifestado não só nos seus jornais, mas também nas ruas de Petrogrado, sobretudo na Avenida Nevsky, onde se fustigou, sem comiseração, os operários e soldados empenhados na sua “criminosa” agitação. Aspirantes, oficiais, membros de batalhões seletos e cavaleiros de São Jorge eram os senhores da situação e, amparados por eles, começaram a circular os mais fervorosos contrarrevolucionários. As associações operárias e as do nosso partido eram desfeitas energeticamente. Houve detenções e invasões de domicílios, espancamentos coletivos e assassinatos individuais. Na noite de 4 a 5, o ministro da justiça, Pereverzev, entregou documentos à imprensa em que se demonstrava que os chefes do bolchevismo eram agentes pagos pelo governo alemão.

Os chefes dos partidos socialista revolucionário e menchevique conhecia-nos suficientemente para não acreditar nessas acusações, mas tinham demasiado interesse no bom êxito da jornada e deixaram que circulassem. Ainda hoje é impossível recordar sem

desgosto o dilúvio de mentiras que enchia as colunas da imprensa burguesa e coligacionista. Os nossos jornais foram suspensos. Toda a cidade revolucionária de Petrogrado sentiu que o exército e as províncias estavam muito longe de lhe ter simpatia. Houve um momento em que os operários fraquejaram. Os chefes do Soviete, entretanto, fabricavam um novo ministério com grupos da pequena burguesia tão desprezíveis que, longe de dar força ao governo, retiravam até o mais leve vestígio revolucionário.

Mas os acontecimentos da frente tomaram o curso fatal que se esperava. O exército estava minado nos seus alicerces. Os soldados reconheceram que os oficiais eram profundamente hostis ao novo regime, ainda que nos primeiros dias tivessem fingido adesão. No quartel general, descaradamente, fazia-se uma seleção de elementos contrarrevolucionários. As publicações bolchevistas eram perseguidas com toda a dureza.

A ofensiva tinha terminado numa trágica retirada. A imprensa fazia uma campanha cruel contra o exército, esquecendo-se de que, na véspera das ofensivas, os partidos burgueses nos tinham chamado minoria insignificante, desconhecida e desprezada no exército e agora atribuíam o espantoso desastre militar à nossa propaganda nas fileiras. As prisões encheram-se de revolucionários e, sob o pretexto de descobrir os responsáveis pelos acontecimentos de 3 a 5, foram irritados os lobos da magistratura czarista.

E ainda houve mais: os socialistas revolucionários e os mencheviques atreveram-se a solicitar de Lênin, Zinoviev³² e outros camaradas que se entregassem voluntariamente à “justiça”!

32 **Zinoviev, Grigori** (1883-1836): Velho bolchevique. Membro do Comitê Central desde 1907. Emigrado desde 1908, havia chegado junto com Lênin em abril de 1917 à Petrogrado. Teve destacado papel da III Internacional e no Governo Soviético. Aliou-se com Kamenev e Stálin contra Trotsky, após a morte de Lênin. Expulso do partido em 1927, ao participar da oposição unificada capitulou diante de Stálin e retornou ao PCUS. Foi condenado e fuzilado nos processos de Moscou em 1936, acusado de crimes que não cometeu.

6 - Depois das jornadas de julho

Mas o desalento dos operários passou repentinamente e uma nova vaga de entusiasmo revolucionário propagou-se na guarnição de Petrogrado. Os coligacionistas perdiam toda a sua influência. A onde bolchevista começava a estender-se pelo país e a penetrar no exército.

O novo governo de coligação, presidido por Kerensky, dedicou-se às repressões. O ministério restabeleceu a pena de morte para os soldados. Nossos jornais foram proibidos e nossos agitadores presos.

Essas medidas só serviram para aumentar a nossa influência. Apesar de todos os obstáculos postos para impedir a reeleição do Soviete de Petrogrado a força dos partidos tinha-se alterado tão profundamente, que tínhamos a maioria em diversos pontos de importância. O mesmo ocorreu no Soviete de Moscou. Naquele momento eu estava preso em Kresty³³ com muitos outros camaradas, por ter tomado parte na agitação e na organização do movimento armado de 16 a 18 por “conta do governo alemão e com o fim de auxiliar os planos militares dos Hohenzollern³⁴”. O conhecido juiz de instrução, Alexandrov, que no tempo do czarismo se distinguiu pelos seus processos contra os revolucionários, tinha a missão de proteger a República do perigo bolchevista. Segundo o sistema do regime antigo, os presos formavam duas categorias: políticos e delinquentes comuns; o novo regime introduziu outras categorias: delinquentes comuns e bolchevistas.

Os soldados presos estavam tomados pela mais dolorosa perplexidade. Eram jovens camponeses, completamente alheios à política, convencidos de que a revolução significava a conquista definitiva da liberdade e viam, cheios de susto, os ferrolhos das portas e as grades das janelas. Quando passeávamos pelo pátio apanhando sol, alguns perguntavam o significado de tudo aquilo e como acabaria o seu processo. Eu consolava-os falando da nossa futura vitória.

33 **Kresty:** Era um cárcere para presos políticos na cidade de São Petersburgo (posteriormente chamada Petrogrado). Trotsky havia estado preso nela em sua juventude e voltou à mesma quando foi detido pelo governo de Kerensky.

34 **Hohenzollern:** Dinastia que governou a Alemanha de 1871 até a Revolução de Novembro de 1918. Foi deposta por esta revolução junto com o governo monárquico do Kaiser Wilhelm, forçado a abdicar.

7 - O levante de Kornilov

Em fins de agosto, ocorreu o levante de Kornilov. Este foi o resultado imediato da mobilização das forças contrarrevolucionárias.

Na célebre Conferência de Moscou³⁵, na segunda quinzena de agosto, Kerensky prometeu seguir uma política oscilante entre as classes proprietárias e os democratas da pequena burguesia. Bolchevistas, estávamos fora da lei.

Kerensky foi freneticamente aplaudido pelos elementos da ordem e acolhido com um silêncio traidor pelos democratas da pequena burguesia; anunciou uma política de sangue e fogo contra os perturbadores bolchevistas. Porém, as exclamações histéricas de Kerensky e as suas ameaças não deixaram completamente satisfeitos os chefes contrarrevolucionários. Viam, com toda clareza, a onda revolucionária que avançava sobre o país, envolvendo operários, soldados e camponeses, e consideravam um dever imperativo dar uma lição inolvidável às massas.

Com o acordo dos ricos, que dele fizeram o seu herói, Kornilov aventurou-se à empresa. Kerensky, Savinkov, Filonenko, e outros socialistas revolucionários que ocupavam o poder ou estavam próximos dos que o ocupavam, participaram no complô, mas abandonaram Kornilov quando se deram conta de que a vitória do general os eliminaria.

Eu continuava no cárcere e acompanhei o episódio pelos jornais, pois a única diferença entre o regime prisional dos tempos do Czar e os de Kerensky era a permissão de leitura dos jornais aos que se encontravam no meu caso.

A aventura do general cossaco foi um desastre. Seis meses de revolução tinham inculcado ânimo suficiente e davam às massas força bastante para resistir a todas as tentativas contrarrevolucionárias. Os partidos coligacionistas assustaram-se fortemente com as possíveis consequências da intriga de Kornilov, ameaçadora não só para os bolchevistas, mas também para os grupos que dominavam o novo regime. Os socialistas revolucionários e os mencheviques, pensaram, então, que seria oportuno dar legalidade ao bolchevismo ainda que o fizessem apenas parcialmente e com muitíssimas reservas, evitando assim futuros perigos.

35 **Conferência de Moscou:** Conferência Nacional, convocada por Kerensky para defender a unidade nacional e salvar o governo provisório.

Os mesmos marinheiros de Kronstadt³⁶ acusados de salteadores e contrarrevolucionários, depois das jornadas de julho, foram chamados à capital para defenderem a revolução contra o perigo que a ameaçava. Compareceram imediatamente e olvidados os agravos anteriores, tomaram o posto mais perigoso. Pude então recordar a Tseretelli as palavras que disse quando este homem insultava os marinheiros de Kronstadt: “*no dia em que um movimento contrarrevolucionário generalizado quiser estrangular a revolução, os cadetes prepararão a força e os marinheiros de Kronstadt virão salvá-la e morrer conosco*”.

O levante de Kornilov encontrou em toda parte um soviétismo cheio de vitalidade que o enfrentou com todas as forças. Quase não houve luta. As massas revolucionárias não fizeram senão paralisar os movimentos do conspirador. Assim como em julho, os coligacionistas não tinham encontrado um soldado da guarnição que lutasse contra nós na capital, Kornilov não encontrou um soldado da frente sequer que avançasse contra a revolução. Tudo o que conseguiu foi obra do engano e a ação dos propagandistas terminou bem depressa com a manobra.

A julgar pelo que dizia a imprensa, eu esperava um rápido desenvolvimento dos acontecimentos e próxima a entrega da autoridade governamental aos soviets. O avanço da força e da influência dos bolcheviques era indubitável e acabava de receber novo impulso. Os bolchevistas tinham sido adversários da coligação, tinham-se mostrado hostis à ofensiva de julho e, por último, tinham anunciado o levante de Kornilov. As massas populares podiam verificar que tínhamos acertado.

Durante os instantes críticos da aventura de Kornilov, quando a divisão *selvagem*³⁷ do Cáucaso marchava sobre Petrogrado, o soviete da capital, com o consentimento forçado do governo, deu armas aos operários. Os regimentos chamados contra nós tinham-se transformado, em pouco tempo, na atmosfera ardente de Petrogrado e eram, agora, inteiramente nossos. A tentativa de Kornilov devia ter aberto os olhos ao exército sobre a impossibilidade de um novo entendimento com os burgueses contrarrevolucionários. Por isso, podia esperar-se que à derrota de Kornilov se seguiria um esforço imediato para conquistar o poder. Os acontecimentos, porém, desencadearam-se com mais lentidão.

Apesar da intensidade do sentimento revolucionário, as massas estavam pouco animadas desde as jornadas de julho e aguardavam passivamente o chamado dos seus chefes. Mas eles também permaneceram na expectativa. Nestas circunstâncias, apesar da liquidação da aventura de Kornilov e do profundo descolamento de forças a nosso favor, não era possível ocorrer nenhuma transformação política imediata.

36 **Kronstadt:** Esquadra pertencente à frota do Báltico conhecida por sua combatividade durante as Revoluções de Fevereiro e Outubro. Mais tarde, os anos de Guerra civil mudariam a composição de classe dos marinheiros de Kronstadt e estes protagonizariam um levante armado contra o governo bolchevique, sufocado em 1921.

37 **Divisão Selvagem:** Constituía a principal força de que dispunha Kornilov na sua tentativa malograda de golpe. Era assim chamada em razão de ser composta por habitantes das montanhas caucásicas, todos meio selvagens e desconhecedores do que se passava na Rússia.

8 - A luta no interior dos soviets

Foi nesta época que a preponderância do nosso partido se estabeleceu definitivamente no interior do Soviete de Petrogrado. Preponderância que se manifestou dramaticamente no momento da composição da mesa diretora. Quando os socialistas-revolucionários e os mencheviques dominavam, como senhores absolutos dos soviets, fizeram os mais inimagináveis esforços para isolar os bolchevistas. Tínhamos a terça parte dos votos do Soviete de Petrogrado e, apesar disto, não admitiam qualquer representação do nosso partido na mesa diretora. Quando o Soviete de Petrogrado, graças a uma maioria flutuante, adotou uma resolução exigindo que todo o poder governamental passasse às mãos dos soviets, levantamos a questão de uma mesa diretora de coalizão, integrada por membros dos diversos grupos, de acordo com o princípio da proporcionalidade.

A antiga mesa, apoiadora do governo, e da qual faziam parte Chaidze, Tseretelli, Kerensky, Skobelev³⁸ e Chernov, negou-se terminantemente a aceitar nossa proposta. É útil lembrar disso, especialmente agora que os líderes dos partidos batidos pela revolução falam tanto sobre a necessidade da democracia e da frente única, nos acusando de exclusivismo. A questão por nós apresentada foi objeto de uma reunião especial. Os dois campos rivais se preparavam para a luta mobilizando todas as forças e alistando suas reservas. Tseretelli pronunciou um discurso programa onde dizia que a presidência do soviets era uma questão político-eleitoral. Nós acreditávamos ter pouco menos da metade dos votos do soviets e víamos nisso um enorme progresso. Mas, para nossa surpresa, no momento da votação, vencemos com maioria superior a cem votos.

“Durante seis meses – disse Tseretelli – estivemos nós à frente do Soviete de Petrogrado e marchamos de vitória em vitória. Esperamos que vós permaneçais pelos menos três meses no posto que ides ocupar”

38 **Skobelev, Matvei** (1885-1937): socialdemocrata russo desde 1903, menchevique; socialchauvinista durante a Primeira Guerra Mundial. Em abril de 1917 tornou-se Ministro do Trabalho do segundo governo provisório.

No Soviete de Moscou, produziu-se mudança análoga e os sovietes provinciais uns após outros foram passando para as mãos dos bolchevistas.

Contudo, aproximava-se o dia da convocatória do II Congresso dos Sovietes, mas o Comitê Executivo Central empenhava-se para que essa convocatória fosse adiada para as “calendas gregas”, com a esperança de que nunca se realizasse. Ninguém podia duvidar que o nosso partido teria a maioria no novo Congresso e que, em consequência disso, modificar-se-ia a composição do novo Comitê Executivo Central, privando os coligacionistas da cidadela em que estavam refugiados. A questão capital para nós consistia, portanto, na convocação do Congresso dos Sovietes. Os mencheviques e socialistas revolucionários pediam, por sua parte, uma Conferência Democrática, pois nela esperavam derrotar-nos e desfazer-se de Kerensky, que tinha adotado uma atitude independente e pessoal. Elevado ao poder no primeiro período da revolução, por obra do Soviete de Petrogrado, entrou no ministério sem qualquer resolução prévia do Soviete sobre o assunto, ainda que posteriormente tenha aprovado o fato. Segundo o acordo do I Congresso dos Sovietes, os ministros socialistas eram responsáveis ante o Comitê Executivo Central; os cadetes eram-no ante o próprio partido. Mas, como as jornadas de julho criaram uma nova situação política, o Comitê Executivo Central, servindo aos interesses da burguesia, estabeleceu que os ministros socialistas ficaram dispensados de responder pelos seus atos perante os sovietes, com a finalidade de estabelecer uma ditadura revolucionária, segundo então se dizia. Também isto é importante recordar porque os mesmos que forjaram aquela ditadura oligárquica, gritam hoje contra a ditadura de uma classe social, cobrindo-a de injúrias.

A Conferência de Moscou, onde os ricos de um lado e os democratas de outro, se equilibravam mediante uma escolha artificial, tinha como finalidade consolidar o poder de Kerensky sobre todas as classes e partidos. O objetivo foi realizado ainda que só aparentemente, pois, na realidade, a Conferência de Moscou foi reveladora da impotência de Kerensky, indivíduo tão estranho às classes dominantes como aos democratas da pequena burguesia; mas como liberais e conservadores aplaudiram os seus parágrafos antidemocráticos e os coligacionistas fizeram-lhe uma grande ovação quando se mostrou cautelosamente desligado dos contrarrevolucionários, a impressão geral foi de que era apoiado pelos dois partidos e que dispunha de uma autoridade ilimitada. Por isso, ameaçou os operários e os soldados revolucionários e declarou que os perseguiria a sangue e fogo.

A sua política seguiu o caminho das conspirações, unido a Kornilov, tendo este se comprometido perante os coligacionistas. Tsere-telli, com a sua característica vacuidade diplomática, falou dos fatores pessoais em política e da necessidade da sua limitação. Era esta a tarefa que incumbia à Conferência de Moscou, composta como

estava pelos representantes dos Sovietes, dos Conselhos Municipais, dos Zemstvos³⁹ e das associações de trabalhadores e sociedades cooperativas, selecionados com a maior arbitrariedade. Mas, o problema principal era assegurar a tendência conservadora da reunião, dissolver os Sovietes e consolidar o poder mediante uma nova organização que impedisse o avanço da maré bolchevista.

Não será inoportuno discorrer aqui algumas palavras sobre a diferença existente entre o papel político dos soviets e os órgãos democráticos do governo livre. Os filisteus nos tem dito, em mais de uma ocasião, que os novos conselhos municipais e os zemstvos, eleitos pelo sufrágio universal, são infinitamente mais democráticos que os soviets e refletem mais fielmente as aspirações de todo o povo. Este critério democrático formalista carece de sentido em tempos de revolução. Com efeito, a revolução caracteriza-se pela rápida mudança efetuada na consciência de classe! Os grupos populares que adquirem experiência, fazer revisão das ideias consagradas, formam novos conceitos, depõem os antigos chefes, nomeiam outros e avançam com eles. Durante a revolução, as organizações democráticas estabelecidas sobre a complicada base do sufrágio universal ficam, inevitavelmente, fora do desenvolvimento das ideias políticas das massas.

Mas isto não ocorre com os soviets. Estes dependem diretamente de grupos orgânicos, como oficinas, fábricas, minas, companhias, regimentos, etc. É certo que nestes casos não existem as garantias legais de uma eleição computada com exatidão, como no caso dos conselhos municipais e dos zemstvos, mas há as garantias mais importantes do contato direto e imediato do deputado com os seus eleitores. O membro da deputação ou zemstvos depende de uma massa amorfa de eleitores, que lhe entrega o poder por um ano e se dispersa imediatamente. Os eleitores do Soviete, pelo contrário, permanecem constantemente ligados uns aos outros pelas próprias condições de sua existência e do seu trabalho cotidiano. O deputado está sempre sujeito à fiscalização direta dos eleitores e em qualquer momento, estes podem dar-lhes novas instruções, censurá-lo, até revogar o seu mandato e nomear o outro.

Como a evolução política geral, nos meses que antecederam a Revolução de Outubro, havia se caracterizado pela influência crescente dos bolcheviques a expensas dos coligacionistas, era natural que este processo se refletisse mais clara e fielmente nos soviets. Os conselhos municipais e os zemstvos, apesar do seu caráter democrático formal, não expressavam a mentalidade das massas populares de hoje, mas apenas a das massas populares de ontem. Isto explica a atração que os conselhos municipais e os zemstvos exerciam nos partidos cuja influência minguava nas fileiras da classe operária revolucionária. O problema aparecerá outra vez quando voltarmos a falar da Assembleia Constituinte.

39 **Zemstvos:** organismos de autogoverno provinciais. Na prática, suas competências estavam limitadas aos assuntos locais como estradas, escolas, saúde pública, combate à fome etc.

9 - A Conferência Democrática

A Conferência Democrática⁴⁰ convocada por Tseretelli e seus amigos, em meados de setembro, era puramente artificial e consistia numa combinação das representações dos soviets e dos órgãos do governo local, numa proporção preponderante para os partidos coligacionistas. Fizeram tanta confusão e mostraram tal incapacidade que a Assembleia acabou tristemente.

A burguesia capitalista viu aquela conferência com requintada antipatia e considerou-a como tentativa para a desalojá-la da posição adquirida na Conferência de Moscou. Por outro lado, os trabalhadores revolucionários e as massas de soldados e camponeses condenaram antecipadamente os métodos usados para a sua convocação.

Os coligacionistas dedicaram-se a formação de um gabinete responsável, porém fracassaram. Kerensky não aceitava o princípio da responsabilidade nem permitia que se aplicasse, porque a burguesia que lhe dava apoio não o deixava avançar nesse sentido. Efetivamente, a irresponsabilidade face aos órgãos da chamada democracia significava a responsabilidade para com os kadetes e as embaixadas dos aliados. No momento isso era bastante e a burguesia não exigiu mais. A Conferência não resolveu o problema da coligação. O número de votos favoráveis à aliança com a burguesia foi excedido apenas pelo número de votos dados contra todas as coligações; e a maioria dos votos condenou a coligação com os kadetes. No entanto, fora dos kadetes, não havia nenhum burguês com quem se pudesse fazer uma coligação. Tseretelli explicou o fato perante a Assembleia.

40 **Conferência Democrática** (14-22 de setembro de 1917): Convocada pelo governo provisório com o objetivo de promover a decrescente autoridade da “democracia” e fazer um contrapeso aos soviets onde os bolcheviques eram maioria.

Pior para ela se não o entendia! Foi assim que nas costas da Assembleia abriram-se negociações com os kadetes vencidos pelo voto terminante na mesa. Inventou-se um engodo de os tratar não como membros de um partido, mas como personalidades individuais. As pressões da direita e da esquerda obrigaram os democratas da pequena burguesia a submeter-se a esta situação ridícula, demonstradora da sua incapacidade.

A Conferência Democrática elegeu um Conselho, acordando em agregar-lhe alguns representantes da burguesia. Este Parlamento Provisório preencheria a lacuna até à reunião da Assembleia Constituinte. O novo ministério de coligação, contrário ao plano primitivo de Tseretelli, ainda que inteiramente conforme ao da burguesia, devia conservar-se independente do Parlamento Provisório. Tudo isto dava a impressão de um monstro lamentável, obra de cabeças desequilibradas. Via-se claramente a submissão da pequena burguesia diante da mesma burguesia liberal que, há menos de um mês, tinha sustentado abertamente a tentativa contrarrevolucionária de Kornilov. Em suma, tudo se reduzia a restaurar e conservar a coligação com a burguesia liberal. Ninguém podia duvidar já de que, prescindindo mesmo da composição futura da Assembleia Constituinte, o poder governamental ficaria nas mãos da burguesia, pois os partidos coligacionistas, desconhecendo as correntes de opinião, tinham o firme propósito de continuarem unidos aos cadetes e consideravam impossível formar um governo que não fosse sustentado pela burguesia.

As massas populares eram profundamente hostis ao partido de Miliukov. Em todas as eleições efetuadas durante o período revolucionário, os kadetes foram impiedosamente derrotados, e derrotados por grandes margens. No entanto, estes mesmos socialistas revolucionários e mencheviques, indiscutíveis vencedores, lhes abriam sempre as portas do gabinete e lhes davam os primeiros postos. Era natural que as massas percebessem, cada vez com maior clareza, que os coligacionistas não eram mais do que agentes subalternos da burguesia liberal.

10 - Complicações no front e na situação interna

Entretanto, a situação interna complicava-se. A guerra continuava sem qualquer objetivo, sem direção, sem perspectiva certa. O governo não conseguia libertar-se daquele círculo vicioso. O plano de enviar Skobelev para Paris afim de tentar influenciar o imperialismo dos aliados, foi tão grotesco que ninguém lhe deu a menor importância. Kornilov entregou a cidade de Riga aos alemães para acalmar a opinião pública e aproveitar a conjuntura para estabelecer uma disciplina de ferro no exército. A ameaça que espreitava sobre Petrogrado era olhada com evidente malignidade. Rodzianko⁴¹, antigo presidente da Duma, dizia claramente que não seria uma perda lamentável a entrega da desmoralizada Petrogrado aos alemães. Recordava-se o caso de Riga onde os alemães, com a ajuda da antiga polícia, dissolveram os sovietes e restabeleceram a ordem. Perder-se-ia a frota do Báltico; mas a frota do Báltico estava desmoralizada pela propaganda revolucionária; isto diminuía a importância da perda. Tal cinismo na boca de tão grande senhor, era fiel expressão dos pensamentos ocultos da burguesia. A entrega de Petrogrado não seria realmente a sua perda, pois poderia recuperar-se num tratado de paz. Entretanto, o militarismo alemão exercia a sua ação disciplinar. A revolução ficaria decapitada e posteriormente não haveria dificuldade para a dominar.

O governo de Kerensky não tinha a intenção de defender a capital. Preparava-se a opinião para a entrega de Petrogrado. As repartições públicas passavam para Moscou e outras cidades.

Eram estas as circunstâncias quando os soldados do Soviete de Petrogrado fizeram uma reunião geral. Dominava uma grande agitação e os ânimos estavam muito alterados. Se o governo reconhecia a

41 **Rodzianko, M.** (1859-1924): Líder do Partido Outubrista, partido monárquico da grande burguesia industrial, comercial e latifundiária.

sua incapacidade para defender a capital, devia fazer a paz; e se não pudesse fazer a paz, que caísse. Em resumo, era esta a opinião dos soldados. Foi este o primeiro sinal da Revolução de Outubro.

Na frente, a situação complicava-se dia a dia. O outono anunciava-se com frio e chuva. O exército antevia a perspectiva de uma quarta campanha de inverno em que à lama sucederia a neve e em que seriam cada vez mais escassas as provisões. Ninguém pensava nos soldados. Não lhes enviavam provisões, nem reforços, nem agasalhos. As deserções aumentavam dia a dia. Os antigos comitês do exército, eleitos nos primeiros dias da revolução, continuavam nos seus postos e apoiavam a política de Kerensky. A reeleição era proibida. Assim, apareceu um abismo entre os comitês do exército e os soldados, até que estes, finalmente, acabaram por detestá-los. Todos os dias apareciam delegações que interrogavam abertamente o soviete. Como resolver a situação? Que espécie de guerra é esta e quem lhe dará o termo? Porque se cala o Soviete de Petrogrado?

11 - A inevitável luta pelo poder

O Soviete de Petrogrado não estava calado. Ele pedia a entrega imediata de todo o poder central e local aos soviets, a entrega das terras aos camponeses, o estabelecimento do controle operário sobre a indústria e a abertura imediata de negociações de paz.

Enquanto éramos da oposição tínhamos este grito de guerra: *Todo o poder para os Soviets!* Mas, quando construímos uma maioria relativamente a eles, ou aos principais, começamos a lutar por conseguir o poder.

Nos campos a situação era extremamente complicada e confusa. A revolução oferecera as terras aos camponeses, mas proibiu que se apoderassem delas até ser convocada a Assembleia Constituinte. Os camponeses, a princípio, aguardaram pacientemente; quando deram sinal de atividade, o governo de coligação apelou para medidas repressivas. A convocação da Assembleia Constituinte era uma perspectiva cada vez mais remota. A burguesia esforçava-se para que a Assembleia Constituinte fosse convocada somente depois da paz. Mas a massa dos camponeses impacientava-se cada vez mais. Realizavam-se as nossas previsões dos primeiros dias da revolução. Efetivamente, os camponeses apropriavam-se das propriedades pela força. Eram cada vez mais frequentes e mais severas as medidas de repressão. Muitos membros dos Comitês Revolucionários de Terras⁴² estavam na cadeia. Kerensky tinha proclamado o estado de sítio em alguns distritos. Os delegados das aldeias começaram a apresentar-se em Petrogrado e queixavam-se de que eram perseguidos por aplicar o programa do soviets no que se referia à repartição das terras. Pediam a nossa proteção. Respondíamos que só poderíamos fazer algo em seu favor quando o poder estivesse nas nossas mãos. A situação era tal que, para impedir a degeneração dos soviets em centros de discussão acadêmica, tínhamos de esforçar-nos por al-

42 **Comitês revolucionários de camponeses:** organismos formados pelos camponeses pobres para lutar pela divisão das terras.

cançar o poder.

Os nossos amigos mais moderados diziam que era absurdo começar a campanha mês e meio ou dois meses antes da convocação da Assembleia Constituinte; mas nós não estávamos influenciados pelo fetichismo da Assembleia. Primeiramente, ninguém garantia que a Assembleia Constituinte seria convocada, pois a desorganização do exército, a deserção em massa que estava à vista, o caos da distribuição de alimentos e a revolução agrária criavam uma atmosfera bem pouco propícia para a eleições. Além disso, ainda que estas eleições pudessem realizar-se, a entrega de Petrogrado aos alemães representava uma ameaça que tornava impossível a convocação. Em segundo lugar, ainda que se convocasse a Assembleia Constituinte, sob a direção dos velhos partidos, não podia ser senão uma reunião protecionista e confirmadora do princípio de coligação. Nem os socialistas revolucionários nem os mencheviques eram capazes de impor a sua autoridade a não ser apoiados pela burguesia. Só uma classe revolucionária podia romper o círculo vicioso no qual se agitava e desintegrava a revolução. Era essencial que o poder fosse arrebatado das mãos daqueles elementos que, direta ou indiretamente, estavam submetidos aos interesses da burguesia e que empregavam a máquina governamental para opor-se às demandas revolucionárias do povo.

12 - A luta pelo Congresso dos Sovietes

Todo poder aos Sovietes!

Era este o grito de guerra do nosso partido.

No período precedente, esta palavra de ordem significava todo o poder aos socialistas revolucionários e mencheviques, contra a ideia de coligação com a burguesia liberal. Mas, em outubro de 1917, a nossa petição implicava supremacia completa do proletariado revolucionário sob a chefia do partido bolchevique. A questão debatida era a ditadura da classe operária, que dirigia, ou antes era capaz de dirigir, os milhões de indivíduos das paupérrimas populações camponesas. Foi este o significado histórico da Revolução de Outubro.

Desde os primeiros dias da revolução insistíamos na necessidade inevitável de que toda a autoridade pública passasse aos soviets. Na sua maioria, estes adotaram a nossa bandeira e, não sem uma grande luta interna, fizeram seu o nosso desejo.

Nos preparávamos para o II Congresso dos Sovietes, no qual contávamos obter uma vitória completa. O Comitê Executivo Central era dirigido por Dan, pois Cheidze, cauteloso, foi muito oportunamente para o Cáucaso, e o Comitê envidou todos os esforços para impedir a reunião do Congresso dos Sovietes. Após grandes esforços e apoiados por um grupo sovieta da Conferência Democrática conseguimos, finalmente, a fixação de um dia para a reunião de nosso Congresso: 25 de outubro (7 de novembro), data eternamente memorável na história da Rússia e a maior de todas.

Como medida preliminar, convocamos uma Conferência dos Sovietes das Províncias do Norte para Petrogrado, em que tomou parte a frota do báltico e o Soviete de Moscou. Nesta Conferência, conseguimos a maioria. A direita formada pela ala esquerda dos socialistas revolucionários, também nos apoiou. Iniciamos deste modo o levante revolucionário de outubro.

13 - O conflito na guarnição de Petrogrado

Anteriormente a isto, porém, e antes da Conferência dos Sovietes do Norte, havia ocorrido algo que deveria influir consideravelmente na próxima luta política.

Em meados de outubro, apresentou-se numa sessão do Comitê Executivo, um representante sovieta agregado ao Distrito Militar de Petrogrado, dizendo que o Quartel General solicitava o envio de dois terços da guarnição da capital para as trincheiras. Qual o objetivo desta medida? A defesa de Petrogrado! A ordem não devia efetuar-se imediatamente, mas tornava-se indispensável fazer os preparativos para tanto. O Distrito Militar pedia que o Soviete de Petrogrado aprovasse esta medida. Nós apuramos o ouvido. Já em fins de agosto tinham sido tirados da capital cinco regimentos revolucionários por indicação de Kornilov, então comandante geral, que na calada, preparava sua divisão caucásica de selvagens para se apoderar da cidade revolucionária.

Por isso, e por experiência, conhecíamos o significado de uma redistribuição de forças realizada com pretexto de operações militares. Não é descabido anteciper que, segundo documentos autênticos vindos para nosso poder depois da Revolução de Outubro, a projetada evacuação parcial de Petrogrado era alheia em absoluto às operações militares, sendo imposta ao general Dujonin contra sua vontade, só porque o próprio Kerensky estava ansioso por ver a cidade liberta de soldados revolucionários, isto é, de indivíduos pessoalmente hostis ao ditador.

Não sabíamos disso em meados de outubro e as nossas suspeitas provocaram uma tempestade de indignação patriótica. O comando militar dirigia-nos prementes ameaças. Kerensky, mui-

to paciente, sentia o chão fugir-lhe debaixo dos pés. Não tínhamos pressa em responder. É verdade que Petrogrado corria perigo e a terrível questão de sua defesa preocupava-nos em extremo. Porém, depois do sucedido nos dias de Kornilov e depois das palavras de Rodzianko sobre a ocupação temporária da cidade por alemães, quem nos garantia que Petrogrado não seria entregue ao inimigo, como sansão penal pelo seu espírito de rebeldia?

O Comitê Executivo não consentia no envio dos dois terços da defesa de Petrogrado sem antes examinar detidamente o assunto. Pedíamos provas reais do fundamento de tal pedido e que se criasse um organismo capaz de estudar os fatos. Assim nasceu a ideia de estabelecer junto à seção dos soldados dos soviets, isto é, junto à representação política da guarnição, um órgão puramente ativo, ou seja, o Comitê Militar Revolucionário, que posteriormente adquiriu um poder enorme e foi praticamente o instrumento da Revolução de Outubro.

Sem dúvida, quando propusemos a criação de um órgão centralizador da direção militar da guarnição de Petrogrado, constatávamos que forjávamos uma arma revolucionária de inapreciável valor. Já nessa altura, deliberadamente e sem o ocultar, caminhávamos para o levante e organizávamo-nos com esse fim. A abertura do Congresso dos Sovietes foi fixada para o dia 25 de outubro e não restava qualquer dúvida de que o Congresso se declararia partidário da entrega do poder aos soviets. Mas havia necessidade de efetivar a resolução, para que não ficasse em simples frase sem sentido.

A lógica da situação parecia indicar que o nosso levante se efetuariam a 25 de outubro. Os jornais assim insinuavam. Mas a sorte do Congresso dependia, em primeiro lugar, da guarnição de Petrogrado. Permitiria esta que o Congresso fosse rodeado por Kerensky com algumas centenas ou milhares de oficiais e sargentos, com batalhões de toda a confiança?

O simples fato de pretender que a cidade fosse desocupada, não seria um indício certo de que o governo preparava a dissolução do Congresso dos Sovietes? O contrário teria sido muito estranho, já que a nossa mobilização se fazia publicamente, à vista do país, reunindo as forças de todos os soviets para infligir o golpe mortal à coligação.

A isto se deveu que o conflito fosse provocado pela questão das tropas de Petrogrado. Por isso, os soldados tinham muito interesse no assunto; mas não era menor o interesse dos operários, pois os cossacos e oficiais cairiam sobre as massas revolucionárias com todas as suas forças, uma vez os soldados fora da cidade. O conflito aproximava-se da sua fase decisiva e o modo como se apresentava oferecia um aspecto muito desfavorável para Kerensky.

Paralelamente ao problema da guarnição, desenrolava-se a luta pela convocação do Congresso dos Sovietes. Nós pro-

clamávamos abertamente em nome do Soviete de Petrogrado e em nome da Conferência dos Sovietes do Norte, que o II Congresso liquidaria o governo Kerensky e se assenhorearia da Rússia. O levante, entretanto, estava iniciado e desenvolvia-se em todo o país.

Esta foi a questão principal discutida pelo nosso partido durante o mês de outubro. Lênin, oculto na Finlândia, escrevia frequentemente e insistia na adaptação de uma tática mais audaciosa. A fermentação das fileiras aumentava e crescia o descontentamento, porque o povo não via a realização das fórmulas do partido bolchevique, apesar deste contar com a maioria dos soviets.

No dia 21 de outubro, houve reunião secreta do Comitê Central do nosso partido. Lênin esteve presente. O assunto do levante figurava na ordem do dia. Por enorme maioria, contra dois votos apenas, foi decidido que o levante armado era o único meio de salvar a revolução e o país. Os soviets deviam apoderar-se de toda a autoridade.

14 - O Conselho Democrático e o Parlamento Provisório

Nascido da Conferência Democrática, o Conselho Democrático foi o herdeiro de sua incapacidade. Os antigos partidos soviéticos, socialista revolucionário e menchevique, tinham conquistado uma maioria artificial no Conselho, que não lhes servia para evidenciar a invalidez de sua política. Nos bastidores, Tseretelli fazia complicadas negociações com Kerensky e com os representantes dos elementos *proprietários*, como lhes chamavam no Conselho, para evitar o termo *burguês*, julgado como insulto. As informações de Tseretelli sobre o progresso e o resultado das suas negociações, pareciam uma oração fúnebre junto à tumba da revolução. Via-se claramente que nem Kerensky, nem os elementos *proprietários* concordariam na aceitação do princípio da responsabilidade ante o novo organismo semirepresentativo.

Era impossível encontrar homens práticos fora do partido dos kadetes. Os organizadores da empresa tiveram de transigir em ambos os pontos, fato tanto mais significativo quanto a Conferência Democrática havia sido convocada precisamente para acabar com o regime de irresponsabilidade e que a assembleia havia rejeitado toda a coligação com os kadetes.

Nas últimas reuniões, das poucas que o Conselho Democrático fez antes da nova revolução, havia uma atmosfera irrespirável, de incapacidade e desconfiança. O Conselho não reparava nos progressos da revolução, mas apenas na dissolução dos partidos que revolução havia deixado para trás.

Eu já tinha apresentado no nosso partido o problema de se abandonar ostensivamente a Conferência e de boicotar o Conselho Democrático. Era necessário mostrar às massas que os coligacionistas tinham levado a revolução a um beco sem saída. A luta em prol da formação de um governo soviético somente seria possível com mé-

todos revolucionários. Impunha-se arrancar a autoridade das mãos daqueles que se mostravam incapazes de as conservar e que já começavam a perder aptidão a ponto de causarem estragos.

O nosso método político devia consistir na mobilização de forças em torno dos soviets e no levantamento armado, para enfrentar o método de nossos adversários que os levava ao Parlamento Provisório, astuciosamente escolhido, e a uma problemática Assembleia Constituinte.

O programa proposto por mim só poderia realizar-se rompendo aberta e publicamente com o organismo criado por Tseretelli e seus amigos e concentrando toda a atenção e força nas massas operárias das organizações soviéticas.

Por isso, propus a saída barulhenta da Conferência Democrática e a agitação revolucionária nas fábricas e quartéis, para que não fosse adulterada a vontade revolucionária e se impedisse a pretendida fusão com a burguesia.

Lênin era da minha opinião, segundo carta recebida poucos dias depois. Mas, os chefes do partido revolucionário vacilavam. As jornadas de julho tinham deixado uma impressão muito profunda nos ânimos dos nossos correligionários. Os operários e soldados tinham conseguido refazer-se do efeito desmoralizador produzido pela repressão muito mais rapidamente do que os nossos companheiros. Com efeito, esses acreditavam que outra tentativa prematura daria ensejo para que o adversário destruísse as forças revolucionárias.

Quando fomos à Conferência Democrática, eu obtive cinquenta votos para a proposta que condenava toda a participação no Conselho Democrático; houve setenta votos contra. Mas, a experiência com o Conselho robusteceu a ala esquerda do partido. De qualquer maneira, era bem evidente que o método das combinações, que visava entregar a direção da revolução às classes proprietárias, ajudadas pelos coligacionistas, já sem voz entre as massas, não era o melhor procedimento para sair da embrulhada que os democratas da pequena burguesia nos haviam introduzido.

Quando o Conselho Democrático, reforçado com representantes das classes ricas, se transformou em Parlamento Provisório, nosso partido já estava maduro para aceitar a ruptura.

15. Os socialistas revolucionários e os mencheviques

A dificuldade, agora, residia em saber se os socialistas revolucionários da esquerda nos acompanhariam. O grupo estava em período de formação, o que significava incerteza e lentidão para o nosso objetivo. Durante a primeira fase da revolução, o partido socialista revolucionário era, de todos, o mais forte. Os camponeses e soldados, e ainda a grande maioria dos operários, votavam pelos socialistas revolucionários. Como esta popularidade era inesperada para os que dela desfrutavam, pareceu, mais de uma vez, que o partido iria naufragar nas ondas de seu próprio sucesso. Todo mundo queria alistar-se sob a bandeira dos socialistas revolucionários, exceto, como é natural, os capitalistas, os grandes proprietários e os intelectuais de alta posição. Isto ocorreu durante todo o primeiro período da revolução, quando as diferenças de classe não estavam ainda bem definidas, quando o desejo comum de unificação da frente exprimia-se num programa nebuloso de um partido disposto a amparar as reivindicações da classe operária, temerosa de perder os contatos com os camponeses, daqueles que pediam terras e liberdade; dos intelectuais, desejosos da chefia de ambas as classes, e dos elementos oficiais, empenhados em adaptar-se a uma nova ordem de coisas. No tempo do czarismo, Kerensky esteve filiado ao Partido do Trabalho; depois da vitória alcançada pela revolução, entrou no dos socialistas revolucionários. A popularidade deste partido cresceu como expressão do sucesso do governo de Kerensky. Por puro respeito (o que nem sempre foi puramente platônico) ao Ministro da Guerra, muitos generais e coronéis alistaram os seus nomes no partido dos que tinham sido chamados outrora terroristas. Os velhos socialistas revolucionários, que pertenciam à escola dos intransigentes sectários começaram a sentir-se comprometidos na companhia de tantos “socialistas revolucionários de março”, quer

dizer, de socialistas revolucionários que adormecendo conservadores acordavam revolucionários.

Na sua massa amorfa, o partido possuía não só as contradições internas próprias ao desenvolvimento revolucionário, mas também, as inerentes aos preconceitos das massas camponesas incultas, bem como as provenientes do sentimentalismo, falta de estima e ambição dos intelectuais. Com aqueles elementos, o partido não poderia conservar-se.

Do ponto de vista ideológico, sua impotência foi evidente desde o dia em que se organizou.

Na iniciação revolucionária do país, o papel principal coube aos mencheviques. Estes homens tinham passado pela escola do marxismo, e aprendido certos métodos e hábitos de que se valeram para contornar bem as dificuldades políticas, adulterando teoricamente o sentido da luta de classes até o ponto de obter, sempre que as novas condições o permitiam, a hegemonia da grande burguesia liberal. Esta foi a razão pela qual os mencheviques, estes francos defensores do direito da grande burguesia no exercício do poder, no momento da Revolução de Outubro, não tivessem virtualmente nenhuma expressão política.

Por seu turno, os socialistas revolucionários perdiam rapidamente a sua influência, primeiro entre os operários, depois no campo. Contudo, a Revolução de Outubro encontrou-os bem forte numericamente, e com uma aparência dominadora que desmentia os antagonismos internos. A ala direita, na qual preponderavam patriotas como Catarina Breshko-Breshkovskaya e Boris Savinkov⁴³, acabou por aderir aos contrarrevolucionários. Em contrapartida, começou a formar-se uma ala esquerda querendo manter-se em contato com as classes trabalhadoras. Se atentarmos para o fato de que o socialista revolucionário Avksentiev, Ministro do Governo, ordenava a detenção dos membros das Comitês de Camponeses, compostos por socialistas revolucionários, na sua quase totalidade, por efetuarem a divisão das terras, veremos o grau de desorganização a que havia chegado esse partido.

Chernov, chefe tradicional do partido, ocupava o centro. Escritor esperto, profundo conhecedor da literatura socialista, habilíssimo na tática das lutas políticas, assumiu sempre a chefia do partido enquanto a sua atividade se relacionava com os exilados. A revolução, que durante o seu primeiro impulso, ergueu os socialistas revolucionários a uma altura incrível, automaticamente elevou Chernov, mas apenas para manifestar a sua completa incapacidade, mesmo entre as personagens do período a que me refiro. As qualidades secundárias que asseguraram a Chernov uma preponderância durante o exi-

43 **Breshko-Breshkovskaya, Catalina:** Pertenceu ao antigo partido terrorista Vontade do Povo. Libertada da prisão pela Revolução de Fevereiro, se opôs ardentemente à Revolução de Outubro. **Savinkov, Boris** (1879-1925): célebre terrorista. Foi Ministro da Guerra de Kerensky. Também se opôs ao poder soviético.

lio, eram demasiado insignificantes para uma época revolucionária. Absteve-se de adotar resoluções comprometedoras, evitou ocasiões críticas, foi sempre contemporizador, e se eximia de qualquer ação decisiva. Esta tática negativa assegurou-lhe o domínio de uma zona mestra entre dois extremos, que cada vez mais se distanciavam. Mas, a unidade do partido era já impossível. Savinkov, o antigo terrorista, implicado na tentativa de Kornilov, mantinha ótimas relações com os círculos contrarrevolucionários dos oficiais cossacos e preparava um golpe mortal contra os soldados e operários de Petrogrado, entre os quais havia alguns membros da esquerda socialista revolucionária. Para obsequiar a esquerda, o centro expulsou Savinkov do partido, mas, este mesmo centro, não deu um único passo para combater Kerensky.

No Parlamento Provisório, o partido apresentava-se como incoerente até o inverossímil. Os três grupos que o constituíam operavam em absoluta independência, ainda que unidos sob a mesma bandeira. A verdade é que nenhum daqueles grupos tinha uma noção clara do que se propunha. O predomínio do partido na Assembleia Constituinte, significava a continuação de uma política estéril.

16 - A voz dos combatentes

Antes de abandonar o Parlamento Provisório, onde tínhamos apenas cinquenta votos segundo a estatística de Kerensky e Tseretelli, organizamos uma reunião em que solicitávamos a presença da esquerda socialista revolucionária. Não fomos atendidos, pois aquele grupo alegava que era preciso demonstrar a inutilidade do Parlamento junto à classe camponesa e que semelhante demonstração não podia fazer-se senão através de uma experiência prática.

“A nossa obrigação é advertir-vos – disse um dos chefes – que se ides abandonar o Parlamento Provisório para sair à rua e emprender a luta armada, não os seguiremos”.

Com efeito, a imprensa burguesa e coligacionista acusava-nos de tentar uma ruptura com o único fito de criar uma situação revolucionária. Assim, não esperamos os socialistas revolucionários e resolvemos trabalhar com toda a independência. A declaração feita por nosso partido, na tribuna do Parlamento Provisório, para explicar nossa saída daquele organismo, foi recebida com gritos de ódio e raiva, mas impotentes. Entretanto, dada a conhecer esta decisão ao Soviete de Petrogrado, foi aprovada por poderosa maioria. Martov⁴⁴, chefe do pequeno grupo de mencheviques internacionalistas, avaliou que a nossa saída do Conselho Provisório da República, nome oficial desta desacreditada instituição, seria compreensível apenas no caso de nos propormos a passar imediatamente à ofensiva contra o governo atual e não de outro modo. Era precisamente o que desejávamos fazer. Os agentes da burguesia liberal estavam certos em nos acusar de tendências revolucionárias, pois a única saída para

44 **Martov, Iulius** (1872-1923): Colaborador de Lênin na direção da socialdemocracia russa até 1903, quando se converteu em dirigente dos mencheviques. Emigrou para Berlim em 1920. Os mencheviques internacionalistas eram um setor minoritário dos mencheviques, oposto à capitulação da socialdemocracia internacional na Primeira Guerra Mundial. Martov era seu líder.

aquela situação desesperadora era o levante armado e a tomada do poder político.

Outra vez, como nos dias de julho, a imprensa e todos os órgãos da chamada opinião pública, levantavam a sua voz contra nós. Recorriam aos arsenais da luta passada para tomar as armas mais venenosas com que havíamos sido atacados, desde os dias de Kornilov. Esforço inútil! As massas afluíam em nossa direção com uma força irresistível, a eferescência aumentava de hora em hora. Das trincheiras chegavam delegados que diziam:

- *“Quanto tempo vai durar esta situação? Os soldados mandam-nos declarar que se no dia 09 de novembro não tiver sido tomada uma determinação no tocante à paz, abandonarão as trincheiras”.*

Efetivamente tal resolução tinha sido adotada na frente. De mão em mão, de um setor a outro, corriam panfletos escritos pelos mesmos soldados em que se punha como limite máximo o aparecimento das primeiras neves.

E os delegados do Exército acrescentavam:

- *“Nos esquecestes por completo! Se não encontrardes uma resolução satisfatória, viremos com as baionetas preparadas não só para atacar os nossos inimigos mais também a vós”.*

Poucas semanas depois, o Soviete de Petrogrado, onde tais coisas se passavam, era o centro de atração de todo o Exército.

Depois da virada política, que havia sido efetuada no seio do Soviete e da eleição da nova mesa diretora, as resoluções infundiam novas esperanças no ânimo abatido das exaustas tropas. Estas esperanças se direcionavam inteiramente para o bolchevismo, pois todos acreditavam que não lhe faltaria a firmeza necessária para publicar os tratados secretos e para propor, sem demora, um armistício em todas as frentes.

“Creem que os sovietes devem tomar todo o poder? Pois tomem-no! Temem que os soldados não os apoiem? Não tenham nenhuma dúvida: a grande maioria do exército está incondicionalmente com vocês”.

Além disso, o conflito sobre a evacuação parcial de Petrogrado aproximava-se de seu ponto crítico. A guarnição tinha reuniões quase diárias nas quais deliberavam os comitês das companhias e regimentos. Nossa influência sobre os soldados havia chegado a ser absoluta. O Quartel General do distrito militar de Petrogrado se achava em estado de incerteza. Às vezes entabulavam relações normais conosco; às vezes, incitado pelos chefes do Comitê Executivo Central, nos ameaçavam com medidas de repressão.

17 - O Comitê Militar Revolucionário

Já me referi à formação de um Comitê Militar Revolucionário, dependente do Soviete de Petrogrado que, segundo os nossos cálculos, seria o comando soviético da guarnição para se opor à ação do Comando de Kerensky.

Os doutrinadores do coligacionismo diziam que não podia haver dois comandos gerais. Nós respondíamos assim: *“poderia tolerar-se uma situação em que a guarnição desconfiasse do comando por temer que a remoção de tropas obedecesse a um plano contrarrevolucionário?”*

Replicavam-nos, em resposta, que a criação de um novo comando era uma insurreição declarada, pois o Comitê Militar Revolucionário podia ter por objetivo, já não o exame das intenções das autoridades militares, mas a preparação e execução de um levante contra o governo.

O argumento era irrefutável e, precisamente por isso, estávamos inabaláveis. Uma esmagadora maioria do soviete considerava necessário derrubar o governo de coligação. Quanto mais convincentes eram as demonstrações dos mencheviques e socialistas revolucionários sobre o caráter ameaçador da Comitê Militar Revolucionário, mais seguro seria o apoio do soviete ao novo organismo.

A Comitê Militar Revolucionário começou por nomear representantes em todas as seções da guarnição de Petrogrado e nas instituições mais importantes da capital e dos subúrbios.

Entretanto, soubemos que o governo, ou melhor, que os partidários do governo, estavam a organizar energeticamente suas forças. Corriam aos depósitos de armas oficiais e particulares para tirar espingardas, pistolas metralhadoras e munições que repartiam entre os estudantes e empregados e, em geral, entre os jovens da burguesia. Por isso consideramos urgente tomar uma medida que se antecipasse aos seus planos. Nomeamos representantes que se responsabilizaram pelos depósitos de armas e munições; tornamo-nos senhores da situação sem que nos oferecessem qualquer resistência. É certo que os

chefes encarregados da vigilância dos armazéns e os donos dos arsenais quiseram desconhecer a autoridade dos nossos representantes; mas bastou que eles apelassem para a Comitê Militar Revolucionário ou fizessem uma breve explicação aos proprietários para que terminasse toda a resistência. Deste modo, a entrega de armas ficou sob a dependência direta dos nossos agentes. Os regimentos da guarnição de Petrogrado também tiveram seus agentes comissionados, mas a sua nomeação era feita por meio do Comitê Executivo Central.

Após o Congresso de Sovietes, reunido em junho e, particularmente, depois da manifestação de 1º de julho, em que demonstramos a força do bolchevismo, os partidos de coligação tinham já segregado o soviete da capital, para que não influenciasse nos assuntos da cidade revolucionária. Começaram por confiar ao Comitê Executivo Central todos os assuntos que se relacionavam com a guarnição. Assim, não foi fácil a distribuição dos encarregados soviéticos, e só pudemos empreende-la graças à cooperação das massas armadas. Um após outro, os regimentos declaravam que só reconheceriam os agentes do Soviete de Petrogrado e que não dariam um só passo sem a aprovação destes agentes. A declaração foi feita após a reunião na qual falaram oradores de todos os partidos.

O organismo militar dos bolcheviques teve uma participação mais direta na nomeação dos agentes representantes. Tal obra não teria sido possível sem a propaganda feita por aquele organismo antes das jornadas de julho. É preciso recordar que no dia 18 do referido mês, o batalhão de ciclistas, levado até à capital por Kerensky, atacou a vila da senhorita Krzeszinka⁴⁵, onde o nosso centro militar tinha os escritórios. Foram presos quase todos os chefes e muitos membros do centro militar bolchevista; todos os documentos caíram nas mãos das forças inimigas e foram destruídas as máquinas de imprimir. O partido não voltou a ter meios de propaganda até conseguir instalar tipografias ocultas, muito tempo depois.

O organismo militar a que me venho referindo compunha-se de uma centena de indivíduos pertencentes à guarnição de Petrogrado, entre os quais muitos jovens oficiais e soldados resolutos e absolutamente fiéis à revolução. Entre todos, distinguiam-se os aspirantes a quem Kerensky conservou sob prisão em julho e agosto. O Comitê Militar Revolucionário depositava plena confiança nestes elementos dando-lhes os postos mais importantes para fins de propaganda.

É útil recordar que os membros do organismo militar bolchevista foram os mais cautelosos quando se planejou o levante de outubro. Mostravam-se ainda céticos quanto aos resultados. Com um caráter exclusivamente militar, aquele organismo inclinava-se involuntariamente a dar ênfase aos meios técnicos da insurreição, e não podíamos negar que, deste ponto de vista, nossa situação era frágil. Nossa força residia no espírito revolucionário das massas e na sua disposição de lutar sob as nossas bandeiras.

45 **Krzeszinka**: Célebre bailarina, amante do Czar Nicolau II.

18 - Maré montante

Junto com a obra de organização, prosseguia, sem descanso, a de agitação. Realizavam-se frequentes reuniões nas fabricas, no Circo Moderno e no de Ciniselli, nos centros políticos e nos quartéis. A atmosfera dessas reuniões estava carregada de eletricidade. A palavra insurreição era saudada com tempestade de aplausos e gritos de aprovação.

O estado de alarme se intensificou ainda mais pela propaganda de imprensa burguesa. A ordem expedida por mim para que a Fábrica de Armas de Sestroretski entregasse 5.000 espingardas à Guarda Vermelha⁴⁶, espalhou o pânico na burguesia. De viva voz, e por escrito, anunciava-se uma matança geral preparada pelo bolchevismo. Como é de supor, isto não impedia que os operários da Fábrica Sestroretsky dessem armas à Guarda Vermelha. Enquanto a imprensa burguesa rugia furiosamente, as massas atendiam ao nosso chamado com o maior entusiasmo.

Os dois lados viam, cada dia mais claramente, que se aproximava o momento decisivo. A imprensa menchevista e socialista revolucionária estava frenética. Todos os seus órgãos repetiam: “*A revolução corre um perigo eminente! Prepara-se uma repetição dos dias de julho, em escala muito maior, cujos resultados serão incalculavelmente desastrosos*”.

No seu Jornal **Novaya Zizn** (*Nova Vida*), Gorki⁴⁷ profetizava diariamente o fim da civilização.

A cor vermelha do socialismo desapareceu com uma velocidade incrível das mentes da burguesia intelectual à medida que se torna-

46 **Guarda Vermelha:** Formações armadas de autodefesa operária com base nas fábricas.

47 **Gorki, Máximo** (1874-1934): Conhecido escritor russo de contos populares curtos, novelas e dramas, foi hostil à Revolução de Outubro de 1917, mas logo apoiou o governo de Stálin.

va iminente o regime estrito da ditadura proletária. Por sua vez, os soldados, mesmo os dos regimentos pouco avançados, aclamavam entusiasticamente os agentes do Comitê Militar Revolucionário.

O comando do distrito militar de Petrogrado entrou em negociações conosco e propôs uma negociação. Aceitamos as conversações, mas apenas para ter uma ideia da força com que contava o adversário. Não foi difícil constatar que o Comando estava com os nervos muito excitados, pois passou de admoestações a ameaças e acabou por declarar que nossos agentes eram ilegais, o que, no entanto, não impedia a obra a que estavam se dedicando. Depois de tudo isto, o Comitê Executivo Central, de acordo com o comando de Petrogrado, nomeou o capitão Malevsky, representante superior da guarnição e consentiu em reconhecer os nossos representantes desde que se submetessem à sua autoridade. Rechaçada esta proposta, as negociações ficaram suspensas e não voltaram a ocorrer, embora se empenhassem nelas iminentes socialistas revolucionários e mencheviques, de quem recebemos advertências oficiais, umas vezes ameaçadoras, outras vezes em tom persuasivo, predominando sempre uma nota pessimista sobre o fim próximo da revolução.

19 - O Soviete de Petrogrado

Já estava em poder do Soviete de Petrogrado e do nosso partido, o edifício Instituto Smolny⁴⁸. Os mencheviques e socialistas revolucionários da direita tinham-se trasladado para o Palácio Maria, onde agonizava o recém-nascido Parlamento Provisório.

Kerensky pronunciou um grande discurso nesta assembleia. Com frases históricas, recebidas pela burguesia com ruidosos aplausos, quis esconder a impotência do regime a que presidia.

O comando militar fez uma tentativa suprema. Dirigindo-se às várias unidades da guarnição, convidou-as a que nomeassem delegados, dois por cada unidade, com o fim de discutir a retirada das tropas. Esta conferência deveria efetuar-se a 4 de novembro às treze horas.

Os regimentos nos informaram do convite. Nós, então, convocamos telefonicamente uma junta da guarnição de Petrogrado, para as onze da manhã. Houve quem fosse ao comando, mas apenas para declarar que, sem autorização do soviete, as tropas não dariam um passo fora da cidade. A junta da guarnição reafirmou unanimemente, a sua lealdade ao Comitê Militar Revolucionário. A única oposição encontrada procedia dos antigos partidos soviéticos, mas não teve eco entre os delegados dos regimentos. Em suma: a tentativa do comando serviu somente para demonstrarmos que pisávamos terreno firme. Chamou atenção que entre os nossos partidários mais entusiastas figurasse o regimento de Volínia, que na noite de 16 a 17 de julho tinha marchado com música e bandeiras para dissolver os bolchevistas no Palácio de Táurida.

O Comitê Executiva Central tinha-se apoderado dos fundos e da imprensa do Soviete de Petrogrado. Todos os esforços dispendidos pela sua recuperação resultaram inúteis. Por isso, em meados de outubro, começamos a dar os passos necessários para fundar um jornal independente, órgão do soviete. Ocupadas como estavam todas as tipografias, não tínhamos entrada nelas.

48 **Instituto Smolny**: Antigo colégio para moças da aristocracia.

Para resolver a questão, fixamos o Dia do Soviete, no qual faríamos ampla divulgação e recolheríamos fundos destinados a publicação do nosso jornal. Este acordo foi realizado em meados de outubro e estabelecemos a data para o dia 22 de outubro. Assim, coincidiu com os rumores públicos sobre o movimento que rebentaria proxima-mente. A imprensa inimiga dizia que neste dia os bolchevistas arma-dos sairiam pelas ruas. Ninguém mais duvidava; apenas a data é era discutível. Foram inúteis os esforços todos enviados para chegarem a predição exata, a fim de nos arrancarem a certeza ou negativa.

No dia 22 de outubro, realizou-se a revista às forças do exército proletário. As horas transcorreram esplendidamente neste dia, em todos os sentidos. Apesar das advertências da direita, que falavam de rios de sangue nas ruas de Petrogrado, todo mundo saiu para tomar parte na reunião do Soviete. Valemo-nos de toda a nossa força de oratória. O público era numerosíssimo e as reuniões prolonga-ram-se por muitas horas. Além dos oradores do nosso partido, fala-ram todos os delegados vindos de todo o país para tomar parte no Congresso dos Sovietes. Não faltaram representantes do exército em campanha e houve discursos de socialistas revolucionários e anar-quistas. As salas estavam cheias de operários e soldados. Poucas vezes se vira tanta animação em Petrogrado.

Uma grande parte da pequena burguesia estava particularmente inquieta. Se não os assustava o que viam, inquietavam-se pelos vati-cínios da imprensa burguesa. Agrupavam-se milhares de indivíduos em frente ao Palácio do Povo, penetravam pelos corredores e en-chiam as salas. Nas colunas penduravam-se pessoas como cachos de uva. A atmosfera sacudida por correntes elétricas, semelhante aos dias mais críticos de toda a Revolução.

Morra o Governo de Kerensky!

Viva a Paz!

Viva o Governo Sovietista!

Tais eram os gritos que ressoavam no edificio. Não aparecia se-quer um partidário dos antigos grupos que se atrevesse a afrontar a ira daquela manifestação colossal. O triunfo do Soviete de Petro-grado era único. Na realidade a campanha tinha terminado. Restava apenas dar um golpe gracioso no fantasma do governo.

20 - A conquista dos vacilantes

Alguns amigos, cautelosamente, advertiam-nos que determinadas unidades do Exército estavam fora do movimento. Citavam os cossacos, o regimento da cavalaria, os guardas de Semenov e o regimento de ciclistas. Enviamos-lhes, imediatamente, agentes de propaganda e representantes. Recebemos informações satisfatórias. A atmosfera caldeava os espíritos. Os elementos mais tranquilos do exército não podiam resistir à influência da guarnição de Petrogrado.

Eu mesmo assisti a uma reunião do regimento de Semenov, organismo conceituado como uma das colunas do Governo de Kerensky. Ali estavam também alguns dos mais eloquentes da direita lutando por ativar o espírito do regimento, última esperança do ministério de coligação. Mas tudo foi inútil, o regimento declarou-se a nosso favor por uma maioria surpreendente. Nem sequer permitiu que os ministros terminassem os seus discursos.

Os principais inimigos das novas reivindicações eram os oficiais, os voluntários e os intelectuais. Os operários e camponeses estavam absolutamente do nosso lado. Era fácil traçar a linha divisória. Uma linha sem sinuosidade.

A base militar de Petrogrado é a fortaleza de Pedro e Paulo⁴⁹. Para comandar esta posição, destacamos um jovem oficial que bem depressa se mostrou digno daquele posto. Num só dia, tornou-se dono da situação. Os chefes oficiais da fortaleza se puseram de lado e assumiram uma atitude de expectativa.

Por razões já apontadas, o regimento de ciclistas era considerado, por nós, unidade suspeita. No dia 5 de novembro, às quatorze horas, fui à fortaleza. Havia uma reunião no pátio. Os oradores da direita falavam com muita cautela, evitando toda alusão a Kerensky, cujo nome levantava gritos de indignação e protesto, mesmo entre os soldados. Quando nós falamos, escutaram-nos com amostras de muita adesão.

49 Fortaleza de Pedro e Paulo: Prisão estatal do czarismo desde 1718.

Às dezesseis horas, os ciclistas tiveram uma reunião no Circo Moderno, próximo da Fortaleza. Entre os oradores figurava o General Paradelov. As suas palavras foram também muito medidas. Já tinham passado os dias em que os oradores oficiais aproveitavam qualquer ocasião que se lhes deparava para nos chamarem traidores ao serviço do Kaiser. O primeiro ajudante do comando se aproximou de mim para dizer: *“por que não chegamos a um acordo”*. Era tarde demais. Depois do debate, todo o batalhão, com apenas trinta votos contrários, se declarou a favor da transferência do poder aos soviets.

21 - O começo da insurreição

O Governo de Kerensky ia de um lado para o outro procurando ajuda. Chamou dois batalhões de ciclistas e uma bateria de morteiros da frente. Ordenou um aumento na cavalaria.

Durante a viagem dos ciclistas telegrafaram ao Soviete de Petrogrado: “*Levam-nos a este capital. Ignoramos o objetivo desta ordem. Queiram explica-la.*” Respondemos que detivessem a marcha enviando apenas uma delegação. Quando esta chegou, os seus membros declararam na junta do Soviete que o batalhão estava do nosso lado. Como é natural, o entusiasmo aumentou e deram-se ordens para que o batalhão entrasse imediatamente na cidade.

O número de delegados da frente engrossava de dia para dia. Informavam-se da situação, recebiam folhetos de propaganda e voltavam para a frente, onde davam a conhecer os esforços do Soviete de Petrogrado para que o governo passasse para o poder dos operários, soldados e camponeses.

“*As trincheiras apoiam-vos*”. Era a garantia que nos davam as delegações.

Entretanto, os antigos comitês do exército, onde não havia reeleições há quatro ou cinco meses, enviavam telegramas ameaçadores. Ninguém lhes dava importância. Sabíamos perfeitamente que os comitês não estavam em contato com a massa de soldados e que se encontravam no mesmo caso do Comitê Executiva Central relativamente às assembleias soviéticas.

O Comitê Militar Revolucionário enviou agentes a todas as estações ferroviárias para que inspecionassem as entradas e saídas dos trens e, principalmente, para que reparassem no movimento das tropas. Tinham comunicações constantes, quer por telefone, quer por meio de viaturas com as cidades mais próximas e respectivas guarnições. Todo os soviéticos, unidos ao de Petrogrado, deviam impedir que a capital fosse ocupada por tropas contrarrevolucionárias ou, para ser mais exato, por nenhuma tropa enganada pelo governo. Os emprega-

dos inferiores e operários das estradas de ferro, reconheciam o caráter oficial dos nossos agentes.

A 24 de Outubro, surgiu um conflito na Central Telefônica. Negaram a comunicação que pedíamos. Os alunos da escola militar tinham-se apoderado do edifício e, protegidos por eles, as telefonistas opunham-se ao soviete. Esta foi a primeira manifestação de sabotagem que no futuro nos oporia a oficialidade e a burocracia. O Comitê Militar Revolucionário enviou um destacamento à Central Telefônica e colocou peças de artilharia ligeira à porta do edifício. Começou deste modo o assalto às repartições públicas. Agrupamos pequenos destacamentos de marinheiros e guardas vermelhos no Telegrafo, nos Correio e noutras repartições, enquanto dávamos os passos necessários para encontrar desprevenido o Banco do Estado.

O Instituto Smolny, sede do Soviete de Petrogrado, foi convertido em fortaleza. Na parte superior, havia vinte e poucas metralhadoras, legado do Comitê Executivo Central, que estavam mais ou menos abandonadas e cujos responsáveis não guardavam qualquer disciplina. Chamamos outro destacamento de metralhadoras que rodavam ao largo das galerias do instituto nas primeiras horas da manhã. Alguns mencheviques e socialistas revolucionários que ainda estavam no edifício espreitavam pelas frinchas das portas, entre surpreendidos e assustados.

O Soviete e a Guarnição organizavam reuniões diárias no Instituto.

Um pequeno aposento, do terceiro piso, oculto num ângulo dos corredores era o local onde se reuniam os membros da Comitê Militar Revolucionário e onde, atualmente, se encontravam em reunião permanente. Chegavam ali todas as notícias sobre o movimento de tropas. O espírito reinante entre soldados e operários, o progresso da propaganda nos quartéis, os estragos dos amotinadores, as conferências dos políticos burgueses, a vida no Palácio de Inverno e as intenções dos antigos partidos soviéticos. Sabíamos tudo. Os nossos informantes eram operários, oficiais, porteiros de casas ricas, lacaios e até senhoras da alta sociedade. Alguns dos informantes apresentavam narrações ridículas; outros, informações da maior importância.

Aproximava-se o momento decisivo. Seria irreparável o que nele se passasse.

Na noite de 24 de outubro, Kerensky foi ao Parlamento Provisório e solicitou a aprovação de uma série de medidas repressivas contra os bolchevistas. Mas, no Parlamento Provisório reinava uma confusão lamentável, atingindo os limites da dissolução. Os kadetes compeliavam os socialistas revolucionários da direita para que aceitassem um voto de confiança; os socialistas revolucionários da direita, faziam pressão sobre o centro; o centro vacilava; os socialistas revolucionários da esquerda faziam uma campanha de oposição. Depois de muitas conferências, discussões e vacilações adotou-se a resolução da ala esquerda, condenando o movimento sedicioso dos soviéticos, ainda que a responsabilidade pesasse sobre a política antidemocrática do governo.

O Correio trazia-nos cartas diariamente, em que se declarava que estávamos condenados à morte, que havia máquinas infernais, que o Instituto Smolny não tardaria em ir pelos ares, que seria inútil da nossa parte, qualquer precaução. A imprensa burguesa mostrava o seu ódio e o seu medo de forma violentíssima. Gorki, esquecendo completamente o canto do Albatroz⁵⁰, anunciava no seu jornal *No-vaya Zizn*, a proximidade da catástrofe.

Os membros da Comitê Militar Revolucionário não saíram do Instituto Smolny durante uma semana inteira. Dormiam aos poucos, estendidos em sofás, e eram despertados para darem atenção aos Correios, aos informantes, ciclistas e telegrafistas. As campanhas dos telefones tocavam sem descanso.

A noite mais agitada foi a de 24 para 25. De Pavlosk⁵¹ informaram-nos pelo telefone que o governo chamava dali os artilheiros e alunos da Escola Militar de Peterhoff. Kerensky estava no Palácio do Inverno, rodeado de oficiais, subalternos e apoiadores. Ordenamos, pelo telefone, que fossem guardadas por destacamentos leais as vias de acesso a Petrogrado e para que se fizesse intensa agitação entre as tropas convocadas pelo governo. Se não retrocedessem movidas por persuasão, recorrer-se-ia à força. Falávamos pelo telefone sem ocultar os nossos planos que, naturalmente, eram conhecidos pelos agentes do governo.

Soubemos que as entradas da capital estavam completamente resguardadas pelos nossos partidários. Os alunos da Escola Militar da Oranienbaum⁵², durante a noite, conseguiram atravessar as nossas linhas, mas sabendo-o foi-nos fácil seguir os seus movimentos pelo telefone. Como medida de precaução chamamos uma companhia adicional que ficou nos arredores de Smolny. A nossa comunicação com as forças da guarnição era ininterrupta. Os regimentos tinham a vigilância dos nossos agentes. Cada unidade dispunha, continuamente, de uma delegação às ordens da Comitê Militar Revolucionário, tanto de dia como de noite.

Deram-se ordens terminantes para serem reprimidas todas as manifestações dos “Cem Negros” ou qualquer tentativa de amotinação, empregando a força sem comiseração nem piedade. Durante a noite foram passando para o nosso poder os pontos mais importantes da cidade, dos quais tomamos posse quase sem resistência, sem luta e sem sangue.

No Banco do Estado havia sentinelas do governo e um carro blindado; todavia os nossos destacamentos rodearam o edifício, a viatura de guerra caiu nas nossas mãos de surpresa e o Banco ficou à dis-

50 **Canto do Albatroz:** Poema em verso livre dos primeiros tempos de Máximo Gorki. O albatroz era um símbolo do amor à liberdade e do heroísmo na rebeldia.

51 **Pavlovsk:** Pequena cidade, a uns trinta quilômetros de Petrogrado. Antiga residência de veraneio da família imperial.

52 **Oranienbaum:** Outra residência de veraneio da família imperial, próxima de Petrogrado.

posição do Comitê Militar Revolucionário, sem que fosse necessário disparar um só tiro.

O cruzador *Aurora* estava no Neva, abaixo dos ancoradouros da Companhia Franco-Russa, em reparação. A bordo não havia qualquer proteção a não ser a da marinhagem, inteiramente ligada ao movimento revolucionário. Nos últimos dias de agosto, quando *Kornilov* ameaçou Petrogrado, os marinheiros do *Aurora* foram chamados para a proteção do Palácio de Inverno. E mesmo quando eram hostis, em extremo, ao governo, consideravam seu dever repelir o movimento contrarrevolucionário. Por isso, protegeram o Palácio sem uma única palavra de protesto. Passado o perigo, foram postos de lado. Nos dias críticos de outubro, a sua intervenção podia ser muito perigosa para o governo e para evitar o perigo, foi ordenado que o cruzador abandonasse as águas de Petrogrado. A tripulação comunicou-nos sobre a disposição do Ministério da Marinha e nós demos uma contraordem. O cruzador apenas esperava uma chamada para colocar todas as suas forças ao serviço do Soviete.

22 - A jornada decisiva

Durante a madrugada de 25 de outubro, um operário e uma operária, que trabalhavam na tipografia do partido, correram ao Instituto Smolny trazendo a notícia de que o governo tinha mandado proibir a publicação do órgão central dos bolcheviques⁵³ e o novo jornal do Soviete de Petrogrado. As portas da tipografia estavam seladas por ordem do governo. O Comitê Militar Revolucionário, imediatamente, deu uma contraordem, tomou sob a sua alçada os dois jornais e encomendou ao forte regimento de Volínia a honra de manter a liberdade da imprensa socialista, protegendo-a contra qualquer tentativa do adversário. O trabalho recomeçou prontamente e os dois jornais apareceram à hora de costume.

O Conselho de Ministros prosseguia no Palácio de Inverno, mas ali não havia mais do que uma sombra de governo. Politicamente tinha deixado de existir. No dia 25 de outubro, as tropas soviéticas rodearam gradualmente o edifício. Às treze horas, eu, como representante do Comitê Militar Revolucionário, anunciei no Soviete que o governo de Kerensky tinha desaparecido e que, à espera da resolução do Congresso dos Sovietes, a autoridade pública seria assumida pelo organismo em cujo nome falava.

Poucos dias antes, Lênin tinha saído da Finlândia e estava escondido num bairro operário dos arredores. Nesse mesmo dia 25, apareceu secretamente no Instituto Smolny. Julgando pelas notícias da imprensa, pensava que tínhamos chegado a um acordo com o governo de Kerensky. A imprensa burguesa tinha explorado de tal modo as suas profecias de insurreição, desfiles de soldados nas ruas, pilhagem, rios de sangue e confusão geral, que não constatou a própria insurreição quando ela se desenrolava. Presenciou as nossas negociações com o comando militar e tomou-as a sério.

53 Trata-se do jornal 'Pravda' (A verdade), que voltara a circular semanas antes da insurreição armada.

Entretanto, sossegadamente, sem luta pelas ruas, sem tiros nem sangue, as dependências oficiais iam caindo em nosso poder e eram ocupadas pelos soldados, marinheiros e guardas vermelhos, entre os quais reinava uma perfeita disciplina e que obedeciam às ordens telefônicas emanadas de um aposento oculto no terceiro piso do Instituto Smolny.

Durante à noite, o II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, realizava a sua sessão preliminar.

Dan apresentou o informe do Comitê Executivo Central. Em termos duros, falou contra os rebeldes, os usurpadores, os autores de agitação e pretendeu atemorizar o Congresso vaticinando o fracasso inevitável da insurreição, que seria esmagada em um ou dois dias pelas tropas da frente. As suas palavras não persuadiram ninguém e eram totalmente impróprias para um Congresso que seguia, com o maior entusiasmo, a marcha vitoriosa do levante da guarnição.

Àquela mesma hora, o Palácio de Inverno estava completamente cercado, se não já conquistado. De vez em quando havia disparos vindos das janelas para responder aos sitiadores que lenta e cuidadosamente, fechavam o cerco. O Palácio foi atingido por algumas granadas da Fortaleza de Pedro e Paulo e o ruído das explosões ouviu-se no Instituto Smolny.

Martov, cheio de indignação impotente, falava da guerra civil e referia-se especialmente ao cerco do Palácio de Inverno, onde havia – horror dos horrores! – alguns membros do partido menchevista. Dois marinheiros, que acabavam de chegar do teatro dos acontecimentos, e que subiram à tribuna para apresentar um informe, falaram contra Martov. Disseram o que entenderam sobre a ofensiva de julho, sobre a pérfida política do antigo governo, sobre o reestabelecimento de pena de morte para os soldados, sobre os preços, sobre a ocupação de oficiais revolucionários e acabaram declarando que só queriam ou morrer ou vencer. Foram eles que nos deram notícias das primeiras vítimas do nosso partido, caídas na Praça do Palácio.

Toda a gente se levantou como se um sinal invisível tivesse tocado a todos os presentes e, com uma unanimidade que só é possível em profunda intensidade moral de sentimentos, foi entoada uma marcha fúnebre. Nenhum dos que estavam ali esquecerá. A reunião terminou violentamente, pois era impossível continuar a discutir questões teóricas de governo, ouvindo o eco das bombas que explodiam à volta do Palácio de Inverno, onde se decidia a sorte desse mesmo governo, cuja política estava em causa.

A conquista do Palácio, contudo, não foi empresa fácil. A demora da luta influenciava o espírito de uma parte do Congresso. Os oradores da direita continuavam vaticinando a nossa derrota. Todos aguardavam ansiosamente as notícias do Palácio de Inver-

no. Por fim apareceu Antonov⁵⁴, chefe das operações. A sala ficou em profundo silêncio. O Palácio de Inverno tinha sido tomado. Kerensky fugiu. Os outros membros do governo estavam presos na fortaleza de Pedro e Paulo. Acabou assim o primeiro capítulo da Revolução de Outubro.

Os socialistas revolucionários da direita e os mencheviques, num total de sessenta pessoas, décima parte do Congresso, abandonaram o salão em sinal de protesto. Não podendo fazer outra coisa “arremessaram toda a responsabilidade do que pudesse acontecer” sobre os bolchevistas e socialistas revolucionários da esquerda. Estes últimos ainda vacilavam. O seu passado ligava-os ao partido de Chernov. A direita desse partido já se confundia com a pequena burguesia, com seus intelectuais, com os aldeões apaziguados. Em questões importantes, aquele grupo colocava-se ao lado da burguesia liberal contra nós. Os elementos mais revolucionários do partido refletiam o radicalismo das reivindicações sociais dos paupérrimos camponeses, e inclinavam-se para o proletariado e seus órgãos. Contudo, temiam cortar o cordão umbilical que os unia ao antigo grupo. Quando da nossa saída do Parlamento Provisório negaram-se a seguir-nos e preveniam-nos contra o perigo das *aventuras*. A insurreição, porém, obrigava-os a tomar uma decisão a favor ou contra o Soviete. Se bem que vacilando, foram concentrando as suas forças do mesmo lado da barricada que nós.

54 **Antonov Ovseienko, Vladimir A.** (1883?-1939): Em 1917 dirigiu a tomada do Palácio de Inverno de São Petersburgo. Foi membro do Conselho dos Comissários do Povo no II Congresso dos Sovietes (1917) e formou parte do presidium do novo comitê. Cônsul geral em Barcelona (1936-1938), teve uma intervenção decisiva na desarticulação do POUM (1937) e no covarde assassinato de seu líder, Andrés Nin. De regresso à URSS, foi processado por trotskismo e executado. Foi reabilitado em 1956.

23 - A formação do Conselho dos Comissários do Povo

Em Petrogrado, a vitória foi completa. O Comitê Militar Revolucionário tinha nas suas mãos todas as rédeas do poder. Expedimos os nossos primeiros decretos, que foram de abolição da pena de morte, nova eleição para os comitês militares e uma série de outras medidas do mesmo gênero. Porém, rapidamente constatamos que estávamos separados das províncias. Os funcionários superiores das ferrovias, dos correios e dos telégrafos eram nossos inimigos. Os antigos comitês do exército, as câmaras municipais e os “zems-tvos” continuavam a enviar telegramas ameaçadores para o Instituto Smolny. Tinham-nos declarado guerra e diziam que a rebelião seria sufocada brevemente.

Os nossos telegramas, decretos e explicações não conseguiam chegar às províncias porque a Agência Telegráfica de Petrogrado negava a sua transmissão. Nestas circunstâncias, era fácil a difusão de rumores imaginários, mas inquietantes.

Constatando que o soviete tinha assumido o poder de fato, que os membros do governo anterior estavam detidos e que os soldados dominavam as ruas de Petrogrado, a imprensa burguesa e dos partidos da coligação espalhou coisas inauditas contra nós. O Comitê Militar Revolucionário era objeto das calúnias mais abomináveis.

A 26 de Outubro houve reunião do Soviete de Petrogrado na qual estiveram presentes os delegados do Congresso dos Sovietes, os soldados da Conferência Militar e muitos membros do partido. Pela primeira vez, após um intervalo de quatro meses, Lênin e Zinoviev falaram publicamente, tendo sido alvos de imensa ovação. Porém, o júbilo da vitória aparecia perturbado pela inquietação com que esperávamos notícias do interior, ignorando por um lado como seria recebida a nossa atuação e, por outro, necessitando de pormenores concretos que nos indicassem a força efetiva das assembleias soviéticas.

Na noite do mesmo dia, houve uma sessão do Congresso, com grande importância para nós. Lênin propôs dois decretos: um sobre a paz e outro sobre a terra⁵⁵. Depois de rápida discussão, ambos foram aprovados por unanimidade. Na mesma reunião foi constituída um novo governo para o país, formado pelo Conselho dos Comissários do Povo.

O Comitê Central de nosso partido fez todo o esforço para pôr-se de acordo com os socialistas revolucionários de esquerda, e estes foram convidados a tomar parte na formação do governo revolucionário. Eles hesitaram e argumentaram que o governo deveria ter o caráter de uma coalizão de todos os partidos soviéticos.

Porém, os mencheviques e os socialistas revolucionários de direita tinham rompido toda relação com o Congresso dos Sovietes, já que eram partidários convictos de uma coalizão com os partidos antissoviéticos. Assim, limitamo-nos a mostrar aos socialistas revolucionários da esquerda a conveniência de atrair os da direita para o campo da revolução. Enquanto eles se esforçavam pela realização desta causa perdida, nós assumimos inteira responsabilidade pelo governo e a lista de Comissários do Povo foi constituída, integralmente, por bolcheviques. Havia com isso, um indubitável perigo político. A transição foi muito radical. Basta lembrar que, 24 horas antes, os líderes deste partido ainda estavam sob a acusação nos termos do artigo 108 do Código Penal, ou seja, de alta traição. Mas não havia alternativa possível. Os outros grupos do soviete vacilavam e declinavam toda responsabilidade, preferindo ficar na expectativa.

Depois de tudo, não tínhamos a menor dúvida de que nosso partido era o único capacitado para uma situação realmente revolucionária.

55 **Decretos sobre a paz e a Terra**, 26-27 de outubro (8-9 de novembro) de 1917: O II Congresso dos Sovietes dita os primeiros decretos: sobre os direitos do povo trabalhador; sobre a terra para os camponeses e sobre a paz. O da terra estabelecia a expropriação e a repartição da terra que pertencia aos grandes latifundiários, sob o controle dos sovietes camponeses. Desta maneira, o bolchevismo dá um grande impulso às forças revolucionárias em toda a extensão da Rússia, soldando assim o destino da revolução à aliança com o campesinato. O outro decreto, dava por finalizada a participação da Rússia na guerra imperialista.

24 - Os primeiros dias do novo regime

Confirmados pelo Congresso, os decretos relativos às terras e à paz foram publicados e abundantemente distribuídos para que circulassem em todo o país. Tudo foi possível com a cooperação dos delegados do exército, daqueles que vinham das aldeias e dos propagandistas especiais destinados às trincheiras e às províncias do interior.

Entretanto, continuava a organização e o armamento da Guarda Vermelha que, justamente com a guarnição e os marinheiros, desempenhavam a tarefa árdua de vigilância e de guarda.

O Conselho dos Comissários do Povo ia-se apoderando, sucessivamente, dos organismos oficiais e em todos encontrava resistência passiva dos funcionários de alta e média categoria. Por seu lado, os antigos partidos soviéticos faziam tudo quanto lhes era possível para conseguir o apoio destes elementos da burocracia e para perturbar a marcha da nova administração. Os inimigos tinham a certeza de que éramos uma nuvem de verão. Duraríamos um ou dois dias; no máximo uma semana.

Os cônsules e funcionários das embaixadas foram ao Instituto Smolny levados, em parte, pela urgência das suas obrigações oficiais, mas também por mera curiosidade. Os correspondentes dos jornais apareciam com os seus blocos de apontamentos e máquinas fotográficas. Todos mostravam muita pressa porque pensavam que aquela realidade seria episódica e assaz passageira.

Na cidade reinava a ordem mais perfeita. Os marinheiros, soldados e guardas vermelhos tinham uma conduta exemplar na ordem revolucionária mais estrita.

Nossos inimigos vivam o temor crescente de que a “realidade epissódica” continuasse muito tempo e organizaram o seu primeiro ataque ao novo governo. A iniciativa foi dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, os mesmos homens que nos períodos anteriores não se mostraram dispostos a assumir inteira responsabilidade pelo poder. Contentavam-se com o papel de seguidores da união. Eram, ao mesmo tempo, auxiliares, críticos, opositoristas benévolos, e apologistas da burguesia. Em todas as eleições anatematizavam escrupulosamente a burguesia liberal, mas no governo viviam em estreita união com ela. Mercê desta tática perderam completamente

a confiança das classes populares e do exército nos seis primeiros meses da Revolução. Por isso, não era de estranhar que os acontecimentos de outubro significassem o coroamento do seu descrédito.

Poucas horas antes, sem dúvida, sentiam-se donos da situação. Os chefes bolcheviques, a quem perseguiam, viam-se obrigados a viver fora da *legalidade* e a esconder-se como nos tempos do czarismo. O poder agora pertencia aos perseguidos da véspera e os ministros, assim como os seus auxiliares, já não tinham qualquer influência. Naturalmente, não queriam aceitar que a súbita mudança de condições fosse o princípio de uma nova época. Esforçavam-se por convencer-se a si próprios de que tudo era um simples acidente de percurso, obra de inteligências pobres e da confusão momentânea, para cuja retificação bastaria uma série de discursos enérgicos e de artigos acusatórios. Porém, a cada momento, os seus passos iam ficando mais difíceis e maiores os obstáculos que lhes apareciam no caminho. Daí o ódio cego e feroz que nos professavam.

Os políticos burgueses não mostravam muitos desejos de se apresentarem na linha de fogo. Contentavam-se com empurrar para a frente os socialistas revolucionários e mencheviques que, na sua luta contra nós, tinham adquirido aquela energia de que tão tristemente se viram privados quando partilhavam o poder como subalternos. Os seus órgãos de imprensa espalhavam rumores alarmantes e escandalosos. Dirigiam apelos ao povo, convidando-o a destruir o novo estado de coisas. Organizaram os burocratas e a oficialidade para desfazer as nossas disposições.

Durante os dias 27 e 28 de outubro, continuaram a chegar telegramas ameaçadores vindo dos centros militares, das assembleias municipais e locais e do Vikshel⁵⁶.

A avenida Nevsky, artéria principal da vida burguesa de Petrogrado, animara-se por momentos. A juventude despertava do seu letargo e, entusiasmada pela imprensa fazia enérgica propaganda contra o Soviete pela rua. Essa juventude burguesa, auxiliada pelos alunos das escolas militares, propôs-se a desarmar a Guarda Vermelha e começou a fazê-lo.

De vez em quando, nas ruas, disparava-se contra os guardas vermelhos e os marinheiros. A Central Telefônica caiu em poder dos alunos, que atacaram também o Telégrafo e o Correio. Por último, soubemos que três viaturas blindadas estavam nas mãos de um núcleo militar que nos era hostil. Evidentemente que os burgueses levantavam a cabeça. A imprensa anunciava aproximar-se o momento da nossa queda.

Conseguimos interceptar determinadas ordens, através das quais nos inteiramos que se havia formado uma organização militar contra o Soviete de Petrogrado, que tinha à frente uma *Comissão de Defesa Revolucionária*, criação do Conselho Municipal e do antigo Comitê Executivo Central, organismo onde preponderavam os socialistas revolucionários da direita e os mencheviques. Esta Comissão dispunha de estudantes e oficiais de tendências contrarrevolucionárias que, ocultos sob o manto dos coligacionistas, pretendia dar um golpe mortal no Governo Soviético.

⁵⁶ Comitê Executivo Panrusso dos Trabalhadores Ferroviários.

25 - O levante das escolas militares

A Escola Militar e a de Engenheiros eram o núcleo das organizações contrarrevolucionárias, de onde partiam, a todo movimento, ações armadas contra as instituições revolucionárias, pois naqueles estabelecimentos havia grande quantidade de armas e de munições.

A Escola Militar foi cercada pela Guarda Vermelha e pelos marinheiros que enviaram um delegado pedindo a entrega das armas e munições. Os sitiados responderam abrindo fogo, desejando ganhar tempo. Contudo, aumentava a afluência de pessoas. Aqui e ali, caía um transeunte ferido por qualquer bala. A escaramuça prolongava-se indefinidamente e ameaçava produzir um efeito depressivo nas forças revolucionárias. O oficial responsável pelo comando da fortaleza Pedro e Paulo recebeu instruções e poderes para proceder ao desarmamento das rebeldes. O chefe das operações cercou completamente a Escola Militar, levou carros blindados e colocou baterias. Feito isto, enviou intimação formal de rendição no prazo de dez minutos. A resposta foi uma descarga pelas janelas. Passados os dez minutos, mandou abrir o fogo da artilharia. As primeiras bombas abriram uma larga brecha nos muros do edifício e os sitiados renderam-se. Alguns deles procuravam fugir fazendo fogo contra os perseguidores.

Imediatamente as manifestações de desespero e de nervosismo próprios das guerras civis se fizeram sentir. É indiscutível que os marinheiros cometeram atos individuais de crueldade com os rendidos. Posteriormente, a imprensa burguesa acusou o governo soviético de desumanidade e de selvageria. Mas não revelou um pormenor; ocultou que a Revolução de 25 e 26 de outubro se desenrolou sem um só tiro, sem uma só vítima e que a contrarrevolução burguesa, arremessando a sua própria juventude para o fragor da guerra civil, era a culpada das posteriores e inevitáveis atrocidades.

Os acontecimentos de 29 de outubro criaram um novo espírito no povo de Petrogrado. A luta tornou-se trágica. Os inimigos acabaram por compreender que a questão era mais séria do que supunham e que o Soviete não estava disposto a entregar o poder de que se tinha apoderado só porque a imprensa burguesa e um grupo de oficiais assim o solicitavam.

Continuou com grande intensidade a destruição de todos os gerentes contrarrevolucionários. Os inimigos, na sua grande maioria, ficaram desarmados e os que haviam tomado parte no levantamento armado foram presos na Fortaleza de Pedro e Paulo ou em Kronstadt. Foi suprimida a imprensa que tinha incitado publicamente à insurreição contra o Soviete. Também foram detidos alguns chefes dos antigos partidos soviéticos cujos nomes figuravam nas ordens contrarrevolucionárias interceptadas. Depois disto, cessou toda a resistência armada na capital.

Mas continuou a penosa luta contra a greve dos funcionários e empregados, do pessoal técnico do governo e outros elementos administrativos. Estas pessoas que, de acordo com os seus salários, podem ser classificadas como parte das classes oprimidas, estão conectadas, por suas condições de vida e psicologia, à sociedade burguesa. Serviram lealmente ao Estado nos tempos do czarismo, e continuaram com a mesma disposição quando o poder passou às mãos do imperialismo burguês. Depois, no período revolucionário seguinte, emprestaram seus conhecimentos e sua habilidade técnica ao governo de coalizão. Mas quando os operários, soldados e camponeses expulsaram do leme do Estado as classes exploradoras e tomaram a seu cargo a direção dos negócios públicos, os burocratas e empregados mostraram os dentes e recusaram toda e qualquer cooperação com o novo governo.

Com o tempo, a greve dos funcionários se generalizou, dirigida pelos socialistas revolucionários e os mencheviques, e apoiada com os fundos proporcionados pelos bancos e pelas embaixadas da Entente.

26 - A marcha de Kerensky a Petrogrado

A crescente estabilidade do poder soviético em Petrogrado fez com que os grupos da pequena burguesia pusessem toda a sua esperança na ajuda militar vinda de fora. A Agência Telegráfica de Petrogrado, o Telégrafo das Estradas de Ferro e a Estação Radiotelegráfica de Zarskoye-Selo enviavam mensagens sucessivas nas quais se comunicava o avanço de enormes massas armadas contra Petrogrado, com o propósito de sufocar a rebelião e restabelecer ordem.

Kerensky tinha fugido para frente de batalha e os jornais burgueses anunciavam que possuía tropas incontáveis para lutar contra os bolcheviques.

Nós estávamos separados das províncias pois as linhas telegráficas não transmitiam as nossas mensagens. Enquanto isso, os soldados vindos diariamente do campo de batalha, às dezenas e às centenas, diziam invariavelmente, falando em nome dos regimentos, divisões e corporações do exército:

“Nada temais por parte dos soldados da frente; estão todos convosco; dai as vossas ordens e enviaremos uma divisão ou uma corporação do exército para que os apoiem”.

Com efeito, os de baixo estavam conosco e somente se opunham os membros da alta oficialidade, tal como acontecia na burocracia. Várias seções do nosso exército, formado por milhares de homens, ficaram separadas umas das outras. Nós próprios estávamos separados das províncias. Contudo, a notícia da tomada do poder pelo Soviete de Petrogrado e dos seus decretos espalhou-se, apesar de todos os obstáculos, e provocava a insurreição dos sovietes locais contra as instituições do antigo governo.

Não tardou a confirmar-se o movimento de Kerensky para capital. A cada dia os dados eram mais exatos. De Zarskoye-Selo informaram-nos que os cossacos se aproximavam por etapas e que já tinham passado Luga. Circulou uma proclamação em Pe-

trogrado, assinada pelo General Krasnov⁵⁷ e por Kerensky, na qual se convidava a guarnição a acompanhar o movimento das forças que brevemente ocupariam a capital. A rebelião do dia 29 (o levante das escolas militares, NDE) estava relacionada com a empresa de Kerensky, mas ela foi obrigada a antecipar-se, graças à energia das nossas medidas. A guarnição de Zarskoye-Selo, foi dada ordem para convidar as tropas cossacas que avançavam a reconhecer o governo soviético e em caso de recusa a proceder seu desarmamento. A guarnição de Zarskoye-Selo, porém, não estava em condição de tomar uma ofensiva. Faltavam-lhe artilharia e chefes para comandar. A oficialidade era inimiga do Soviete. Os cassacos apoderaram-se da estação radiotelegráfica daquela localidade, a mais poderosa do país, e prosseguiram no seu avanço. As guarnições de Petrogrado, Krasnoye-Selo e Gatchina, precisavam de iniciativa e de resolução.

Depois de uma vitória sem sangue em Petrogrado os soldados tinham a convicção de que tudo aconteceria do mesmo modo no futuro bastando, para isso, enviar um agitador hábil aos cossacos para depusessem as armas. Com discursos e gestos de fraternidade tinha-se sufocado o movimento de Kornilov; com agitação e hábeis medidas de ocupação das repartições foi derrotado Kerensky. Não era de estranhar, por isso, que os chefes soviéticos de Zarskoye-Selo, Krasnoye-Selo e Gatchina⁵⁸ aplicassem idênticas medidas para dominar os cassacos do General Krasnov. Desta vez, porém, o procedimento não foi eficaz. Os cossacos não se deixaram contagiar pelo entusiasmo das guarnições e continuaram o seu avanço. Nas escaramuças havidas entre as vanguardas cossacas e as guarnições de Gatchina e Krasnoye-Selo, estas foram vencidas e desarmadas.

Nós não tínhamos ideia do contingente de que dispunha Kerensky. Havia quem assegurasse que o General Krasnov estava à frente de dez mil homens e outros supunham que a sua força não passava de um milhar. Segundo os jornais e os manifestos do adversário, havia dois grupos do exército nas proximidades de Zarskoye-Selo.

A guarnição de Petrogrado estava perplexa. Apenas alcançaram a vitória incruenta, era chamada a combater contra um inimigo cuja força desconhecia e a suportar batalhas de resultado incerto. A perspectiva de enviar agitadores com panfletos dirigidos aos cossacos tinha sido discutida, por mais de uma vez, nas conferências da guarnição, pois os soldados achavam impossível que recusassem as ideias por cuja a vitória acaba-

57 **Krasnov, P. N.** (1869-1947): General dos cossacos, formou parte dos “brancos” e na Segunda Guerra Mundial organizou corpos de cossacos que lutaram junto com Exército alemão contra a URSS.

58 **Krasnoie-Selo:** Zona cercana de Petrogrado onde se instalou o Quartel-General para a defesa de dita cidade contra o avanço de Krasnov. **Gatchina:** Cidade a 50 km de Petrogrado, onde Krasnov havia se instalado.

vam de lutar. Entretanto, as tropas avançadas dos cossacos estavam já muito próximas de Petrogrado, e esperávamos que a luta decisiva se daria nas ruas da capital.

Os soldados da Guarda Vermelha eram os mais entusiasmados. Pediram armas, munições e chefes. Mas a máquina militar estava em enorme desordem, em parte por descuido, mas principalmente por intencionais deficiências. Os oficiais tinham desertado, muitos como fugitivos. Os armazéns estavam num caos. Quando se encontravam as espingardas, não apareciam os cartuchos. Da artilharia, o que se podia dizer era que, tanto os canhões, como as viaturas e projéteis, estavam onde ninguém os podiam imaginar. Nos regimentos faltava aparelhagem de sapa e telefones de campanha. O Estado Maior Revolucionário desejando impor a ordem teve de superar os maiores obstáculos, pois era geral a conjuração do pessoal técnico. Resolvemos dirigir um apelo às classes trabalhadoras, explicando-lhes que as conquistas da revolução estavam em perigo e que somente a energia, a iniciativa e a abnegação do povo podiam salvar e consolidar a vida do novo regime. O resultado desse manifesto foi instantâneo. Milhares de operários saindo da cidade começaram a abrir trincheiras em direção às posições de Kerensky. Os operários das fábricas de armas começaram a trabalhar sem descanso.

Dos armazéns saíram canhões e projeteis; procuravam-se ativamente cavalos; foram instaladas as baterias; foi organizado o Comissário Militar; fez-se um esforço geral para completar a dotação de máquinas, viaturas e caminhões. Foram requisitados todos os estoques de víveres e forragem; começou a funcionar um trem hospitalar. Numa palavra, os operários construíram e prepararam o mecanismo militar que as ordens do Estado Maior Militar não tinham conseguido organizar.

A presença das baterias e das dezenas de armas, modificou imediatamente o moral dos nossos soldados. Protegidos pela artilharia, não consideravam impossível a resistência aos cossacos. A situação mudou totalmente e o novo espírito aflorou naqueles que, há bem pouco, se sentiam deprimidos. A primeira linha de combate estava constituída pela Guarda Vermelha e os marinheiros de Kronstadt. Alguns oficiais, que politicamente não estavam conosco, mas que militarmente eram muito ligados a seus regimentos, dirigiram as operações dos soldados contra os cossacos de Krasnov.

27 - O fracasso de Kerensky

O telegrafo comunicava a todas as províncias e países estrangeiros que os bolchevistas haviam sucumbido, que Kerensky era o dono de Petrogrado e que, com mão de ferro, conseguia restabelecer a ordem.

Por sua vez, a imprensa burguesa de Petrogrado, animada pela proximidade de Kerensky, anunciava a desmoralização das tropas da guarnição e o avanço irresistível dos cossacos, providos de poderosa artilharia. Davam como certo o fim do governo bolchevista.

A maior dificuldade, como dissemos, consistia na falta de organização técnica e de homens competentes que se responsabilizassem pelo seu funcionamento. O posto de Comandante-em-chefe ainda era declinado por aqueles oficiais briosos que seguiam seus soldados. Finalmente, o problema foi resolvido depois de várias tentativas, mediante uma comissão de cinco elementos eleitos pela guarnição e cuja funções eram supremas a tudo o que se relacionasse à luta contra os cossacos. Essa comissão entrou em acordo com o Coronel do Estado Maior Muraviev, adversário de Kerensky que, espontaneamente, ofereceu os seus serviços ao governo soviético.⁵⁹

A noite de 30 de outubro foi muito fria. Muraviev e eu, em um automóvel, deslocamo-nos às posições ocupadas pelas nossas forças. No caminho viam-se muitos carros com víveres e forragem, canhões e munições. Todo esse serviço imenso era obra de trabalhadores de várias fábricas. Os destacamentos da Guarda Vermelha detiveram nosso carro para verificar a autorização. Desde os primeiros dias da Revolução de Outubro, tínhamos deitado mão a todos os meios de transportes e ninguém podia circular sem passe fornecido pelo Instituto Smolny, quer nas ruas da cidade, quer nos subúrbios. Não podia mostrar-se imagem mais exata da revolução proletária do que o espetáculo daqueles jovens, armados de espingarda, cujas figuras se destacavam à luz das fogueiras ao longo dos campos cobertos na neve.

Havia já muitas baterias e não faltavam projéteis. No mesmo dia, se realizou a ação decisiva entre Zarskoye-Selo e Krasnoye-Selo.

Depois de grande bombardeio os cassacos retrocederam ataba-

⁵⁹ Cedo Muraviev abandonou a causa dos bolcheviques, sendo julgado por um tribunal revolucionário.

lhoadamente. O seu avanço tinha sido demasiado rápido uma vez que não encontraram resistência. Tinham sido enganados, levados a crer que os bolcheviques se propunham a vender a pátria russa ao Kaiser. Naturalmente, os cossacos supunham que toda a guarnição de Petrogrado aguardava com ansiedade a sua presença libertadora. A resistência encontrada semeou a desordem nos seus esquadrões e destruiu os arriscados planos de Kerensky.

A retirada dos cossacos de Krasnov colocou de novo, nas nossas mãos, a estação radiotelegráfica de Zarkoye-Selo que eu utilizei imediatamente para comunicar a notícia da vitória.

Eis o texto de meu telegrama:

Quartel General em Pulkovo.

Às duas e dez da manhã

“A noite de 30 para 31 de outubro será histórica. A tentativa de Kerensky para levar tropas contrarrevolucionárias à capital, centro da revolução, sofreu completo fracasso. Kerensky foi derrotado. As nossas forças avançam. Os operários, soldados e marinheiros de Petrogrado acabam de demonstrar que eles têm a força e a vontade de sustentar, com armas na mão, o poder da democracia operária e sabem fazê-lo. A burguesia tentou isolar o exército revolucionário; Kerensky pretendeu esmagá-lo com as botas do exército cossaco. Ambas as tentativas fracassaram desastrosamente.

“A grande ideia do poder supremo da democracia operária e camponesa é o estímulo maior do exército e a couraça férrea da sua vontade. Todo o país constatará que o poder soviético não é efêmero, mas fato irrefutável: é o regime dos operários, soldados e camponeses. A derrota de Kerensky é a queda da burguesia, dos latifundiários e dos komilovistas. A derrota de Kerensky é o restabelecimento dos direitos do povo que deseja uma vida pacífica e livre: pão, terra e poder. O destacamento de Pulkovo consolidou valentemente a causa da revolução operária e camponesa. É impossível voltar atrás. Teremos que lutar, vencer obstáculos, fazer sacrifícios; porém o caminho está aberto e a vitória não admite dúvidas.

“A Rússia revolucionária e o Governo dos Sovietes pode orgulhar-se do destacamento de Pulkovo e do seu chefe, o coronel Walden.

“Honra eterna aos que morreram! Glória aos paladinos da revolução, aos soldados e oficiais que servem fielmente a causa Povo!

“Viva a Rússia revolucionária, popular e socialista!

“Pelo Conselho dos Comissários do Povo.

Leon Trotsky

31 de outubro de 1917

Soubemos depois que as estações radiotelegráficas alemãs tinham recebido ordens do Estado Maior para não receberem o telegrama.

Esse primeiro passo do governo alemão em relação aos acontecimentos de outubro, denunciava o medo que os referidos acontecimentos causassem uma fermentação no Império. As autoridades austro-húngaras utilizaram certos parágrafos do despacho e, pelo

que nos disseram logo algumas pessoas, foi essa a origem da notícia que correu pela Europa sobre o miserável fracasso de Kerensky.

Havia sinais de fermentação nas tropas cossacas de Krasnov. Enviaram espiões a Petrogrado e até apresentaram alguns delegados no Instituto Smolny. Uns e outros puderam testemunhar a perfeita ordem que reinava na capital, ordem devida à guarnição que apoiava o Governo Soviético. Cientes de tais fatos, os cossacos compreenderam o quanto era absurdo tentar a conquista de uma praça tão bem defendida, com apenas mil homens de cavalaria, uma vez que os reforços anunciados, nunca chegavam da frente.

Krasnov retirou-se para Gatchina com os seus cossacos. Quando lá chegamos, no dia seguinte, os membros de seu Estado Maior já eram prisioneiros dos seus próprios soldados. A nossa guarnição ocupava as posições mais importantes em Gatchina. Os cossacos, mesmo antes de serem desarmados, foram incapazes de opor resistência. Só pediam que os deixassem regressar ao Don logo que fosse possível ou, pelo menos, às trincheiras.

O palácio imperial de Gatchina apresentava um espetáculo digno de ser visto. Todas as portas estavam guardadas. Nas grades havia artilharia e carros blindados. As espaçosas câmaras do palácio, estavam repletas de soldados, marinheiros e guardas. Os cachimbos, capotes e latas de sardinhas já vazias, amontoavam-se nas mesas incrustadas de marfim. O Estado Maior de Krasnov ocupava um daqueles aposentos. No chão havia colchões e montes de roupa. O representante do Comitê Militar Revolucionário, que me acompanhava, entrou no alojamento do Estado Maior de Krasnov, bateu com a coroa da espingarda no chão e disse:

- "General Krasnov, você e o seu Estado Maior estão presos em nome do governo soviético".

A Guarda Vermelha tinha-se apoderado de ambas as portas. Kerensky não estava lá. Tinha fugido como nos dias dos acontecimentos do Palácio de Inverno. O General Krasnov descreve a fuga de Kerensky na declaração escrita que deixou no dia 14. Reproduzo literalmente esse curioso documento:

"14 de novembro de 1917. Às seis horas da tarde.

Era cerca de três horas da tarde quando fui chamado pelo General Comandante (Kerensky). Estava muito agitado e nervoso.

- General - disse -, atraíçoo-me. Os seus cossacos dizem em gritos que vão me prender e entregar aos marinheiros.

- Sim, respondi. Assim o dizem; consta-me que não goza das suas simpatias.

- E os oficiais falam do mesmo modo?

- Sim; mas devo acrescentar que eles ainda estão mais descontentes.

- Que farei? Pensa que devo suicidar-me?

- Como homem honrado, adquira uma bandeira branca, dirija-se a Petrogrado, compareça ante o Comitê Revolucionário e discuta a questão.

-Fá-lo-ei, meu general.

- *Dar-lhe-ei uma escolta e procurarei um marinheiro que o acompanhe.*

- *Não; marinheiros não. Sabe que Dybenko está aqui?*

- *Não sei quem é Dybenko.*⁶⁰

- *Meu inimigo.*

- *Que vamos fazer? Comprometeu-se em séria aventura e deve sujeitar-se às consequências.*

- *Tem razão. Partirei esta noite.*

- *Por que esta noite? Isso seria uma fuga. Vá às claras e com calma. Deve convencer toda a gente que não pretende fugir.*

- *Muito bem. Unicamente imploro que me acompanhem pessoas de confiança.*

- *Combinado.*

Eu saí, chamei um cossaco do décimo regimento do Dom e encarreguei-o de escolher oito camaradas para escoltar o General Comandante.

Meia hora depois apresentavam-se os cassacos e disseram-me que não encontravam Kerensky no edifício. Asseguravam que tinha fugido. Dei voz de alarme e enviei homens em sua busca. Não acredito que tenha podido sair de Gatchina, e provavelmente ainda se encontra escondido aqui.

*General de Brigada Krasnov,
Comandante do 11º Corpo*

Assim acabou a aventura.

Todavia, os nossos adversários não queriam dar o braço a torcer, nem aceitavam que a questão governamental estivesse resolvida. Conservavam a esperança de que a frente lhes apoiariam.

Os chefes dos antigos partidos soviéticos: Chernov, Tseretelli, Avksentiev, Gotz e outros, um a um, se dirigiram para a frente para negociar com os comitês do exército, reunidos no quartel general de Dujonin⁶¹. Convidavam à resistência contra os bolcheviques e, segundo a imprensa, chegaram até a tentar a formação de um governo ali mesmo. Mas tudo ficou em palavras. Os antigos comitês do exército haviam perdido toda influência, e os soldados das trincheiras se reuniam febrilmente em conferências para proceder a novas eleições dos organismos militares. O regime soviético saiu triunfante de todas estas elas.

Nossos destacamentos avançavam pela ferrovia de Gatchina em direção à Luga e à Pskov. Ali encontraram muitos trens de cossacos e gente de confiança da contrarrevolução, que si não haviam sido chamados por Kerensky, haviam sido enviados pelos generais. Houve um choque entre nossas tropas e um destes destacamentos.

Mas o fato careceu de importância, pois a maioria dos delegados da frente, que se dirigiam a Petrogrado, declarou, em sua primeira reunião com os representantes das tropas soviéticas, que tinham sido enganados e que não levantariam um dedo contra o governo de operários e camponeses.

60 **Dibenko, Pavel E.** (1889-1938): Marinheiro de Kronstadt, Comissário da Marinha no governo de Lênin.

61 O Comandante em Chefe das tropas antibolchevistas, general Dujonin, foi linchado mais tarde pelos guardas vermelhos. (NdE original)

28 - Divergências interiores

A luta pelo estabelecimento do regime soviético se estendia por todo o país. Em Moscou, foi especialmente encarniçada e sangrenta. Isto deveu-se, talvez, a que os chefes do movimento não a tenham iniciado com toda a resolução devida a uma ofensiva.

Nas guerras civis, mais do que em qualquer outra, a vitória é sempre fruto de uma ofensiva rápida e persistente. Não há nada mais perigoso do que a indecisão; as negociações encontram muitos obstáculos; a temporização é um suicídio. Convém ter em conta que o povo jamais esteve em posse do poder, mas ao contrário, sujeito à opressão das outras classes e que carece, por esta razão, dessa confiança política em si próprio, que é condição da vitória. A indecisão de uma direção revolucionária acaba por contaminar o povo sob a forma de falta de entusiasmo. Somente quando o partido revolucionário persegue firme e resolutamente sua meta é que pode ajudar o povo a despojar-se dos hábitos de escravo, do instinto de servidão, formados no longo transcurso dos séculos, e conduzi-lo à vitória. Só uma ofensiva resoluta produz os resultados que a revolução procura, com um mínimo de desgaste e de sacrifícios.

Mas, precisamente, a dificuldade consiste em chegar às concepções táticas exigidas pela situação. A falta de confiança do povo em si mesmo e a sua inexperiência política, agem reagindo sobre os chefes, sobre quem, por outra parte, nunca para de incidir a poderosa influência da opinião pública burguesa.

A simples ideia de que pudesse se estabelecer um governo de operários encheu de ódio e despeito os liberais burgueses. Seus sentimentos encontravam um eco fiel nos numerosos jornais de que dispunham. Depois destes elementos, vinham os intelectuais que, a pesar de seu decantado radicalismo e da tinteira socialista de suas

ideais, eram cheios de um profundo servilismo para com a burguesia. Todos estes intelectuais, vestidos com a plumagem do socialismo, se agruparam na direita e declararam que a consolidação do regime soviético era o fim do mundo.

A velha burocracia seguiu os passos dos representantes das “profissões liberais”. Todo este pessoal administrativo e técnico vive material e moralmente das migalhas que os burgueses deixam cair de suas mesas. A oposição à nós, feitas por estas ditas camadas era, por sua natureza, passiva, sobretudo depois de terem perdido a esperança com a rebelião dos oficiais do exército; mas, precisamente por ser passiva, revestia um carácter formidável. Não podíamos dar um só passo sem encontrar resistência. A cooperação era impossível. Ou bem nos livrávamos dos empregados, ou ficando nos seus postos, permaneciam de braços cruzados. Nos negavam o acesso aos arquivos e aos fundos de que tínhamos necessidade. Os telefonistas não estabeleciam a comunicação. Os telegrafistas retardavam as nossas mensagens ou alteravam seu sentido. Não encontrávamos tradutores, taquígrafos nem tampouco datilógrafos. Tudo isto criava uma atmosfera tão densa no nosso campo que muitos dos nossos, e até mesmo alguns chefes, começaram a duvidar que as classes operárias pudessem manter-se à frente dos negócios públicos e mover o mecanismo governamental contra a resistência dos burgueses. Aconselhavam-nos negociações, mas com quem iríamos fazê-la? Se a tentássemos com o liberalismo burguês, cairíamos na coalizção passada, razão pela qual o movimento revolucionário havia se enveredado numa confusão assustadora. A insurreição de 25 de outubro foi apenas um ato de legítima defesa por parte das massas populares, depois do período de impotência e traição representado pelo coligacionismo. A única coalizção que ainda ficava por experimentar era a que poderia formar-se nas filas da chamada democracia revolucionária, isto é, na dos partidos soviéticos.

Era essa a coalizção que havíamos proposto virtualmente desde o princípio, no II Congresso dos Sovietes, em 25 outubro. O Governo de Kerensky havia sido derrubado justamente nessa ocasião e nós propusemos ao Congresso tomar o poder em suas mãos. Mas, os partidos de direita retiraram-se, batendo a porta atrás deles. E foi o que podiam fazer de melhor, já que representavam apenas uma ínfima parte do Congresso. Careciam de apoio entre as massas populares; e até mesmo aquelas camadas que, por sua apatia, lhes haviam servido de apoio, passavam gradualmente para nosso lado. Uma coligação com a direita socialista revolucionária e menchevique não haveria dado maior amplitude social à base do governo soviético, mas ao contrário, haveria introduzido no seu seio, elementos de desmoralização, dominados pelo ascetismo político e pela adoração ao liberalismo burguês. Toda a força do novo governo devia-se à radicalidade de seu programa e à determinação com que o aplicava. Unir-se aos grupos de Chernov e Tseretelli teria significado tanto

atar-nos pés e mãos, como perder para sempre a confiança pública.

Entre os grupos de direita, o mais próximo de nós eram os chamados socialistas revolucionários de esquerda. Em geral, estavam dispostos a uma cooperação, ajudando-nos sob a condição de que fosse formado um governo de coalizão socialista. O Comitê Executivo Panrusso dos Trabalhadores Ferroviários (Vikshel), o de Empregados dos Correios e Telégrafos, e a Federação dos Funcionários Públicos do Estado se declararam inimigos do bolchevismo. Alguns dos chefes do nosso partido advogavam pela conciliação com estas associações. Mas sobre que programa? Os organismos mencionados, herdeiros do antigo regime, haviam sobrevivido a si mesmos. As relações que mantinham com as suas bases, eram as mesmas que haviam estabelecido os comitês do exército com os soldados nas trincheiras. A história havia traçado uma profunda linha de separação entre as camadas superiores e as inferiores. Uma aliança com organismos caducos, feita fora do terreno dos princípios, estava condenada de antemão a um fracasso certo.

Para se sobrepor à resistência passiva e às pretensões aristocráticas destas camadas superiores não havia outro caminho senão buscar, com toda franqueza o apoio das massas, e o fizemos abandonando os socialistas revolucionários na vã tentativa de encontrar bases para uma negociação. Nossa política consistia no completo oposto: mobilizar as forças trabalhadoras das camadas inferiores contra os organismos que haviam apoiado o regime de Kerensky. Este programa de intransigência causou certas discrepâncias de opinião no seio do nosso partido, havendo inclusive dissidências. No Comitê Executivo Central, os socialistas revolucionários de esquerda protestaram contra a severidade das medidas adotadas pelo novo governo e insistiram na necessidade de negociar.

Eles também encontraram apoio em alguns círculos bolchevistas. Três Comissários do Povo, demitiram-se e saíram do governo. Alguns outros membros ativos do partido se manifestaram em solidariedade aos que haviam renunciado. Isto causou a mais profunda impressão nos círculos intelectuais e burgueses. Imaginavam que os bolcheviques, a quem não puderam esmagar os alunos militares e os cossacos de Krasnov, pereceriam por obra da própria decomposição interna de seu partido. No entanto, as massas não se deixaram levar por esta sedição, e apoiaram unanimemente o Conselho dos Comissários do Povo, não só contra os sabotadores e conspiradores contrarrevolucionários (greve dos funcionários administrativos) mas também contra todos os moderados e céticos que propunham compromissos.

29 - A sorte da Assembleia Constituinte

Terminada a aventura de Kornilov, alguns grupos soviéticos preponderantes tentaram modificar sua conduta, relativamente à burguesia contrarrevolucionária, de um modo geral benévola, e propuseram a convocação imediata de uma Assembleia Constituinte. Kerensky, salvo pelo próprio soviete do abraço mortal do seu cúmplice Kornilov, teve que ceder e aceitar essa iniciativa. A Assembleia foi convocada para os últimos dias de novembro. Porém, as circunstâncias tinham se modificado tanto que não se podia esperar como certa a sua convocação.

Com efeito, a desorganização geral na frente de guerra aumentava diariamente o número de deserções. Os soldados ameaçavam abandonar totalmente as trincheiras em regimentos e grupos inteiros do exército, destruindo tudo em seu caminho para conseguirem retirar-se para o interior do país. A expropriação de terras e do gado, nos distritos rurais, tomara proporções gigantescas. Para impedi-la, foi proclamada a lei marcial em muitos distritos.

O exército alemão avançava. Depois da conquista de Riga, ameaçou Petrogrado. A direita burguesa regozijava-se vendo o perigo da capital revolucionária. As repartições públicas eram transferidas para outras cidades e Kerensky tinha a intenção de estabelecer o centro do governo em Moscou. Todos estes fatos iam retardando a reunião da Assembleia Constituinte, que agora se tornava uma possibilidade muito remota, quase sem probabilidades. Em tais circunstâncias, podemos considerar o movimento de força de outubro como a salvação da Assembleia Constituinte e da revolução. Quanto dizíamos que o caminho para a Assembleia Constituinte não passaria pelo Parlamento Provisório de Tseretelli, mas pelos sovietes, falávamos com toda sinceridade. Porém, o adiamento contínuo da Assembleia Constituinte não poderia passar sem ter sérias consequências para ela. Planejada para os primeiros dias da revolução, nasceu somente oito ou nove meses depois de uma luta encarniçada entre as classes e os partidos. Já vinha muito tarde para que a sua ação fosse construtiva. Sua esterilidade orgânica já estava determinada por um fato aparentemente de pouca importância nos primeiros tempos, mas que afetou profundamente a própria Assembleia.

Durante a primeira fase da revolução, o partido socialista revo-

lucionário tinha sido numericamente o mais forte. Já me referi ao seu estado amorfo e à sua estranha composição social. A revolução, irresistivelmente, tinha impellido a uma diferenciação interna de grupos. A esquerda deste partido, representando muitos operários da indústria e massas camponesas paupérrimas, cada vez mais se distanciava do centro e da direita, chegando a situar-se numa oposição irreconciliável em relação a seus líderes, que representavam a pequena e média burguesia. Mas a inércia das estruturas e as tradições do partido retardaram a inevitável divisão.

Como sabemos, o sistema eleitoral de representação proporcional funda-se nas listas dos partidos. Ora, como estas listas foram feitas dois ou três meses antes da Revolução de Outubro, os nomes dos socialistas revolucionários da direita e da esquerda figuravam nelas misturados, sob o mesmo partido, que os englobava indistintamente. Quando os socialistas revolucionários da esquerda se uniram aos bolchevistas, em outubro, para derrubar o governo socialista revolucionário de Kerensky, as listas antigas ainda eram totalmente válidas. Nas eleições para a Assembleia Constituinte, os camponeses foram obrigados a votar nestas listas na qual figuravam o nome de Kerensky e, também, os dos socialistas-revolucionários que tinham tomado parte na conspiração contra Kerensky.

Os meses anteriores à Revolução de Outubro caracterizaram-se por uma orientação contínua das massas para a esquerda e um ingresso constante dos operários, soldados e camponeses nas fileiras do bolchevismo. Durante o mesmo período, era semelhante o processo do seio do partido socialista revolucionário. A esquerda aumentava à medida que a direita ia diminuindo. Sem dúvida, três quartas partes dos nomes que figuravam nas listas eleitorais do partido socialista revolucionário, eram dos antigos chefes da direita, cuja reputação revolucionária tinha naufragado completamente por causa da sua ligação com a burguesia liberal.

Deve-se acrescentar-se ainda que as eleições ocorreram nas semanas seguintes à Revolução de Outubro. A notícia das mudanças efetuadas ia-se propagando lentamente pelas províncias em círculos cada vez mais extensos, passando das cidades às povoações e às aldeias. Em muitos distritos, as massas camponesas tinham apenas uma vaga ideia do que ocorrera em Petrogrado e em Moscou. Votavam por “Terra e Liberdade” nos comícios agrários. Com efeito, votavam por Kerensky e Avksentiev, isto é, pelos governantes que dissolviam esses mesmo comícios agrários e que decretavam a detenção de seus membros. O resultado era uma política paradoxal e inverossímil: um dos partidos que devia dissolver a Assembleia Constituinte, isto é, a esquerda socialista revolucionária, era eleito nas mesmas listas do partido com maioria nessa Assembleia.

Estes fatos demonstram que a Assembleia Constituinte era um produto tardio, estranho à realidade dos conflitos de partido e das suas diferenciações.

Examinemos, agora, a questão sob o ponto de visto dos princípios;

30 - Os princípios democráticos e a ditadura proletária

Como marxistas, nunca fomos partidários da democracia formal. Numa sociedade formada por classes inconciliáveis, as instituições democráticas, longe de anularem a luta entre elas, dão-lhes uma forma de expressão imperfeita. As classes proprietárias têm sempre à sua disposição milhares de meios para alterar e adulterar a vontade das classes trabalhadoras. Em época de revolução, as instituições democráticas ainda são menos adequadas para servir de expressão da luta de classes. Marx denominou a revolução como a *locomotiva da história*. Uma luta franca e direta pela conquista do poder, dá capacidade às classes trabalhadoras para adquirir com brevidade tesouros de experiência política e passar com rapidez de um a outro estágio no processo da sua evolução mental. A pesada máquina das instituições democráticas não pode seguir o movimento tão rápido e sofre um atraso maior quanto mais vasto é o país e mais imperfeito o material técnico de que dispõe e democracia.

Os socialistas revolucionários de direita formavam a maioria da Assembleia Constituinte⁶². Segundo os costumes parlamentares competia-lhes o encargo do governo. Mas, os socialistas revolucionários de direita tiveram a chance de governar do começo do período revolucionário até o movimento de outubro, mas, não só não quiseram como, pelo contrário, deixaram o governo nas mãos da burguesia liberal perdendo, desse modo, os últimos vestígios de influência entre os elementos mais revolucionários do

62 **Assembleia Constituinte:** Depois da insurreição de Outubro, ocorreram as eleições para a Assembleia Constituinte. Estas não refletiram a relação real de forças posterior à revolução. A sua composição foi: 343 socialistas revolucionários de centro e de direita; 185 bolcheviques, 40 socialistas revolucionários de esquerda, 25 mencheviques, 24 cadetes, entre outros. No início de 1918, a Assembleia foi dissolvida pelo governo soviético.

povo. Justamente durante o seu ocaso político é que se veriam obrigados a formar um governo, como maioria que eram, na Assembleia Constituinte.

As classes trabalhadoras e, com ela, a Guarda Vermelha nutriam uma profunda aversão aos socialistas revolucionários da direita. A grande maioria do exército apoiava os bolcheviques. Os elementos revolucionários nos campos e nas aldeias dividiam as suas simpatias, entre os socialistas revolucionários da esquerda e os bolcheviques. Os marinheiros, que tinham desempenhado um importante papel em todos os episódios da revolução, eram quase unânimes na aceitação dos nossos princípios.

Os socialistas revolucionários da direita tiveram que deixar os soviets, centros de suprema autoridade, antes da reunião da Assembleia Constituinte. Sobre o que se apoiaria um gabinete desse grupo? Sem dúvida que sobre os proprietários ricos, os intelectuais e a velha burocracia, que os sustentariam. Talvez pudessem contar, temporariamente, com a classe média. Porém, ainda que em caso favorável, careceriam de qualquer força real de poder. Nos centros de vida política, como Petrogrado, teriam encontrado uma resistência ilimitada.

Se as organizações soviéticas tivessem entregado o poder ao partido de Kerensky e Chernov, de acordo com a lógica das instituições democráticas, o novo governo, desacreditado e impotente, não teria conseguido outro resultado senão aumentar a confusão no país, sem evitar uma queda estrondosa ao cabo de três ou quatro semanas. Os grupos soviéticos resolveram evitar uma complicação inútil, reduzindo ao mínimo a experiência histórica que se apresentava e dissolveram a Assembleia Constituinte no dia da sua primeira reunião.

Tudo isto originou graves acusações contra o nosso partido. Não se pode negar que a dissolução da Assembleia Constituinte produziu uma impressão desfavorável nos círculos dirigentes dos partidos socialistas da Europa Ocidental e que este ato necessário, politicamente inevitável, foi apresentado como uma obra de tirania partidária e de arbitrariedade sectária. Com o seu pedantismo habitual, Kautsky⁶³ explicou, numa série de artigos, as relações mútuas entre o socialismo revolucionário e a democracia. Quis demonstrar que a observância do princípio democrático tinha sido sempre favorável às classes trabalhadoras. De forma geral, e olhando os fatos em conjunto, isto é verdade. Mas Kautsky reduziu, assim, uma verdade histórica à uma vulgaridade profissional. Se é verdade haver sempre vantagens para o proletariado, no quadro das instituições

63 **Kautsky, Karl** (1854-1838): Uma das principais lideranças da II Internacional, dirigente do Partido Operário Socialdemocrata da Alemanha (SPD), considerado o principal teórico marxista até a Primeira Guerra Mundial, quando abandonou o internacionalismo, adotando uma posição centrista e pacifista. Opôs-se à Revolução de Outubro, em apoio aos mencheviques. Reuniu os artigos, a que alude Trotsky aqui, em um livro chamado "Terro-rismo e Comunismo, de 1918.

democráticas, para levar a luta de classes às suas últimas consequências e exercer a sua ditadura, não é certo, porém, que a história apresente, invariavelmente, circunstâncias propícias para combinações desse gênero. A teoria de Marx não implica, de modo algum, que os acontecimentos criem condições *vantajosas* para o proletariado. Hoje é difícil dizer qual teria sido o curso da revolução se a Assembleia Constituinte tivesse se formado no segundo ou terceiro mês do novo regime. Provavelmente, os socialistas revolucionários e os mencheviques, predominando na ocasião, ter-se-iam fundido no descrédito, juntamente com a Assembleia, não só aos olhos dos grupos soviéticos, mas também perante as massas populares mais atrasadas, cujo destino estava ligado, necessariamente, não ao soviétismo, mas à Assembleia Constituinte. Em tais circunstâncias, a dissolução deste grupo seria seguida de novas eleições, evidentemente favoráveis à esquerda. Mas, o curso dos acontecimentos tomou outro rumo. As eleições para a Assembleia Constituinte só ocorreram nove meses depois do início da revolução e, naquela altura, a luta de classes alcançava tal grau de intensidade que reben-tou a sua capacidade democrática.

O proletariado arrastou atrás de si o exército e as massas camponesas. Tanto os agricultores como os soldados estavam em estado de violenta rebelião contra a direita socialista revolucionária. Entretanto, graças ao excesso e ineficácia das eleições democráticas, o socialismo revolucionário obteve maioria na Assembleia Constituinte e, na realidade, esta foi representativa da opinião dominante na fase anterior aos eventos de outubro. Somente um político pedante, incapaz de compreender a lógica revolucionária dos antagonismos de classes, poderia recomendar ao proletariado, contra a evidência dos acontecimentos de outubro, banais representações das vantagens inerentes à democracia para melhor êxito da luta de classes.

A história apresentou o problema de forma mais concreta e aguda. A Assembleia Constituinte, pela sua constituição, teria de entregar as rédeas do poder ao grupo Chernov-Kerensky-Tseretelli. Estes homens seriam capazes de conduzir a revolução? Não. O conteúdo material da revolução, uma luta de classes, pôs-se em conflito com as suas formas democráticas. Isto marcou de antemão a sorte da Assembleia Constituinte. A sua dissolução era a única solução possível: solução cirúrgica, a única maneira de sair de uma situação contraditória que não foi criada por nós, mas por toda a série de eventos anteriores.

31 - As negociações de paz

Foi numa sessão à noite – um encontro histórico - que o II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, adotou o Decreto sobre a Paz. Naquela época o poder soviético estava consolidado apenas nos centros mais importantes do país. Era insignificante o número das pessoas que confiavam neste poder.

Os nossos decretos foram aprovados por unanimidade, mas para muitos significavam apenas uma simples demonstração pública.

Os partidários de uma negociação diziam, por toda a parte, que o nosso Decreto carecia de eficácia prática, visto que os imperialistas alemães não negociariam conosco, nem se dignariam a reconhecer-nos. Por outro lado, os aliados declarar-nos-iam guerra por termos iniciado negociações de paz em separado.

O decreto foi aprovado no dia 26 de outubro, quando Kerensky e Krasnov, estavam às portas de Petrogrado. No dia 7 de novembro, pelo telégrafo, comunicávamos a nossa proposta de paz geral, tanto aos aliados como aos inimigos. Como única resposta, os aliados dirigiram-se ao general Dujonin por meio dos seus agentes militares. Declararam que haveria sérias consequências se déssemos outro passo mais no sentido das negociações de paz. Respondemos, no dia 11, com a divulgação de um manifesto destinado a todos os operários, camponeses e soldados, no qual declarávamos a firme resolução de não consentir que o sangue russo corresse por ordens de uma burguesia estrangeira. Desdenhávamos as ameaças do imperialismo ocidental e assumimos inteira responsabilidade pela nossa política de paz perante a classe operária internacional.

Para cumprir os nossos compromissos, começamos por publicar os tratados secretos e declarar repúdio a tudo o que neles se opusesse aos interesses das massas trabalhadoras de qualquer parte do mundo. Os governos capitalistas tentaram desvirtuar nossa atitude, lançando falácias para cada uma de nossas revelações. Mas, os povos de todos os países nos compreenderam e aprovaram a nossa conduta. Nem um sequer dos jornais do socialismo patriótico se atreveu a protestar contra a mudança radical que o governo de operários e camponeses efetuada nos métodos tradicionais da diplomacia, repudiando as suas intrigas

pérfidas e enganadoras. A nossa diplomacia baseou-se no propósito de instruir as massas, mostrando-lhes a verdadeira política dos seus respectivos governos, unificando, deste modo, o sentimento comum a todos num ódio e luta geral contra o regime do capitalismo burguês.

A imprensa burguesa da Alemanha acusou-nos de entravar as negociações, mas os povos escutavam o diálogo de Brest-Leitos. Durante os dois meses e meio em que essas negociações transcorreram, prestamos um bom serviço à causa da paz, reconhecido até por adversários nossos. Com efeito, pela primeira vez se apresentava o problema de uma paz sem desculpas enganosas entre bastidores.

No dia 22 de novembro, assinamos um acordo para a suspensão das hostilidades em toda a frente, desde o Báltico até ao Mar Negro. Mais uma vez comunicamo-nos com os aliados, convidando-os à união, a fim de que as negociações se realizassem numa só conferência. Não deram qualquer resposta, se bem que nesta ocasião, já não recebemos ameaças.

As negociações de paz começaram no dia 09 de dezembro, mês e meio depois de aprovação do decreto no Congresso dos Sovietes. Este fato é suficiente para destruir a calúnia da imprensa corrupta e traidora do socialismo, que afirmou que nós não fizemos qualquer tentativa para nos entendermos com os aliados. Durante mês e meio não deixamos de os ter à corrente do que fazíamos e de renovar o convite para que se unissem a nós. Sobre este ponto, em nada poderão reprovar-nos os povos da França, Itália e Inglaterra. A nossa consciência está tranquila. Fizemos o quanto nos foi possível para persuadir as nações beligerantes e, se não se uniram, se realizaram separadamente negociações de paz, a responsabilidade não é nossa, mas dos imperialistas ocidentais e daqueles agrupamentos políticos russos que vaticinavam o fim próximo do governo dos operários e camponeses e que instavam os aliados a não darem importância à nossa iniciativa de paz.

No dia 09 de dezembro, começaram as negociações. Os nossos delegados fizeram uma declaração de princípios, definindo as bases de uma paz geral democrática, de acordo com os termos do decreto aprovado em 26 de outubro. O adversário pediu o adiamento das negociações. A pedido de Kühlmann este adiamento foi sendo prolongado de dia para dia. Evidentemente que os delegados da Quádrupla Aliança sentiam dificuldades em formular uma resposta à nossa declaração. Finalmente, a recebemos no dia 12 de dezembro. Os diplomatas da Quádrupla Aliança aceitavam as bases democráticas de uma paz sem anexações, nem indenizações e reconheciam o princípio da livre determinação dos povos. Tudo isto era apenas verbal, mas nós nem uma adesão verbal esperávamos. A hipocrisia é o tributo que o vício rende à virtude. O fato de os imperialistas alemães considerarem necessária esta reverência aos nossos princípios democráticos, era bem significativo, relativamente ao estado interno da Alemanha. Não passando, porém, de limites moderados, as próprias ilusões acerca das tendências democráticas de Kühlmann e Czernin, tão conhecida era a natureza das classes dirigentes da Alemanha e Áustria, devemos reconhecer que a nossa previsão não chegou

a supor que as proposições dos imperialistas alemães se afastassem tanto das fórmulas apresentadas por Kühlmann no dia 12, como uma espécie de plágio dos princípios da Revolução russa. Nós, certamente, não estávamos preparados para tal atrevimento.

As classes trabalhadoras da Rússia impressionaram-se muito com a resposta de Kühlmann e viram nela o medo das classes dominantes dos Impérios Centrais frente ao descontentamento e à crescente inquietude do povo. No dia 15 de dezembro, Petrogrado assistiu a uma gigantesca manifestação de operários e soldados a favor da paz democrática. Porém, na manhã seguinte, os nossos delegados chegaram de Brest-Litovsk trazendo os pedidos que Kühlmann tinha apresentado em nome dos Impérios Centrais, como interpretação de suas fórmulas democráticas.

À primeira vista pode parecer difícil compreender a tática de diplomacia alemã, apresentando essas fórmulas democráticas apenas para revelar, dois ou três dias depois, o ponto a que chegavam os seus propósitos brutais.

Os debates teóricos acerca das fórmulas democráticas, iniciados, em grande parte, pelo próprio Kühlmann, podiam parecer um jogo perigoso. Não era preciso um gênio muito perspicaz para prever que a diplomacia alemã não seria coroada de louros. Todo o segredo da tática de Kühlmann estava radicado na sua convicção de que nós estávamos dispostos a dançar ao som da música que ele executasse.

O seu pensamento íntimo era este: a Rússia precisa conseguir a paz e os bolchevistas não querem abandonar o poder. Para conservarem o poder os bolchevistas têm de assinar a paz com a Alemanha. É certo que os bolchevistas tinham formulado um programa de paz democrática; mas para que servem os diplomatas senão para converterem o preto em branco? Os alemães facilitariam a combinação bolchevista, ocultando o espólio sob uma aparência democrática. A diplomacia bolchevista tinha um grande interesse em não aprofundar demasiado, até pôr à prova a essência política das suas sedutoras fórmulas ou, mais exatamente, em não revelar a verdadeira natureza destas fórmulas. Em suma, Kühlmann acalentava a esperança de chegar a um acordo tácito conosco. Falaria a nossa linguagem e, através dessa amabilidade, entregaríamos províncias e nações aos impérios centrais. Como não protestaríamos, a anexação violenta ficaria justificada aos olhos das classes trabalhadoras da Alemanha pela sanção da Revolução russa.

Quando, no decorrer das negociações, dissemos claramente que não iríamos discutir fórmulas ocas nem colocar biombos que permitissem tagarelar impunemente, mas assentar os fundamentos de uma convivência honrada das nações, Kühlmann sentiu-se tão ofendido como se tivéssemos violado maliciosamente um acordo reservado. Não se afastou um milímetro da fórmula de 25 de dezembro. Confiando nela fez tudo o que foi possível para convencer o mundo de que o branco e o preto não diferem e que se nós afirmávamos outra coisa era com intenção de enganar.

O Conde Czernin representante da Áustria-Hungria, desempenhou nas negociações, um papel que não se pode qualificar de digno. Era um

simples assistente de Kühlmann. Nos momentos críticos chegou às declarações mais violenta e cínicas. O General Hoffmann⁶⁴ dava uma nota reconfortante às negociações. Não mostrava acatar muito as delicadezas diplomáticas de Kühlmann e às vezes “batia o pé”. Era a única realidade digna de ser tomada em conta.

A presença dos representantes da Rada de Kiev nas negociações servia de ajuda a Kühlmann. Para a pequena burguesia da Ucrânia, que então ocupava o poder, não havia nada mais importante do que ser reconhecida pelos governos capitalistas da Europa. No princípio, a Rada ofereceu a sua colaboração aos imperialistas aliados e foi lhe dada uma recompensa. Depois enviou delegados a Brest-Litovsk para que os governos austro-alemães reconhecessem como legal o seu aparecimento, pelas costas dos povos da Rússia. Desde os seus primeiros passos nas relações internacionais, os “diplomatas” de Kiev revelaram-se possuidores das mesmas ideias e da moral que sempre caracterizou os pequenos políticos do Balcãs.

Os senhores Kühlmann e Czernin não tinham muita fé na contribuição que podia ser dada por aquele novo jogador da comédia diplomática, mas não se enganavam ao pensar que a presença da delegação de Kiev, uma vez que complicava as negociações, dava a estas uma inclinação mais favorável à causa que eles defendiam. Mal se apresentaram em Brest-Litovsk, os delegados de Kiev definiram seu papel declarando que a Ucrânia era um Estado da nascente República Federal da Rússia. Isso criou uma situação embaraçosa para os diplomáticos das potências centrais, cujo propósito era a balcanização da Rússia. Contudo, na segunda conferência que participaram, os representantes da Rada declararam, por inspiração da diplomacia austro-alemã, que daquele momento em diante, a Ucrânia não desejava seguir formando parte da Federação Russa, e se declarava uma república independente. Para que os meus leitores tenham uma ideia clara da situação que ocupava o governo soviético na última fase das negociações, considero conveniente reproduzir as principais passagens do discurso que pronunciei na qualidade de Comissário do Povo para as relações exteriores, na sessão celebrada pelo Comitê Executivo Central de 14 de fevereiro de 1918.

Discurso do Comissário do Povo para as Relações Exteriores:

“Camaradas:

A Rússia soviética não está obrigada apenas a construir o novo, mas a liquidar o velho. Grande parte de seus esforços deve ser dedicado a pagar dívidas antigas e entre elas as desta guerra, que já dura três anos e meio. A guerra foi uma terrível prova para a resistência econômica das nações beligerantes. A sorte da Rússia, país pobre e atrasado, estava predeterminada numa guerra de longa duração. O papel decisivo coube, em última instância à capacidade de cada nação de adaptar num breve

64 **Hoffmann, Max** (1869-1927): General que, na companhia do secretário de assuntos exteriores Kühlmann, encabeçou a delegação alemã nas negociações de paz que ocorreram em Brest-Litovsk. Dirigiu a Frente Leste dos exércitos alemães.

período, a sua indústria, colocando-a a serviço do mecanismo militar, isto é, para produzir, cada vez com mais rapidez e numa quantidade cada vez maior, os elementos de destruição incessantemente empregados na horrorosa matança entre nações. Durante os primeiros tempos da guerra, todos os países, ou quase todos ao menos, ainda os mais atrasados, possuíam meio poderosos de destruição, já que bastava pedi-los no exterior. Todos tinham, pois, estes meios, até a Rússia.

Mas a guerra consumia todos os capitais mortos e era necessário renovar a produção. A potência militar de cada uma das nações arrasadas para o torvelinho da guerra mundial era medida pela capacidade construtora de canhões, granadas e outros meios de extermínio com os próprios recursos e enquanto a guerra continuava. Se esta nação tivesse resolvido a questão do equilíbrio de forças num breve tempo, falando teoricamente, poderia sair vitoriosa. Mas a guerra se prolongou, e não por mero acaso. Tinha que ser necessariamente longo, pelo simples fato de que durante meio século, toda a política internacional foi reduzida ao estabelecimento do chamado equilíbrio, ou seja, da igualdade máxima de forças militares entre os adversários. O primeiro e o mais notável dos resultados deste antecedente haveria de ser o esgotamento dos países mais pobres, dos menos desenvolvidos economicamente.

Militarmente, a Alemanha era a nação mais poderosa, graças ao extraordinário desenvolvimento de sua indústria e a coexistência da estrutura racional, moderníssima, dessa indústria, com sua arcaica estrutura política. A França, com seu sistema econômico amplamente baseado na pequena produção, estava muito longe de nivelar-se com Alemanha, e até o poderoso império colonial da Inglaterra mostrou-se mais débil que a Alemanha pelo caráter conservador e rotineiro de suas indústrias.

Quando a vontade histórica impôs à Rússia o início das negociações de paz, não tínhamos a menor dúvida de que, ao não intervir a força decisiva do proletariado revolucionário internacional, haveríamos de pagar integralmente as consequências de três anos e meio de guerra. Sabíamos perfeitamente bem que o imperialismo alemão era um inimigo consciente de sua força colossal, como o demonstrou, com deslumbrante evidência, a presente guerra.

Os argumentos das camarilhas e círculos burgueses que defendem que teríamos muito mais força se houvéssemos realizado negociações de paz conjunta com nossos aliados, padecem de um erro fundamental. Para ser capaz, no futuro, de estar junto a nossos aliados em negociações de paz, seria necessário, em primeiro lugar, que estívéssemos com eles na guerra. Mas, dada a debilidade e o esgotamento do nosso país, a continuação da guerra deveria produzir uma maior debilidade e um maior esgotamento. Assim, deveríamos, mais tarde, pagar os custos da guerra em condições ainda mais desfavoráveis. E ainda que houvesse saído vitoriosa a coligação militar ao qual estávamos atrelados pelas intrigas internacionais do czarismo e da burguesia - isto é, o bando encabeçado pela Grã-Bretanha - ainda que, supondo, essa coligação tivesse saído completamente vitoriosa - eventualidade que concebo mo-

mentaneamente, e que é improvável -, não significaria isso, camaradas, que nosso país sairia vitorioso também, pois dentro da vitória da Entente, a Rússia teria ficado em condições de maior ruína e esgotamento que as atuais. Os líderes deste campo, Inglaterra e Estados Unidos, que recolheriam os frutos da vitória, teriam empregado com nosso país os mesmos métodos que Alemanha empregou nas negociações de paz. Seria de uma estupidez infantil crer que a política dos países imperialistas pode ter outras premissas que não aquelas do interesse descarado e da força material. Daí é possível deduzir que se nós, como nação, somos hoje débeis frente o mundo imperialista, não o somos porque rompemos o círculo de ferro da guerra, depois de haver sacudido as cadeias das obrigações militares. Somos fracos, porque a política do czarismo e da burguesia nos colocou nesta condição, contra a qual combatemos como partido revolucionário, antes da guerra e depois de haver começado as hostilidades.

Recordem-se, camaradas, em que condições partiram os nossos delegados em Brest-Leitos, imediatamente depois de uma sessão do III Congresso dos Sovietes. Havíamos dito qual era o estado das negociações e até onde chegavam as exigências do inimigo. Recordem-se que eles nos pediam a anexação disfarçada, ou meio disfarçada, da Lituânia, da Curlândia, de parte de Livônia, das ilhas do estreito de Moonsound e uma indenização semimascarada que estimamos em cerca de 6 a 8 ou até mesmo 10 bilhões de rublos. Durante a suspensão das negociações, que duraram dez dias, explodiram sérios distúrbios na Áustria-Hungria, e houve greves operárias que nos indicavam que a proletariado das potências centrais, compreendia os nossos métodos diplomáticos frente às exigências anexionistas do imperialismo. A imprensa burguesa distorce os fatos quando afirma que necessitamos de dois meses de “negociações” com Kühlmann para descobrir que os imperialistas alemães se comportariam como bandidos. Não, isso já sabíamos de antemão. Mas nós procurávamos utilizar as “negociações” com os representantes do imperialismo alemão, para fortalecer as forças que lutavam contra ele. Não prometíamos fazer milagres, mas afirmávamos que nosso método era o único de que podia dispor a democracia revolucionária para assegurar seu futuro desenvolvimento. Podemos nos queixar que o proletariado dos outros países, e especialmente o dos impérios centrais, caminha muito lentamente rumo ao estado de aberta luta revolucionária. Sim, o ritmo dos seus passos é lento demais. Mas já vimos na Áustria-Hungria um movimento que assumiu as proporções de um fato nacional e que se produziu como resultado direto e imediato das negociações de Brest-Litovsk.

Antes de partirmos daqui, discutimos a situação e vimos que não havia razão para acreditar que a nova ofensiva das massas faria naufragar o militarismo austro-húngaro. Se estivéssemos convencidos do contrário, teríamos formulado o protesto que certas pessoas pediam de nós, isto é, a de não assinar uma paz em separado com Alemanha. Eu disse então que era impossível formular esse protesto, equivalente a aceitar o compromisso de travar a guerra com o imperialismo alemão e derrotá-

lo. Não tínhamos os elementos para alcançar essa vitória, e estando na impossibilidade de alterar o equilíbrio e a correlação de forças com as potências mundiais, a curto prazo, declaramos aberta e honradamente que o governo revolucionário poderia se ver obrigado, pelas circunstâncias, a aceitar uma paz de anexações. Não a aceitação de uma paz que nos era imposta pelos acontecimentos, mas a tentativa tão somente de ocultar seu caráter de rapina aos olhos do nosso povo, era o que verdadeiramente poderia pôr fim ao governo revolucionário.

Anunciamos então que partíamos para Brest com a finalidade de continuar as negociações em circunstâncias que nos pareciam ser mais favoráveis a nós e menos vantajosas aos nossos adversários. Acompanhá-vamos com atenção os acontecimentos na Áustria-Hungria, e alguns eventos nos davam motivos para crer que a Alemanha estava também próxima de ser teatro de acontecimentos da mesma ordem, segundo podíamos deduzir das insinuações feitas pelos oradores socialistas no Reichstag. Tais eram as nossas esperanças. Logo depois, durante a segunda estada em Brest, o telégrafo sem fio nos trouxe de Vilna, as primeiras notícias da grande greve que havia estourado em Berlim, greve que, como o movimento da Áustria-Hungria, era resultado de negociações de Brest-Litovsk. Mas, como acontece frequentemente, por uma virtude dialética dos fios que unem a luta entre as classes, precisamente o poderoso levante do proletariado, como nunca se tinha visto na Alemanha, despertou as classes proprietárias e as uniu em uma atitude mais irreconciliável ainda.

Essas classes tinham um instinto de conservação suficientemente vivo para compreender que as concessões, ainda que parciais, outorgadas em tais circunstâncias, teriam sido uma capitulação frente ao espectro da revolução. Esta é a razão de que, passado o primeiro período de desordem nas conferências - na qual Kühlmann seguia a tática dos atrasos intencionais, seja com os adiamentos das sessões, seja pondo sobre a mesa questões secundárias de forma - e considerando, o representante alemão, que, por ora, seus amos estavam fora de perigo, dado que se havia reprimido o movimento grevista, tenha voltado a ter confiança em si mesmo e assumido novamente, uma atitude agressiva. As negociações foram complicadas ainda, pela intervenção da Rada de Kiev. Já dissemos anteriormente que os delegados da Rada se apresentaram quando sua força de organização era grande e quando a vitória ainda não havia se resolvido. Fizemos uma proposta oficial à Rada para que pactuasse conosco um acordo definitivo, cujos pontos essenciais seriam declarar Kaledin e Kornilov como inimigos da revolução, e que se abstivessem de intervir em nossa luta contra eles. Os delegados de Kiev chegaram quando nossas esperanças eram as maiores de fechar este acordo que nos beneficiaria. Havíamos dito, claramente à Rada que se ela fosse reconhecida pelo povo ucraniano, a admitiríamos nas conferências como membro independente. Mas, à medida que os acontecimentos se desenvolviam na Rússia e na Ucrânia, e que os antagonismos entre as massas trabalhadoras e a Rada se aprofundavam, tanto mais os delegados desta aumentavam sua disposição em favor de uma paz,

a qualquer preço, com as potências centrais, e a solicitar que, em caso de necessidade, o imperialismo germânico pudesse intervir nos assuntos internos da República da Ucrânia, a fim de apoiar a Rada contra a Revolução Russa.

No dia 9 de fevereiro (data do calendário moderno) soubemos que a negociação de paz entre a Rada e as potências centrais havia ocorrido nas nossas costas. O dia 9 de fevereiro era o aniversário do príncipe Leopoldo da Baviera e, segundo o costume dos países monárquicos, a cerimônia histórica da assinatura do tratado foi fixada para este dia festivo. Ignorávamos se o acordo desta data havia sido feito contando com a vontade da Rada, ou sem solicitar seu consentimento. O General Hoffmann ordenou que houvesse salvas de tiros da artilharia em honra do príncipe e pediu previamente o consentimento dos ucranianos, pois segundo o tratado, Brest-Litovsk se incorporaria à Ucrânia.

Porém, precisamente no momento em que o General Hoffmann solicitava a permissão para as salvas de tiros em homenagem a Leopoldo, os acontecimentos passaram por tal reviravolta que, salvo Brest-Litovsk, muito pouco território sobrava em poder da Rada. Baseando-nos em telegramas que acabávamos de receber de Petrogrado, notificamos oficialmente aos representantes das potências centrais que a Rada de Kiev havia deixado de existir, fato cuja significado não poderia ser estranho ao desenvolvimento das negociações de paz. Propusemos ao conde Czernin o envio de representantes, acompanhados de oficiais nossos, para que visitassem o território da Ucrânia e pudessem saber se existia ou não, a sua associada Rada de Kiev. Czernin pareceu, em princípio, aceitar a ideia, mas quando lhe dissemos que a assinatura do tratado com a delegação de Kiev não deveria ser feita antes do regresso de seus enviados, começou a vacilar, respondendo que discutiria o assunto com Kühlmann. Ele acabou por abandonar completamente a ideia. Isto ocorria em 8 de fevereiro, e no dia seguinte foi assinado o tratado. A cerimônia não podia ser atrasada, em primeiro lugar por ser o aniversário do príncipe Leopoldo, e em segundo lugar por uma circunstância muito séria que, naturalmente, Kühlmann havia explicado a Czernin nestes termos:

“- Se enviamos nossos representantes a Kiev, e estes confirmam que Rada já não existe, será necessário que nos entendamos somente com os representantes russos, o que nos poria em situação desfavorável para o bom êxito das negociações”.

Os delegados austro-húngaros nos disseram:

“- Abandonem o terreno dos princípios; situem-se no da realidade. Se o fizerem, os delegados alemães procurarão chegar a um acordo com vocês. É impossível que os alemães queiram continuar a guerra apenas para obter as ilhas Moonsund, desde que vocês formulem suas condições em termos mais concretos...”

Nós respondemos:

“- Muito bem. Estamos dispostos a assumir uma atitude que ponha a prova os sentimentos benévolos de nossos colegas, os delegados ale-

mães. Até hoje estamos discutindo o direito dos lituanos, dos poloneses, dos letões e dos estonianos a disporem de si próprios, e estamos persuadidos de que não existe probabilidade de alcançar esse objetivo, por se tratar, por acaso de nações muito pequenas. Agora vejamos que classe de livre disposição de si mesmos concedem a outro povo, ao povo russo, e quais são os planos de estratégia militar que se escondem por trás da ocupação das ilhas Moonsound. Estas ilhas, são parte da República da Estônia, como possessão da República Federal Russa, tem um valor defensivo, enquanto que em poder da Alemanha constituem um meio ofensivo, uma ameaça aos centros vitais de nosso país, e especialmente a Petrogrado”.

Naturalmente, Hoffmann não tinha a intenção de fazer a concessão mais insignificante. E chegou o momento decisivo. Nós não podíamos declarar a guerra; éramos muito fracos para isso. O exército se achava em um estado de completa dissolução interna. Para salvar nosso país da ruína, era necessário reforçar a organização interior das classes trabalhadoras. Esta união moral só podia ser realizada unicamente através de uma obra construtiva nos povoados, nas oficinas e nas fábricas. As massas que haviam atravessado a época colossal de misérias e catástrofes de guerra eram chamadas pelos centros de trabalho, onde rejuvenesceriam moralmente e encontrariam disciplina perdida. Não havia outro caminho de salvação para o país, a quem se exige a expiação dos pecados cometidos pelo czarismo e a burguesia. Tínhamos a obrigação de libertarmos-nos da guerra e de retirar nosso exército do matadouro. Ao fazê-lo, nos dirigíamos ao imperialismo germânico para dizer-lhes:

“- A paz que nos impõe é uma paz de violência e rapina. Não autorizamos que seus diplomatas digam à classe operária alemã que a Revolução Russa aceitou as suas exigências, condenadas pelo proletariado alemão. Sim; somos fracos; não podemos lutar atualmente; mas nos sobra valor revolucionário para dizer-lhe que nossa livre vontade não aceita as condições escritas por sua espada sobre as carnes palpitantes dos povos”.

Não assinamos, e acredito, camaradas, que cumprimos com nosso dever.

Camaradas:

Eu não digo que um ataque alemão contra nós seja impossível. Tal afirmação seria muito arriscada, especialmente se considerarmos o poder do partido imperialista alemão. Mas também creio que pela posição que temos tomado nesta matéria, em grande medida ampliaram-se as dificuldades do militarismo alemão. O que aconteceria se eles avançassem? Esta pergunta tem uma só resposta. Se ainda é possível levantar o espírito nos elementos mais revolucionários e são de nosso esgotado país, reduzido como está ao desespero; se é possível que a Rússia se levante em defesa de nossa revolução, o será somente como resultado da situação presente, como resultado de nosso abandono do campo de batalha e de nossa negativa a assinar o tratado de paz”.

32 - A segunda guerra e assinatura do tratado de paz

Nos primeiros dias depois da ruptura das negociações, o governo alemão sentiu-se vacilante. Não se atrevia a tomar uma posição determinada. Parecia aos políticos e diplomatas que o principal estava feito; que não era necessária a nossa assinatura.

Contudo, os militares mostravam-se dispostos a quebrar o marco do tratado Brest-Litovsk. O professor Kriege, consultor da delegação alemã, disse a um dos nossos delegados que, dadas as circunstâncias, não poderia repetir-se uma ofensiva alemã contra a Rússia. O Conde Mirbach⁶⁵, que chefiava a missão alemã em Petrogrado, foi para Berlim assegurando-nos que se havia chegado a um acordo satisfatório quanto à permuta dos prisioneiros de guerra. Mas, nada disto impediu que o general Hoffmann - cinco dias depois de desfeitas as negociações - anunciasse que o armistício de sete dias tinha terminado, contando os dois anteriores, já que a sua notificação condicional se fez no dia da última reunião de Brest. Não vale a pena perder tempo com desabafos de justa indignação por este ato desonroso, inteiramente de acordo com a moral militar e diplomática das classes dominantes.

A nova ofensiva alemã desenvolveu-se em condições mortais para a Rússia. Em vez de sete dias concedidos, só tivemos dois. Isto semeou o pânico nas fileiras do exército, já em estado crônico de dissolução. Nem se podia falar de resistência. Os soldados não acreditavam no avanço alemão, depois de nós próprios lhes termos anunciado o fim da guerra. A desmoralização da retirada paralisou até mesmo a vontade dos regimentos que tinham o propósito de ocupar posições de combate.

⁶⁵ Nos bairros operários de Petrogrado e Moscou, a indignação provocou a morte de **Mirbach, Wilhelm von** (1871-1918): Embaixador alemão em Moscou, foi assassinado em 1918 pelos socialistas revolucionários, que esperavam, com isso, desencadear a guerra entre Alemanha e a URSS.

cada pelo ataque traidor e autenticamente pirata do exército alemão foi sem limites. Os operários, às dezenas de milhares, alistavam-se para a luta. Mas faltava o indispensável para a organização. As guerrilhas independentes, cheias de entusiasmo, sentiam-se incapazes de agir com eficácia e constataavam a sua impotência nos primeiros encontros com as forças regulares do inimigo. Isto, naturalmente, aumentava a depressão. O antigo exército, já ferido de morte, caía aos pedaços e obstruía todas as vias de comunicação. O novo exército ia se formando com extrema lentidão pelas dificuldades provenientes do esgotamento do país, da espantosa desorganização da indústria e dos transportes. O único obstáculo sério que se opunha aos alemães era o das enormes distâncias...

A Áustria-Hungria não afastava os olhos da Ucrânia. A Rada valera-se dos seus delegados para pedir o auxílio dos Impérios Centrais contra o regime soviético, já vitorioso em todo o território ucraniano.

Era assim que a democracia dos pequenos burgueses ucranianos abria voluntariamente as portas à invasão estrangeira para se defender contra os operários e camponeses.

Naqueles dias o Governo de Svinhud procurava a proteção das baionetas alemãs contra o proletariado finlandês. Deste modo e, abertamente, à face de todo o mundo, o militarismo alemão assumiria o papel de executor dos operários e camponeses revolucionários da Rússia.

No nosso partido houve uma ardente discussão sobre a conveniência de nos submettermos ao ultimato alemão e assinar um novo tratado que impunha condições ainda mais pesadas do que o de Brest-Litovsk. Sobre isso não havia discrepâncias de opinião. Os representantes de uma ala do partido consideravam que em face da intervenção armada dos alemães nas lutas internas que se desenvolviam no território da República Russa, era absurdo aceitar um tratado de paz só aplicável a uma parte do território e assistir passivamente, os esforços das tropas alemãs que estabeleceriam a ditadura burguesa no norte e no sul. Outra corrente de opinião, chefiada por Lênin, defendia que qualquer intervalo, simples respiração, por pequena que fosse, teria um valor inestimável para a consolidação interna da Rússia e para a restauração da sua capacidade de defesa. Dada a nossa absoluta impossibilidade de defesa frente aos ataques do inimigo, fato tragicamente visível por todo o povo e por todos os povos da terra, a aceitação da paz seria compreendida como imposição, obra da lei draconiana proveniente da correlação de forças. Seria pueril conservar como base dos nossos atos a moralidade abstrata da revolução. O problema não era morrer com honra, mas sobreviver para a vitória futura. A Revolução Russa deseja viver, deve viver, e para isso deve recusar qualquer batalha superior às suas forças. Deve ganhar tempo até que se produza o movimento revolucionário do mundo ocidental.

O imperialismo alemão sustentava uma dura luta, contra o mili-

tarismo britânico, francês e norte-americano. Só por esta razão era possível pactuar a paz entre a Alemanha e a Rússia. Devíamos aproveitar a situação. Era imperioso assegurar o êxito da revolução, lei suprema da nossa conduta. Aceitando uma paz que não podíamos recusar, ganharíamos tempo empregando-a numa obra intensiva em que se incluía a reorganização do exército.

No Congresso do Partido Comunista e no IV Congresso dos Soviéticos⁶⁶ predominou o voto favorável à assinatura da paz. Muitos que se opunham à aceitação do tratado em janeiro, agora eram de opinião que se concluísse a paz.

“Então – diziam – a nossa aceitação do tratado teria significado, aos olhos dos operários ingleses e franceses, uma miserável capitulação, sem qualquer tentativa de combate. Mesmo as baixas insinuações dos chauvinistas ingleses e franceses sobre maquinações secretas do governo soviético com os alemães, viriam a ter credibilidade, em determinadas camadas das classes trabalhadores da Europa Ocidental, se tivéssemos assinado a paz naquele tempo. Porém, depois da nossa negativa e depois de novas operações organizadas contra nós, depois da resistência que tentamos e da constatação da nossa fraqueza, fatos que todo o mundo via com clareza, ninguém podia nos acusar de uma capitulação sem luta”

O tratado de Brest-Litovsky, segunda edição do primeiro, corrigida e aumentada, foi devidamente assinado e ratificado.

Entretanto, na Ucrânia e na Finlândia, os lacaios do carrasco alemão prosseguiram a sua triste tarefa, ameaçando cada vez mais, os centros vitais da grande Rússia. Assim, a existência da própria Rússia como país independente, ficou ligada indissolivelmente à causa de uma revolução europeia. O curso dos acontecimentos haveria de o demonstrar.

66 Em 1918, o Partido Bolchevique mudou seu nome para Partido Comunista da Rússia e em seguida para Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O IV Congresso dos soviéticos realizou-se a 15 de março de 1918 e ratificou o tratado de paz de Brest-Litovsk.

33 - Conclusão

O nosso partido tomou as rédeas do governo conhecendo as dificuldades que encontraria. Na guerra o país tinha se esgotado economicamente até ao último extremo. A revolução tinha destruído a velha máquina administrativa. Milhões de operários foram arrancados do seu ambiente e consumidos moral e mentalmente por três anos de guerra. Uma luta colossal, sustentada com base num desenvolvimento econômico insuficiente, tinha sugado a seiva vital da nação e a desmobilização trouxe dificuldades enormes.

Os camponeses russos, durante séculos e séculos estiveram sujeitos à bárbara tirania da terra que os unia em massas e sentiram sobre as suas cabeças a mão de ferro do czarismo. Desapareceram estas duas forças coercitivas sobre a terra e a liberdade individual: uma pela ação do desenvolvimento econômico; outra, pelos esforços da revolução que, psicologicamente, significou o despertar das massas camponesas para as ideias do individualismo. A forma anárquica de despertar foi uma resultante inevitável da opressão anterior. Uma nova ordem apenas será possível baseada numa produção comandada pelos próprios trabalhadores, libertos das forças anarquistas da revolução.

Por outro lado, as classes ricas, privadas do poder, não abandonaram as suas posições sem luta. A revolução apresentou, de forma aguda, o problema da propriedade privada das terras e dos meios de produção. Em outras palavras, um problema de vida ou de morte para as classes dominantes. Politicamente, isso significou a guerra civil mais violenta, quer se fizesse abertamente, quer de um modo oculto. Por sua vez, a guerra civil levantou tendências anarquistas entre as classes trabalhadoras.

Desorganizada a propriedade, a indústria, os transportes e o abastecimento de gêneros, o prolongamento da guerra civil traria dificuldades gigantescas à obra de reorganização. O regime

soviético, sem dúvida, lançou confiantemente os seus olhares para o futuro. Apenas um inventário exato dos recursos nacionais, ou um plano de reconstrução sobre a base geral de produção organizada, com uma distribuição prudente e econômica de todos os produtos, poderia salvar o país. É isto, precisamente, o que se chama socialismo. Ou desceríamos ao nível de uma simples colônia ou nos transformávamos no sentido socialista. Tal era a alternativa.

A guerra tinha solapado os fundamentos do capitalismo e a isso se devia a nossa força invencível. O cerco imperialista, que ainda nos rodeia, será desfeito por uma revolução proletária. Não temos nenhuma dúvida sobre isso, como não tínhamos a respeito da queda do czarismo, durante os longos decênios de nossa ação subterrânea.

Lutar, estreitar nossas fileiras, estabelecer a disciplina do trabalho e da ordem socialista, aumentar a produtividade do trabalho, sem retroceder frente a nenhum obstáculo: este é o nosso lema. A história está do nosso lado. Mais cedo ou mais tarde, na Europa e na América, há de estalar uma revolução proletária que trará a liberdade não só a Ucrânia, a Polônia, a Curlândia e a Finlândia, mas para toda a humanidade sofrida!